



Revista da
**ACADEMIA
MINEIRA
DE LETRAS**

Ano 79º — Volume XXII — Setembro de 2001

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Fundada em 25 de dezembro de 1909
Rua da Bahia, 1466 – Tele-fax (31) 3222-5764
CEP 30160-011 – Belo Horizonte - MG

Diretoria:

Presidente - *Murilo Badaró*
Vice-presidente - *Miguel Augusto Gonçalves de Souza*
Secretário - *Aloísio Teixeira Garcia*
Tesoureiro - *Márcio Garcia Vilela*

REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

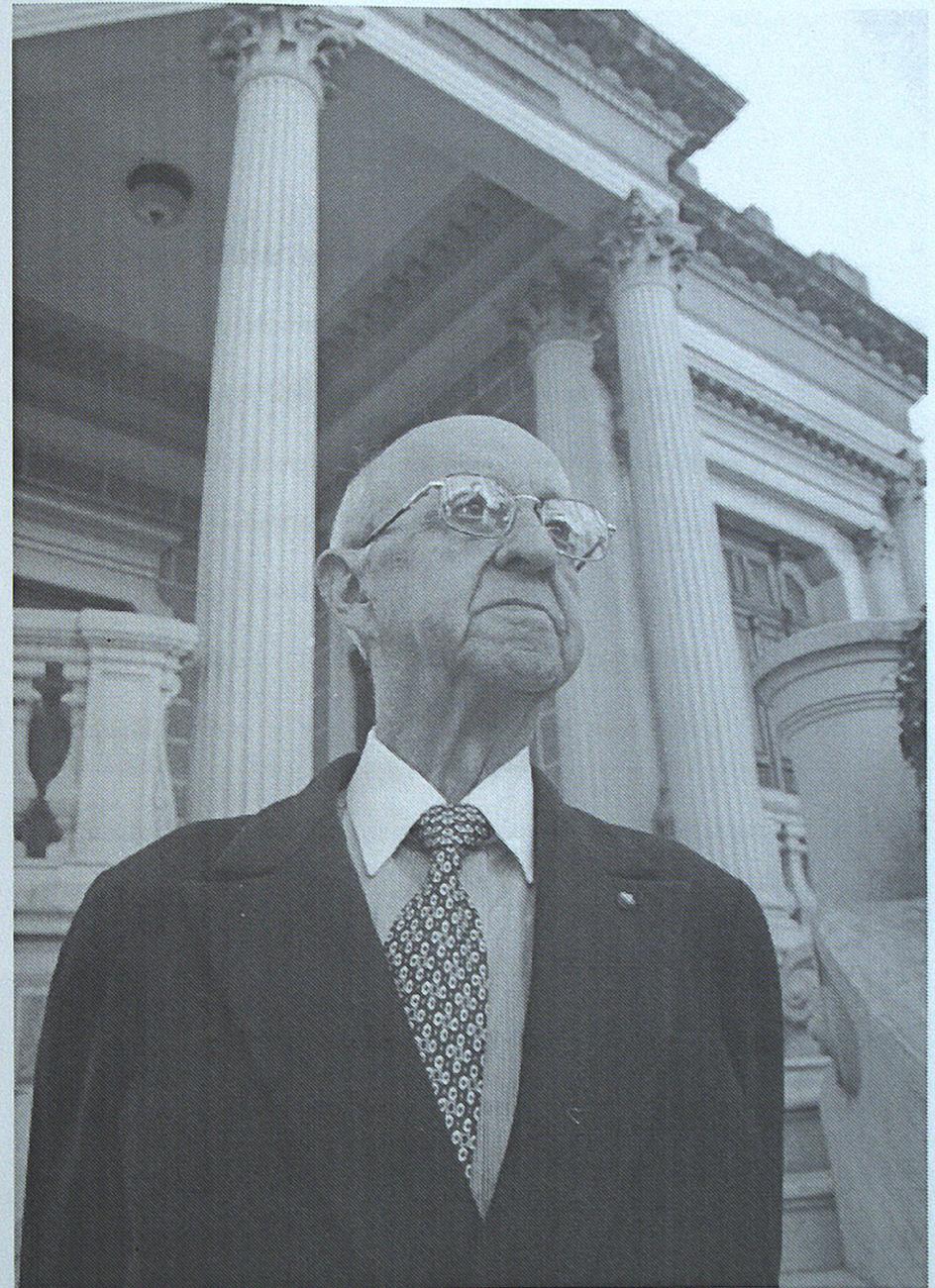
Publicação semestral (março e setembro)
Diretor: *Murilo Badaró*
Conselho Editorial: *Raul Machado Horta, Aluísio Pimenta, Eduardo Almeida Reis*
Editor Geral: *José Bento Teixeira de Salles*
Revisão: *Pedro Sérgio Lozar*
Capa: *Hélio Faria*
Digitação: *Marília Moura Guilherme*
Formatação e Impressão: *Imprensa Oficial de Minas Gerais*

Ficha Catalográfica

Revista da Academia Mineira de Letras Ano 79º. Volume XXII
Revista da Academia Mineira de Letras/ Academia Mineira de Letras / v. X set/mar.
2001/2002. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2001.

Fundada em 1922
Periodicidade semestral 2001

1. Literatura - Periódico. 2. Obras Literárias. I. Academia Mineira de Letras.



Presidente Perpétuo Vivaldi Moreira

ÍNDICE

Apresentação - <i>Murilo Badaró</i>	7
Presidente Vivaldi Moreira - <i>Murilo Badaró</i>	9
Vivaldi e sua Quinta Estação - <i>José Maria Couto Moreira</i>	13
Abgar Renault, Poeta sem Rótulos - <i>Solange Ribeiro de Oliveira</i>	17
João Alphonsus, o Escritor Urbano - <i>Elizabeth Rennó</i>	33
Madrigal do Complexo Pernetá - <i>João Alphonsus</i>	45
Centenário de Murilo Mendes - <i>Creuza Cavalcanti França</i>	47
Henriqueta Lisboa e sua Interação Poética com Mário de Andrade - <i>Fábio Lucas</i>	69
Três Tempos - Alphonsus de Guimaraens, João Alphonsus e Alphonsus Filho	75
Nas Estradas da Filosofia - <i>Padre Paschoal Rangel</i>	83
Litogravura (Ilustração) - <i>Amilcar de Castro</i>	95
A Alca e a Cultura Nacional - <i>Aluísio Pimenta</i>	97
A “Contribuição” do Mestre Edgar - <i>Márcio Garcia Vilela</i>	105
Gonzaga em Russo - <i>Pedro Sérgio Lozar</i>	109
Metempsicose - <i>Soares da Cunha</i>	117
Crônica Também é Serviço - <i>Eduardo Almeida Reis</i>	119

APRESENTAÇÃO

Murilo Badaró

Presidente da Academia Mineira de Letras

A Academia Mineira de Letras retoma neste início do século XXI a publicação de sua prestigiada *Revista*, que durante anos acolheu o que de mais expressivo produziu a intelectualidade mineira. Por longos anos, foi a publicação uma referência obrigatória entre suas congêneres, divulgando ensaios, artigos e estudos dos membros da Academia Mineira de Letras e abrindo espaços a quantos podiam oferecer sua valiosa contribuição às letras estaduais e nacionais.

A tarefa de fazê-la novamente circular está entregue às mãos competentes e à mente lúcida do acadêmico José Bento Teixeira de Salles, experimentado jornalista de larga militância na imprensa mineira. Esperamos mantê-la de agora para frente numa frequência semestral, até podermos imprimir pelo menos quatro números anuais.

Todos sabemos que não é fácil esta empreitada. Além dos custos materiais de vulto, não menores são as dificuldades decorrentes de um tempo marcado pela agitação que a tudo atropela, retirando das pessoas a tranquilidade indispensável ao exercício e cultivo das boas letras.

Temos esperança de que o obstáculo da angústia do tempo seja ultrapassado, para sermos gratificados com contribuições intelectuais à altura da tradição da cultura mineira.

É de nosso desejo facultar o acesso dos universitários às suas páginas, magnífica forma de estimulá-los ao estudo e ao desenvolvimento do espírito de pesquisa, bem como a todas as correntes de opinião que, em Minas, atuam e desenvolvem suas atividades em ambiente de plena liberdade.

Finalmente, tanto a própria instituição como a *Revista da Academia Mineira de Letras* estão abertas às críticas e sugestões, tudo afinado ao nosso melhor propósito de fazê-las um permanente fórum de debates das idéias que interessam à sociedade mineira e brasileira.

Agradecemos a quantos estão colaborando conosco para o sucesso desta obra, que teve a inspirá-la o permanente vulto de Vivaldi Moreira, sempre presente na nossa lembrança e na nossa saudade.

PRESIDENTE VIVALDI MOREIRA*

Murilo Badaró

O ano de 2001, que registrou o centenário de nascimento de proeminentes escritores mineiros, assinalou também a lamentada perda do saudoso Vivaldi Moreira, presidente da Academia Mineira de Letras.

Seu falecimento alcançou intensa repercussão nos meios sociais e literários do Estado, em virtude, não apenas das altas funções que exerceu, como principalmente pelos seus excepcionais atributos de caráter, inteligência, altivez, cultura e inquebrantável convicção literária.

Associando-se às homenagens então prestadas a Vivaldi Moreira, a Academia Mineira de Letras promoveu uma sessão especial, além de haver discursado, durante as exéquias, o acadêmico Murilo Badaró. A seguir, publicamos o comovido discurso de despedida preferido pelo novo presidente da AML:

“Ao discursar durante a inumação do acadêmico e seu diletíssimo amigo Moacir Andrade você assim falou: ‘Não sei se terei condições psicológicas de manter essa nossa última conversa. Eis por que trouxe as palavras escritas e nem sei como poderei lê-las. Queria dizer-lhe palavras que viessem à mente, sem nenhuma preparação. Sem nenhum roteiro à frente, sem papel na mão. Verifico que não posso. Ninguém é capaz de conter a emoção diante do corpo inanimado de um ente querido’.

“Repito-as sob impacto do mesmo temor que agora me oprime, de tornar-me impotente em face da forte emoção de que me acho possuído, ao contemplar seu corpo ser levado para a mansão dos mortos desta Casa que foi sua vida, sua obra, sua grande paixão e seu grande amor. Cuidei, meu caro Presidente Vivaldi Moreira, de passar para uma lauda de papel, mesmo molhada de lágrimas que não consegui reter no recesso das pálpebras, a expressão dos

* Discurso pronunciado nas exéquias do Presidente Vivaldi Moreira, em 27 de janeiro de 2001.

sentimentos que envolvem todos os seus confrades, os membros da Academia Mineira de Letras, instituição a que deu o melhor de sua vida.

“Cabe-me a dolorosa tarefa de dizer-lhe adeus em nome de nossa Academia Mineira de Letras, a Academia que você sempre considerou como sua segunda família. Faço-o em nome de seus componentes, todos com os corações ensombrados pela saudade e lanhados de mágoa.

“Dizia Emerson, um dos seus autores prediletos, que as instituições são a sombra dos grandes homens. Esta Academia, da qual foi o mais ilustre e acatado membro e Presidente Perpétuo, refletirá para sempre sua sombra, paradoxalmente expressa numa intensa luminosidade que seu espírito fez e fará pairar pela eternidade do tempo como uma auréola brilhante. Minas Gerais acaba de ficar mais pobre em seu patrimônio moral e intelectual. Por que não assinalar, está também empobrecido o Brasil, igualmente desfalcado de um pensador esclarecido, um escritor de estilo primoroso, elegante e terso, guardião do erário da inteligência mineira que, como acaba de acentuar o Governador Itamar Franco na nota oficial do Governo de Minas, lamentando tão grande perda para o Estado, como poucos soube vivenciar e exprimir as virtudes maiores do modo de ser da gente montanhesa.

“Não é este o momento de, à beira de seu leito mortuário, fazer uma análise crítica de sua obra literária, toda ela mesclada de atualíssimas observações sobre os homens e as coisas de nosso tempo, indicativas de um espírito atilado, atento às transformações que não o afastaram das matrizes fundamentais de sua sólida formação humanista, haurida na leitura dos clássicos e no estudo da História, dos quais extraiu seus pergaminhos de cultura, seu zelo para com a língua, sua intransigente inconformidade com os espíritos ligeiros e destituídos de profundidade.

“Sua notável obra literária assegura-lhe perenidade. A ela se agrega a mais bela de todas as histórias que o mundo apresenta, a história das grandes dedicações, representada na mais completa doação de seu corpo e de sua alma a esta Academia Mineira de Letras, a que entregou os melhores dias de sua vida até vê-la dotada de uma sede condigna de seu vasto patrimônio intelectual e moral.

“Permito-me trazer à colação, para registro histórico, o depoimento constante da nota oficial expedida pelo Governador de Minas a que há pouco me referi, na qual Itamar Franco diz: ‘Pude acompanhar, sobretudo como Presidente da República, seu empenho na implantação da sede da Academia e testemunhar a dedicação com que alcançou as metas traçadas. Ele valorizou a instituição e enriqueceu o acervo da casa com a doação de notável biblioteca. Ali sempre estará o vulto tutelar do autor e mestre’. Esta proclamada verdade nós todos, seus confrades, temos o orgulho de certificá-la.

“Você, caro Vivaldi, fez parte de uma requintada aristocracia do espírito que se vai rareando nos dias de hoje. Permaneceu fiel, não nos sonhos ingênuos da glória, mas aos compromissos que assumiu, no curso de sua vida, com os valores nacionalistas e os sentimentos de liberdade que são o apanágio da gente mineira.

“O mais puro espírito de mineiridade estuava em sua obra, nas atitudes e em tudo o mais a que era propellido a participar, pela fidelidade guardada consigo mesmo no religioso respeito para com a vida. Alimentou seu espírito da melhor seiva nos exemplos herdados na Fazenda do Tanque, de onde hauriu os modelos que lhe serviram de fanal e guia, abastecendo-os dos fortes vigamentos morais em que se assentou, pela obstinação inteligente, a obra que superará as erosões provocadas pela impenitência do tempo.

“Em palavras repassadas de emoção, em agradecimento ao povo de Carangola, um recanto de seus amores, você sentenciou que ‘a inteligência e o trabalho dirigem a humanidade. Inteligência quer dizer clarividência, visão clara da realidade circundante, da conjuntura para agir de acordo com ela. E, depois, mãos à obra. Trabalho, porque só o trabalho ajuda a viver, isto é, acumula provisão para a jornada, transforma-se em história e sem história não vivemos’.

“Trabalhar foi o seu destino, na infatigável faina da elaboração intelectual, tudo elevado aos píncaros da inteligência, da dignidade, da operosidade e da honradez. Sei que apreciava muito a parêmia de que a honra é a única palavra cujos singular e plural jamais estão de acordo. É mais importante viver com honra do que viver com honras. Eis aí o segredo de sua vida de escritor, intelectual, homem público, chefe de família e dirigente: sempre preferiu viver com honra a viver com honras. Por isso recebeu no curso de sua utilíssima existência a láurea mais elevada da dignidade intelectual, além do reconhecimento e do respeito dos coetâneos.

“Minas sem você fica menor. Acabamos de perder uma mente poderosa, capaz das mais altas reflexões e das elaborações mais sofisticadas do espírito. São as letras mineiras que estão de luto. É a inteligência mineira que empobreceu.

“Personalidade multifacetada, Vivaldi Moreira marcou presença pela inteligência e descortino. Advogado, jornalista, servidor público, ministro e presidente do Tribunal de Contas do Estado, foram postos onde prestou os mais relevantes serviços a Minas e ao Brasil, dignificando-os pelo expressivo exemplo de probidade, inteireza moral e desinteresse pessoal.

“Em seu consagrado memorial *O menino da Mata e seu Cão Piloto* você dizia, na despreocupação dos dias felizes e risonhos vividos na Fazenda do Tanque, “não sentir estar construindo a história de um homem simples, mas

consciente diante das tarefas que lhe foram destinadas pela Providência”. Em verdade, o homem simples transformou-se em símbolo de dedicação a Minas, em modelo de trabalhador infatigável na produção intelectual, arquétipo do cidadão e pai de família, líder espiritual de uma geração.

“Por imperativo estatutário terei sobre meus ombros a enorme tarefa de suceder-lhe, porque substituí-lo ninguém jamais o conseguirá fazer, tal a grandiosidade de sua obra, inscrita perpetuamente na memória das gentes e na dimensão das coisas eternas.

“Esteja seguro de que não desonraremos seu nome e muito menos deslustraremos seu trabalho. Você há de ser sempre nossa inspiração e guia.

“Você, meu querido amigo Vivaldi, estará guardado no mais íntimo relicário de nossa afeição. Em nome da Academia Mineira de Letras abraçamos os membros de sua família, certos de que maior consolo não lhes poderia ser dado do que a gloriosa consagração que lhe tributam os mineiros nesta hora triste de despedida.

Vá e descanse em paz, querido amigo”.



A QUINTA ESTAÇÃO DE VIVALDI*

*José Maria Couto Moreira***

Vertendo lágrimas. Foi assim que alinhavi estas palavras que irão prestar-se como nosso agradecimento aos confrades de meu pai na Academia Mineira de Letras, que ora o relembram e o saúdam neste auditório, obra de seu amor à instituição e da defesa indormida de seus interesses.

É confortador para a família ouvir o panegírico aqui entoado. Só assim conseguimos mitigar a imensa saudade que sua ausência nos causa a todos, pois os encômios que lhe dirigem é que atestam o notável patrimônio moral e intelectual por ele legado, e se aliam ao tempo, o único agente capaz de abrandar a dor de seu afastamento.

A família de meu pai agradece, sinceramente, a manifestação laudatória, provinda, também, da generosidade daqueles que com ele conviveram. A par das virtudes de seu intelecto, que lhe valeram o destaque no mundo das letras, o sabiam um homem que se conduzia acima dos entreveros e das diferenças pessoais, negava-se às conspirações e às artes engenhosas por muitos empregadas nas relações humanas.

Quem puder contribuir com seu testemunho real para a composição definitiva sobre a personalidade de meu pai revelará, antes de qualquer outra certificação, sua permanente disposição para a conciliação, muito embora pudesse precedê-la uma afirmativa mais enérgica, por vezes acompanhada de uma adjetivação imprecativa (especialmente com os íntimos), impulsos, aliás, de que não se livram também os imortais. A virtude conciliatória, permitam-me dizê-lo, é a condição primeira para que o postulante à Casa de Alphonsus possa adentrá-la, pois, em corporação tão reduzida, a nobre arte da convivência é

* Discurso de agradecimento, na Academia Mineira de Letras, em sessão solene dedicada à memória do Presidente Vivaldi Moreira em 30 de março de 2001.

** Diretor Geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais

exercício diário e sucessivo. É por isso que meu pai, graças a Deus, deixou a Academia Íntegra em seu espírito associativo, todos em comunhão com seus objetivos estatutários, razão também responsável por sua partida confortadoramente triunfal, que neste momento orgulho-me em recordar.

Minas enlutou-se por três dias por determinação de seu Governador, que mandou também render-lhe honras fúnebres só concedidas a chefe de Estado. Creio ser este – o primado da boa convivência – antes mesmo das profícuas realizações materiais, o maior legado de meu pai a esta seleta e respeitável sociedade de intelectuais a que ele, com imperturbável convicção, denominava senado mineiro.

Duas características pessoais pontilharam a vida de meu pai: a rebeldia e a austeridade. Foi com a disposição sempre pronta para rebelar-se e com o gosto em sujeitar-se a uma vida espartana, herdado da formação de meus avós, que construiu ele a sua existência, e com práticas de rebeldia e austeridade afiançou o futuro de sua família e das instituições em que serviu. Provou logo sua rebeldia ao deixar, com a alma contrafeita, a sua pequena pátria para, no Rio, iniciar o encontro com a educação superior e com as letras, sua verdadeira vocação. Por elas, depois de escolhê-las, por elas se apaixonou, e por elas entregou sua existência, cumprindo o aforismo kierkegaardiano, autor que lhe deu prazer e rumo.

Sem lastro que lhe permitisse uma permanência confortável na cidade, persistiu meu pai na esteira de sua opção, enfrentando e vencendo as dificuldades que o remetiam de volta a seu chão.

No Rio, também integrou as forças estudantis que se rebelavam contra o Estado Novo. Seu esforço em vencer o desafio da cidade grande foi mais uma prova de sua manifesta rebeldia, pois, muito embora seus recursos não lhe franqueassem vida social, aliou-se aos melhores nomes do jornalismo e da política do Rio de então.

Transferindo-se para Belo Horizonte, onde veio a se casar, instalou aqui uma nova trincheira de sua rebeldia, agora neste solo de rebeldia atávica. E, por onde pontificou em mais de meio século, especialmente nas funções públicas que exerceu, patenteou sucessivos atos de rebeldia. Quando na chefia de gabinete dos também saudosos Dr. Magalhães Pinto, ou na de Martins de Oliveira ou mesmo na presidência do Tribunal de Contas, jamais rendeu-se à consumação de um fato que ameaçasse a dignidade de um companheiro ou de um servidor. Tanto na atividade pública, quanto nas relações civis, rebelava-se de pronto, contra quem fosse, para reverter o opróbrio, a torpeza, a indignidade e a infâmia.

Na sua condição de brasileiro, sempre ouvi dele, também, seu protesto sentido e inflamado contra o esmagamento crescente da classe menos favorecida, que, a cada dia, enfrenta a dura realidade da fome, do frio e da miséria. Esta massa enorme de irmãos brasileiros que hoje se reúnem no conceito de excluídos, feria sobremaneira o coração do homem e atormentava o espírito do sociólogo. Vi-o esboçando estratégias para a redução das desigualdades, muitas vezes por elas inculpando o apetite desmesurado das elites, a insensibilidade de governantes ou a insinceridade de muitos quantos pudessem combatê-la.

Também o vi rebelde contra produtores e produções literárias que avassalam leitores sem justificativa de conteúdo ou de estilo. Batalhava sempre em favor da melhor leitura. Implacável, soava suas trombetas contra escritores que escapavam à ortodoxia literária ou lingüística, em cujos temas de agrado mais popular julgava não merecessem eles a recepção por vezes surpreendente do público.

A propósito, peço permissão para relatar episódio que me foi transmitido por um jovem médico que assistiu meu pai. Em uma de suas visitas, indagou o jovem sobre como escolher a boa leitura, entre tantos nomes que figuram rotativamente na lista dos mais vendidos. Meu pai respondeu-lhe, inicialmente, que, se contasse a idade de seu interlocutor iria, para salvaguarda efetiva da sociedade, propor a criação de uma polícia literária. Não como ato de censura, menos ainda para impedir a criação, pois esta deve ser livre. Mas, ponderava ele, o que a humanidade podia dizer já foi dito conclusivamente pelos clássicos. Nada há mais a dizer, senão uma aparente recriação na travessia do mundo mágico e inesgotável das formas. Por isso, meu filho, procure os antigos, e se puder, fique com eles.

Este conselho precioso – o da boa leitura, da leitura haurida no melhor espírito, especialmente a leitura contemporânea à formação, ousou sugerir, pode constituir programa útil desta Casa, voltado para a orientação dos que iniciam o gosto pela informação e pela cultura.

Por fim, rebelde, também, e santamente rebelde, mostrou-se quando seus pares neste cenáculo o alçaram à sua presidência. Era inaceitável para ele não dispusesse a Academia de uma sede que mais apropriadamente acolhesse seus membros, todos expoentes da vida literária brasileira, e melhor representasse a sua importância no contexto cultural. E encetou uma grande cruzada, cuja vitória está perpetuamente materializada na história e nas pedras que compõem este magnífico complexo arquitetônico que orna a Rua da Bahia e a cultura mineira.

Até seu último murmúrio via-se a rebeldia de seu corpo. Só a indesejada das gentes conseguiu vencê-lo.

Como ouvinte e apreciador do genial compositor italiano que lhe emprestou o nome, e certamente a inspiração, cumpriu meu pai em vida as quatro estações de um espírito inquieto e indagador. Agora, em sua obsessão de escrever, e fiel ao lema que resplandece no brasão desta Casa e alentou sua existência, pelo qual o *escrever não tem fim*, talvez esteja o imortal que pranteamos compondo não um interlúdio, a que teria direito, mas a Quinta Estação; porém, esta permanecerá inédita, até que com ele nos encontremos.



CENTENÁRIO DE ABGAR RENAULT, POETA SEM RÓTULOS*

Solange Ribeiro de Oliveira**

*Viver passou aqui: foi asa
E um dizer de pássaro remoto.*
(Abgar Renault)

Quem ama a poesia ama a poesia de Abgar Renault. Como um grande painel pós-moderno ela reconta a história da poesia brasileira constituindo, ao longo de sete décadas, um vasto mosaico de estilos, cimentado por traços recorrentes, que, no seu conjunto, desenharam um perfil inconfundível. Unidos nessa convicção, estamos aqui reunidos para celebrar a pessoa e a obra do poeta, escritor, educador e homem público mineiro que, se ainda estivesse entre nós, teria completado seu centenário no domingo, dia 15 de abril. Nosso objetivo, além de prazeroso (nos limites do inevitável travo de emoção e saudade) não parece difícil. A dupla evocação é facilitada pelo fato de que homem e produção literária encontram-se inextricavelmente presentes em suas publicações, especialmente nos nove livros da *Obra Poética*, editada pela Record em 1990. Pode-se aí seguir o percurso do olhar interno, a biografia incrustada na criação, lembrando a oblíqua mas omnipresente relação entre vida e obra. Traços individuais, só perceptíveis à mirada alheia, escapam, evidentemente, a esse olhar interior: o espelho nunca revela a imagem completa de quem nele se mira. Mas as lacunas podem ser parcialmente supridas pelas feições impressas na memória de familiares, amigos e admiradores. Para completar-lhe o perfil, muito teriam a dizer alguns desses, aqui presentes. De minha experiência como

* Conferência pronunciada na sessão solene da Academia Mineira de Letras para comemorar o centenário de nascimento de Abgar Renault, em 19 de abril de 2001.

** Professora aposentada da UFMG.

sua aluna e depois assistente na Cadeira de Língua e Literatura Inglesa, que ocupou como fundador e professor catedrático na antiga Faculdade de Filosofia da UFMG, destaque *flashes* respigados aqui e ali, cujo denominador comum é sempre o da afabilidade, da generosidade atenta, e até de uma humildade contida vislumbrada na convivência com seus alunos.

Em contraste com sua auto-ironizada solenidade, Abgar, visto de perto, revelava personalidade jovial, encantadora, quase ingênua em suas reações afetivas. Como poucos, mostrava-se sensível às pequenas atenções.

Emocionava-se, por exemplo, ao ver estudante reprovada comparecer a cerimônia em sua homenagem.

Correspondente pontual, magoava-se quando tardava resposta a carta sua. Extraordinariamente atencioso, telefonava a cada aluno quando precisava faltar a uma aula. Professor severo, era generoso em indicar livros recém publicados. Prezava os compromissos com o ensino a tal ponto que, como Ministro da Educação, veio a Belo Horizonte especialmente para aplicar uma prova de Literatura Inglesa, que foi feita pitorescamente, entre uma multidão de repórteres. Sua meticulosa atenção de educador não se limitava ao ensino superior. Ao primeiro grau dedicou também intenso trabalho, manifestado em inúmeras publicações e numa ação contínua, como no Centro de Pesquisas Educacionais do Instituto João Pinheiro, e no Instituto de Educação, onde coordenou cursos para aperfeiçoamento do magistério primário.

Na visão de alguns, tinha traços de conservador, o que não o impedia de abrir o coração às aspirações juvenis. Referindo-se à histórica revolução estudantil de maio de 1968, que testemunhou em Paris, citava, em tom de assentimento, um comentário que por lá ouvira: “Os jovens têm pressa de entrar na História”. No mesmo sentido, desmentia o propalado autoritarismo atribuído aos antigos catedráticos. À sua assistente na disciplina Literatura Inglesa deixou sempre total liberdade, mesmo quando, ausentando-se o Professor em missões oficiais, ela atuava como sua substituta.

Excetuados esses pequenos *flashes*, prefiro recorrer às palavras do próprio poeta, invocando-o como comentador de si mesmo, ouvindo, em seu texto, o canto, os murmúrios, as especulações e, às vezes, a melancólica indignação de uma voz nunca silenciada. Evidentemente, tento proceder com cautela. Não desconheço o perigo da falácia referencial, de uma transposição ingênua do textual para o vivido, alheia à ambigüidade e à complexidade da prática escritural. A metamorfose do real no literário, do eu empírico no eu textual, implica fraturas, assimetrias, e reinvenções, mutações impostas pela elaboração formal. Transcrição mais que transcrição da experiência vivida,

a obra de arte literária aproxima-se dos processos oníricos, rastros do desejo antes que registro factual. Nem por isso podemos esquecer que, a seu modo lsinuoso e intrigante, criação poética e vivência pessoal se interpenetram, uma face real subjaz a suas máscaras.

A obra de Abgar Renault não desmente a regra. Dentro das convergências e divergências do discurso poético e do autobiográfico, é possível rastrear uma minibiografia. Seus textos podem ser lidos como círculos concêntricos, ora mais próximos ora mais afastados de seu eixo um auto-retrato, que gradativamente emerge do tecido poético, linho de Verônica sulcado pelas feições de seu criador. Aí se encontram também vestígios das personagens, acontecimentos e cenários que lhe emolduraram o retrato. Começamos pela imagem física. Como disse seu amigo Pedro Nava, o tempo poupou a Abgar a indignidade das banhas. A figura esguia, impecável no fardão da Academia Brasileira de Letras, o olhar agudo, o sorriso franco, de dentes perfeitos, traíam a elegância de outros tempos. Abgar nunca dispensou terno e gravata, conservando o chapéu muito depois de descartado pela moda, e, no bolso, o indefectível lenço branco. O anacronismo dessa silhueta, que pouco mudou nos seus noventa e cinco anos de vida, não escapava à auto-ironia, um dos traços marcantes de seu espírito. Conforme a misteriosa alquimia da criação literária, chapéu, terno, gravata, colete transformam-se em símbolos poéticos. No poema “Plágio”, do livro *Intimo Poço*, a voz poética afirma em tom jocoso:

Por teu amor dói-me o ar, o coração e o meu chapéu
(...)
porque só eu ainda uso chapéu.

A aura trágica de “Thanatos”, no livro do mesmo nome, não anula a auto-irônica referência à indumentária fora de moda, quando, dirigindo-se a si própria, a persona poética adverte:

Um dia, sem querer, sairás de casa,
sem sapatos e sem itinerário;
sairás, e o teu chapéu reacionário
ficará pendurado no cabide
(...)

*Sim, um dia (amanhã, hoje, depois?)
Ficará sem cabeça o teu chapéu.* (p. 215)

Esboçando seu perfil psicológico o poeta é mais lacônico. Declara:

*Sou esquerdo, antigo e triste
E prefiro saudades a esperanças (Endecha do Funcionário, no Palácio da Educação)*

Obra Poética registra a infância de seu autor, que coincide com a infância desta nossa capital mineira. O poema “Semi-Internato”, dedicado a Pedro Nava em *A Outra Face da Lua*, é um retrato poético de Belo Horizonte ao início do século, com seus bondes, seus cavalheiros enfarpelados, seus poucos taxis na Avenida Afonso Pena, seus cinemas, a Rua da Bahia, o Parque Municipal pontilhado de vendedores de doces, a casa familiar situada bem perto desta sede da Academia de Letras, e uma escola para onde seguia, no bonde especial daqueles tempos, o sonolento menino Abgar Renault.

*Assíduo e inocente, eu fugia das aulas e do almoço
e meditava o Parque Municipal contemplando os gramados e as pontes
(dor misteriosa de ver as águas fluindo sob a indiferença das pontes paradas)
e vadiava com meus sonhos vagarosos pelas ruas desabitadas e infinitas,
em busca dos doceiros que aceitavam coupons de bonde como dinheiro.
(Gratuidade da vida simples em que passagens de bonde compravam doces
Ó antigüidade sem ônibus! Ó cinco automóveis da Avenida Affonso Penna,
que eu conversava, acariciava e de olhos fechados conduzia!
Ó distribuidora de Eletricidade! Ó frack do Dr. Carvalho Brito!
Ó cinema Familiar do Poni na Rua da Bahia sem nunca matinée!)
Era ali na Avenida João Pinheiro, esquina de Timbiras,
que eu devia residir das seis e meia às seis da tarde ...*

“Jasminor”, também de *A Outra Face da Lua*, lembra o nome de um jogador do Atlético e o gosto do poeta pelo futebol. “Confiteor” remete à educação

religiosa no Colégio Arnaldo, que cristalizou o hábito da frequência à missa dominical durante toda a vida. O olhar biográfico vislumbra também um retrato de família, liricamente reconstruído, começando com a figura materna, a mãe que guarda *os vestígios últimos da minha infância, fechados na tua mão (infinitamente ausente)*.

Lá estão os irmãos, em poemas dedicados às cunhadas Carmen e Vera, Áureo (“forte: duro e exato; amigo e generoso”) e Delzo (com seu “físico ser fundamental”). Prosseguindo essa (auto)biografia velada, *Sonetos Antigos*, livro só publicado cerca de meio século após sua composição, dá testemunho da alquimia literária que transforma uma namorada juvenil na dama esquiva da tradição petrarquiana e o poeta num suspiroso apaixonado seiscentista, que assim idealiza a amada:

*Essa vossa serena fermosura,
Que as mostras vos empresta de huma santa,
Tanto mais a frieza vossa apura
Quanto mais a minh'alma prende & encanta.*

O poeta logo abandonou a uniformidade da máscara camoniana, sem descartar o jogo de antíteses, o contraste entre luz e sombra, enfim, certo traço barroco, ainda presente na literatura brasileira. Sob esse ponto de vista, e também sob o da evolução literária, *A Outra Face da Lua*, terceiro livro de *Obra Poética*, publicado em separado em 1983, é um texto crucial. Contém parte significativa da (auto)biografia literária de Abgar Renault, mantendo um perfil estilístico compatível com livros anteriores ao mesmo tempo que prenuncia traços da obra seqüente. Nesse livro encontram-se lembranças de três amigos, com quem Abgar conviveu na juventude em Belo Horizonte e que conservou até a velhice. Carlos Drummond de Andrade é o “fazendeiro sem fazenda”, “engenho subversivo e grave”, “esquiva boca que sorri de um lado/ e do outro ocultamente chora”. Outro poema (“A Pedro Nava”) clama com “mil vozes” pela volta do “caudaloso Nava”. “A Partida” celebra Emílio Moura, “Alto/Esgalgo/Fino/Esguio/ Pureza geral/ de cristal/ nítido”. Ainda em *A Outra Face da Lua* o poema “Felicidade” comemora o primeiro aniversário de casamento com Ignez Brant e o nascimento do primogênito, dando seqüência a *A Princesa e o Pegureiro*, livro marcado pela corte à futura esposa. O estudo dessa série de poemas (que é, na verdade, uma longa carta de amor), confrontado, por um

lado, com a amada petrarquiana de *Sonetos Antigos* e, por outro, com dados biográficos, revela a transformação da amada idealizada na figura da companheira de vida. Ignez Brant Renault, jovem franca e independente, de personalidade rara para os longínquos anos 20, subverte o estereótipo de sua homônima, a Ignez camoniana: não esperou a morte para ser rainha. Reinou por mais de 60 anos, usando ainda hoje a coroa de louros de seu poeta. Da longa vida em comum dá testemunho o poema “Bodas de Diamante”:

*Sessenta anos? Sessenta dias?
Duas vidas ou uma vida?
É uma só, e bem vivida.
Triste, sim, que o mundo é triste,
Mas, por igual, muita alegria,
Que a alegria também existe,
E a vida é múltipla mistura.*

A despojada beleza desse poema, confrontada com os laivos românticos e simbolistas dos poemas de noivado, ilustra o variegado percurso estilístico palmilhado por Abgar.

A *Outra Face da Lua* é também o registro poético de alguns aspectos da vida pública e das inúmeras viagens de Abgar enquanto representante do Brasil em missões internacionais. Transpostas para a melodia do texto, transformam-se em viagens particularíssimas, empreendidas mais ao redor da própria sensibilidade que aos locais assinalados no mapa. Muitos desses poemas podem ser estudados à luz da relação entre itinerário subjetivo e paisagem exterior. Em “Viagem”, por exemplo, discorre sobre “Montanhas, vales, céus”, mas a objetividade aparente dissolve-se logo, quando a voz poética confessa:

*Saudade minha! És tu que me acompanhas
Através da tristeza indefinida
Destes céus, destes vales e montanhas.*

Exceto pelo título, “Paisagem do Chile” nem chega ao ponto de criar a expectativa do poema descritivo. Deixa logo bem claro que trata de uma virtual paisagem de quatro dimensões murchando vesperalmente.

Como tantos outros textos, que ampliam essa topografia do imaginário. Também fornece matéria prima para a poesia de Abgar Renault sua longa atuação no campo educacional, como Secretário da Educação e Ministro da Educação, membro do Conselho Federal de Educação e do Conselho Nacional de Cultura. Os textos técnicos sobre a educação no Brasil e a correspondência com Fernando Azevedo podem ser confrontados com o testemunho poético de “Endecha do Funcionário no Palácio da Educação”. Sobre o famoso edifício projetado por Corbusier, no esplendor de sua construção recente no Rio de Janeiro, afirma a voz poética:

*Que me importam elevadores prateados
por dentro, se por dentro e fora estão parados?
(...)
Prefiro a sala velha sem luz, sem ar, sem água gelada,
o prédio velho, sem jardim, sem estátuas nuas, sem peixes, sem nada.*

O protesto não se dirige contra a antiga e inócua sede do Ministério, mas contra os desacertos da educação no Brasil, e as infelizes ingerências políticas, como as que levaram o poeta a deixar a Secretária da Educação em Minas Gerais, quando composições partidárias exigiam, por exemplo, nomeações de professores desprezando classificação em concurso público, criado por lei de sua iniciativa.

A *Outra Face da Lua* é um livro-chave, não apenas para uma cautelosa leitura biográfica, mas também para o reconhecimento de variados rasgos de estilo que recapitulam os livros iniciais, anunciando os seguintes. Traços neo-barrocos, com suas símiles inusitadas, paradoxos e oximoros, convivem com algo que denomino retórica da negatividade e do objeto-sem-função. Essa retórica mesclada inclui o tom pedestre do modernismo, bem como a forma espacializada da poesia concreta, a ênfase no significante e a auto-reflexividade paródica do pós-modernismo, ferindo ainda notas isoladas, como o colorido psicodélico de “Soneto Onírico”, o discreto erotismo de “Osso e Carne”.

A *Lápide sob a Lua*, publicado em separado em 1968, e quarto livro de *Obra Poética*, propicia a mesma leitura dupla: a acentuação dos traços de estilo encontrados anteriormente e o registro auto-biográfico, no poema de luto pela perda do filho. Outro livro, *Thanatos*, centrado na temática da morte, pode ser cotejado com poemas inspirados pelo mesmo tema, dispersos por toda a *Obra Poética*. Cobrindo os anos da juventude até a extrema velhice, dão testemunho de uma vida tão mais intensamente fruída por ter sido vivida, como querem os sábios e os místicos, na presença da morte, que contribui para a

urgência em conferir sentido à vida. *Thanatos* inclui textos de 1936, quando o poeta ainda não tinha 40 anos, mas já olhava nos olhos a Negra Irmã da Vida! a Impunível Fratricida! a Certeira, a Multifária, a Cega-Vidente, a Única Imortal. Nesse aspecto, Abgar lembra William Butler Yeats, um de seus poetas prediletos. Apenas, diferentemente de Yeats, a presença da morte já lhe marca os textos juvenis, enquanto o poeta inglês a reserva para os anos de maturidade (*After your fortieth year/Remember you are to die.*). A disposição meditativa é testemunhada também por *Sofotulafai*, grande poema filosófico, que elabora a certeza da morte, sugerindo a sobrevivência através da arte.

Esta introdução à vida e à obra do poeta faz voltar a cada momento considerações paralelas sobre os aspectos formais de sua obra. Embora tenha sido incluído ora entre os modernistas, ora entre os escritores da chamada geração de 45, Abgar escapa a qualquer rótulo. Não aderiu logo ao movimento modernista, que recebeu como processo de destruição formal. A seu próprio tempo assimilou as rupturas, com a independência e a leveza dos que brincam com as sucessivas mudanças literárias sem nunca a elas se render. Como os modernistas, descarta às vezes o tom elevado, incorporando o registro pedestre e os objetos do cotidiano. “Poemeto Matinal”, de 1927, raro testemunho de alegria juvenil, alude bem-humoradamente aos exercícios de motorista do poeta pelas ruas já esburacadas de uma Belo Horizonte ainda bastante pacata:

*Meu Ford fordeja dentro da manhã
e sobe a rua velha do meu bairro,
arquejando, bufando, fumando gasolina.
Meu Ford a cabriolar nos buracos da rua descalça
é um cabrito todo preto a cabriolar, prodigioso.
O ar leve beija o radiador
e beija a minha face.*

Como se o rosto do poeta se colasse ao capô do carro. A série de *Exercícios Concretistas* marca a passagem pelo concretismo: o poeta brinca com as palavras, simulando deixá-las puxar o fio do verso, sem nunca cessar de controlar-lhes a linha. O traço persiste em textos que já não são concretistas, como ocorre em “Jasminor”, poema sobre um jogador do Atlético dos idos de 1931:

*Melhor seria chamar-se Jasmineiro,
Mas chamava-se Jasminor,
E era do Atlético Mineiro.*

*Onde lhe teriam buscado
esse trissílabo incomum,
tão leve e quase-funéreo,
em parte agosto e em parte abril,
que se abre em flor e fecha em or
(OR de Nabucodonosor,
de sotopor e de isopor,
ou de tumor de dor de amor?)*

A ênfase no significante, na palavra enquanto objeto, coisa viva, com peso e textura própria, sobressai também em *Sofotulafai*, cuja temática filosófica torna Abgar uma espécie de Robert Bridges brasileiro. Da (im)possibilidade de chegar à coisa em si da reflexão kantiana, passa ao tema da criação do mundo pela mente. Libertados dela, enquanto a persona poética dorme, os objetos a sua volta, especialmente os associados à arte da escrita a lápis, caneta, máquina de escrever entregam-se a frenético festival. Dos livros saltam palavras bizarras, blocos de puros significantes que fascinam o poeta:

*Abrem-se de repente dicionários,
vocábulos, saltando, vão em fieiras,
e, céleres, ordenam-se em fileiras,
e vão compondo versos arbitrários,
palavras setas rápidas, certas:
distilo, sem o mínimo artifício
e mando a todo aquele que não me ame
outrossim, adimplir e pastifício,
Radagásio, nenhures e vexame.
Ágilimos isótopos pulavam
os carrilhões unívocos ladravam
as noites sob as luas caminhavam
as aliterações levavam lâmpada
para alumiar a antiga estampa da
cidade vista através de um horizonte.*

E assim voltamos à capital mineira, reconduzidos pelo poema. O interesse pela palavra em si, independente de seu significado, associa-se ao traço metalingüístico, caro à criação pós-moderna, auto-reflexiva, voltada para seu

próprio processo de criação. A composição do poema, seu caráter quase compulsivo, independente da vontade do artista, e mesmo de seu valor estético, é tema de vários de seus textos. Abgar é um lutador com as palavras, esta luta tão vã de que fala seu amigo Carlos Drummond. Em “Como quem pede uma esmola”, mendiga a dádiva da palavra perfeita, inatingível:

*a áurea moeda dissilábica,
a noiva desconhecida,
a coroa imperecível:
a palavra que não tenho.*

A descrição do processo criativo faz-se por vezes humorística, como no poema “7” .

*Este poema exigiu 7 folhas de papel.
Para escrevê-lo já fumei raivosamente 7 cigarros
e rasguei-o 7 vezes.
7 é um mau número: é o número 13 da minha vida.
Segundo várias aritméticas, não é divisível por 2,
e eu tenho horror a todos os números (e a todas as coisas)
não divisíveis por 2.*

A evolução artística de Abgar não cessa de ilustrar a deglutição de estilos sucessivos. O uso reiterado da paródia e do pastiche o revela contemporâneo dos pós-modernos. O contínuo interesse pela palavra adquire matizes cômicos na crítica à linguagem do jornalismo descuidado, da propaganda, do relatório policial e de certos aspectos do cotidiano. Em “Poema Retrógrado” o poeta chega a desejar ser analfabeto, para não ler tais descabros:

*Se eu fosse incapaz de ler,
não leria, semimorto,
a inconcebível, a fúnebre
palavra conteudística,
nem em tipos importantes,
INQUÉRITOS PROCEDIDOS
com os MAIORES PORMENORES...
Nem centenas de vezes quês,*

*nem milhares de inclusives,
sem o mínimo sentido,
até no início das frases;*

(...)

*Poria num livro meu
o miraculoso título
“1001 Sprays De e Sobre
Letras e/ou Informática”,
e logo estaria célebre
de todo em todo vidrado
pelo infinito pessoal,
convidaria em geral:
“Vamos tomarmos cafêrmos?”*

A crítica ao mundo moderno, seu ruído, sua banalidade, cede a um certo encantamento na psicodélica paisagem de “Soneto Onírico”:

*Sombras intersexuais desfilam nuas
carregando verônicas de luas
nas caprichosas mãos de lírios e árias.*

*Prados viúvos se vestem de namoro
e abrem as flores guarda-chuvas de ouro
sob o sol das piscinas planetárias.*

A continuidade dessa poesia é tão mais notável por combinar linearidade e simultaneidade: a progressão cronológica não elimina a mistura de estilos e temas. Nas categorias definidas pelo poeta ao agrupar, sob títulos distintos, conforme sua tonalidade, os nove livros de *Obra Poética*, convivem simultaneamente o amoroso, exultante ou frustrado, o crítico humorístico ou casmurro, o filósofo distanciado, o pensador atormentado e, não surpreendentemente para um mineiro, o intelectual envolvido com o poder e a administração pública. O viajante internacional de *A Outra Face da Lua*, cujo olhar vagueia da paisagem íntima ao mundo exterior, explora variadas possibilidades estilísticas ao percorrer simultaneamente o comentário humorístico e a reflexão metapoética (que

reaparece em *Cristal Refratário*), a meditação filosófica de *Sofotulafai*, o subjetivismo acerbo de *Íntimo Poço*. Nas sete décadas perpassadas por essa poesia multifacetada, Abgar foi igualmente, da juventude promissora à fecunda velhice, o inigualável poeta da morte, “cuja voz se adensa em *Thanatos* e *O Rio Escuro*. Sua poesia, como proclama Yeats no poema *A Coat*, usa indumentárias diversas, mas também pode andar despojada e nua. Mostra-se fiel a temas e rasgos de um estilo próprio, que tento resumir sob o título de estética da privação, cujo traço central consiste na sugestão da falta de algo essencial, lado a lado com a da existência de opostos. Eis como o poeta fala a Carlos Drummond, “homem de pranto sem pranto”:

Fazendeiro sem fazenda

(...)

*tua essência e circunstância
vão subindo ausente escada*

(...)

*pelo teu terreiro esvoaça
vôo de canto silente*

Fiel a sua estética da negatividade e da privação em diferentes momentos de sua produção, o poeta fala da grave noite sem céu (*O Morcego*), de um partir/ sem nenhum ir/ a eterno longe (*A Partida*, à memória de Emílio Moura, poeta e amigo), de uma carta sem letra/ datada de nunca/ em triste lugar nenhum (*A Carta*), de um calado grito (*Áureo*) de um dedal sem dedo/ e de ouro (*Cantochão*), de um buscando-te sem onde (*Elegia*, I), de uma água que não matará nenhuma sede/Chão que nada enterra (*Chão Morto*), de uma ausência eterna – e nunca ausente (*Saudade*), e de um diálogo de silêncio (*Tarde de Domingo*) Não sem razão, um dos poemas intitula-se “Arquiteto de Ruínas”, outro, “Ausência” e outro ainda conclui: espero-me sem esperança de encontrar-me e ser meu hóspede (*Intenção de Poema I*).

A sugestão de negação e ausência associa-se à do contraste entre o côncavo e o convexo, assinalando a paradoxal afirmação/negação de uma Plenitude, cuja presença/ausência explica a estética da negação:

*Ébrias e azuis encurvam-se todas as retas,
copiando linhas, ocultas e visíveis,
em que Deus se deixou em amoroso sinal* (*Reaparição*)

“Ignotus” é mais explícito:

*Eu não sei quem Tu és. Mas sei que Tu existes
E sei que és Tu que acendes as estrelas lá no Alto.*

Como todo grande poeta, Abgar lega à tradição literária algumas linhas privilegiadas, versos que vieram para ficar, como aqueles que cada um tem na memória, ao formar sua mini-antologia particular. Dou alguns exemplos :

Seis árvores, um cachorro e três galinhas organizaram uma agonia (*Coro*)

As árvores são ontens diminutos

que compõem quilômetros parados (*Sob o Velho Céu*)

Revejo-me, côncavo e sem face,

dentro do nulo espelho que me esqueceu antes de ver-me (*Para Quê?*)

Frutos cálidos pendem, abstratos, de árvores que não são (*De Ontem ou de Amanhã*)

Pálidas quilhas vão cismando como

no longo mar do tempo é curta a vida (*Soneto da Ilusão*, I)

És o mais mim de mim e és ausência e nunca (*Tarde de Domingo*)

Onde se despencou o murcho ante-ontem,

Em que parti sem mapa ao meu encontro? (*Perguntas*)

O sol publica o dia nas alturas

sem saber as notícias deste mundo (*Thanatos*)

A ti, quem quer que foras e de onde vieras,

(...)

traduzira-te em mim até onde não sei quem sou

e me conhecerias teu polvo e teu afluente (*Monólogo de Bêbado*)

Eu: sílaba de Deus pronunciada apenas até o meio da vogal (*Inquirição*)

(...)

Sonho entornado e ambíguo

entre não foi e quis (*idem*).

Há outros grandes momentos, na linha simples, classicizante, do aforismo perfeito, como em “Epigrama”:

*Tinha o esplendor de um astro sobre a treva,
E era rasteira e fácil como a relva.*

Ou em “Felicidade”, que já foi julgado seu mais belo poema, e que não me canso de citar, escrito em 1927, um ano após seu casamento:

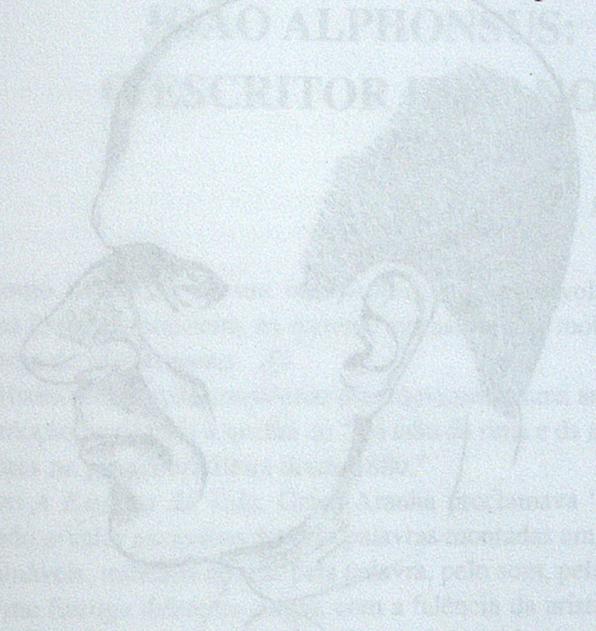
*Felicidade – o título tão comprido deste poema tão pequeno!
Felicidade – substantivo comum, feminino, singular, polissilábico.
Tão polissilábico. Tão singular. Tão feminino. E tão pouco comum.
Substantivo complicado, metafísico,
que cabe todo
na beleza clara de alguém que eu sei
e no sorriso sem dentes de meu filho. (79)*

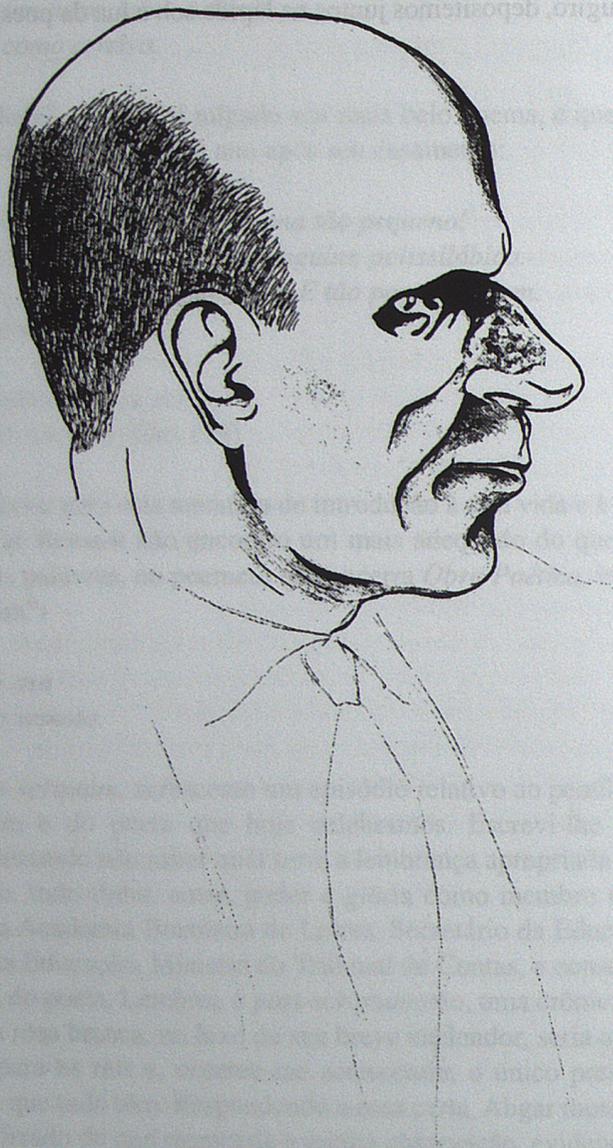
Buscando um fecho para esta tentativa de introdução à rica vida e à obra septuagenária de Abgar Renault não encontro um mais adequado do que nos oferecem suas próprias palavras, no poemeto que encerra *Obra Poética*, intitulado precisamente “Fim”:

*Viver passou aqui: foi asa
E um dizer de pássaro remoto.*

A título de *post-scriptum*, acrescento um episódio relativo ao penúltimo aniversário do homem e do poeta que hoje celebramos. Escrevi-lhe para cumprimentá-lo, confessando não saber qual seria a lembrança apropriada para alguém que, como ele, tudo tinha: amor, poder e glória como membro desta Academia Mineira, da Academia Brasileira de Letras, Secretário da Educação em Minas, Ministro da Educação, Ministro do Tribunal de Contas, e conservava na velhice a láurea do poeta. Lembrei, e *post-scriptum*ntão, uma crônica antiga, segundo a qual a rosa branca, no luxo de seu breve esplendor, seria a única dádiva adequada para os reis e, ocorreu-me acrescentar, o único presente indicado para aqueles que tudo têm. Respondendo a essa carta, Abgar mostrou-se muito mais sensibilizado do que mereceria a minha observação, evidenciando o quanto havia de modesto em homem afeito a tantas honrarias. Por isso, em seu último aniversário, passado em Belo Horizonte, mandei-lhe algumas das

flores simbólicas. Hoje, em honra de seu centenário, ousou recuperar essa imagem do belo, que o espírito pós-moderno reverencia com tanta reticência. Em sua memória, não me ocorre imagem mais expressiva do que a rosa branca, que, sugiro, depositemos juntos na lápide sob a lua da poesia de Abgar Renault.





Abgar Renault nos traços do amigo Emílio Moura

JOÃO ALPHONSUS: O ESCRITOR URBANO*

Elizabeth Rennó**

Como expressão de um inconformismo, uma revolução emergiu nas letras e na literatura brasileira, na corrente que assaltou os moldes internacionais, sob o nome de Modernismo.

Tristão de Athayde considerou este movimento uma antítese ao constatar nesta comoção intelectual a quebra de “um tabu da rima e da métrica parnasianas dominantes na poesia brasileira desde 1880.”

Em *A Estética da Vida*, Graça Aranha proclamava “uma arte interior, destituindo o valor excessivo dado às palavras montadas em frases desconexas e intermináveis, indicada apenas pela palavra, pelo som, pela linha e pela cor.”

Uma Europa diferente surgia, com a falência da aristocracia, o aparecimento da doutrina marxista, o Super-Homem nietzscheano oriundo do absolutismo nazista e o ponto de equilíbrio encontrado com as teorias democráticas. Esta nova criação traduziu-se nos setores da arte, da palavra e da concepção de vida, em complexo que se voltava para a descoberta do eu profundo por buscas ao mundo do inconsciente.

Este foi o cenário para a irrupção de uma Semana de Arte Moderna, com seus estatutos revolucionários, com sua organização, em fevereiro de 1922. Foi a era das mudanças bruscas, em que novos padrões de vida da classe média brasileira, com as modificações do mercado de trabalho, conseqüentes à expansão industrial e econômica, afloraram.

Getúlio Vargas, Presidente da República, a classificou, em mensagem comemorativa, em 1952, como um “impulso revolucionário que cresceu e extravasou...”

*Conferência pronunciada no dia 5 de abril de 2001, em sessão solene da Academia Mineira de Letras, para comemorar o transcurso do centenário de nascimento de João Alphonsus.

** Presidente da Academia Feminina Mineira de Letras.

Após 1924, o movimento desarticulou-se da unidade geratriz e formaram-se vários grupos, que possuíam seus veículos de divulgação próprios, denominados revistas. Daí pontificaram *Klaxon*, *Terra Roxa*, *Festa* e outras.

Em Minas Gerais, movimentos se agruparam, um pouco mais tarde, em torno da *Revista*, com Drummond, Milton Campos, João Alphonsus, João Dornas, da *Verde*, de Cataguases, com Rosário Fosco, Ascânio Lopes, Osvaldo Abritta, Francisco Inácio Peixoto, e *Leite Criôlo*, fundada por João Dornas.

Em 1930, há uma nova fase desse movimento, em que a prosa se incorpora à poesia e a linguagem é abordada de modo diferente dos moldes clássicos.

O Modernismo, em Minas Gerais, pertence a essa segunda fase. 1930 foi um marco na ficção modernista com aparecimento de romancistas e contistas, numa continuidade de estilo, como tradição numa linha de afirmação e evolução.

Apesar da visita que Mário e Oswald de Andrade fizeram a Minas Gerais, não houve o ajuste à primeira fase, revolucionária na quebra das tradições e padrões, que se subdividiu em três grupos, segundo critério de Tristão de Athayde: estético, espiritual e político.

Os mineiros seguiam os postulados teóricos do modernismo, mas se distanciaram do experimentalismo típico daquela fase denominada heróica, firmando-se naquela feição diferente dada à poesia e à linguagem, que passa a ser a do descentramento analisado por Affonso Romano de Sant'Anna, em que as marcas do cotidiano refletem-se nas paródias.

Fernando Correia Dias levantou a tese para explicar este caráter do desenvolvimento e nova direção, numa integração incompleta com o grupo paulista, em razão da revolução modernista montanhesa já estar a caminho de uma modernidade, em vista do conhecimento da literatura estrangeira que possuía. A completa identificação com os novos padrões é atribuída ao peso da herança cultural sobre os nossos escritores.

Minas, bloqueada entre montanhas, tinha uma vida confinada, interiorizada, de origem mineradora, que sempre procurou evitar a evasão de sua riqueza. Com o esgotamento das minas, a falta de recursos chegou a minar a economia.

Continuou na sua produção literária o reflexo de herança colonial como diretriz de um modo de encarar o mundo. A ideologia mineira liga-se, por sua cultura, ao sistema de ensino implantado aqui pelas escolas jesuíticas, durante 200 anos. A formação feita para um alheamento do contexto situava o homem em plano intemporal.

Nessas circunstâncias, a pregação modernista paulista originou o aparecimento de uma identidade mineira, própria e criativa.

A liderança da poesia foi a de Carlos Drummond de Andrade, que, em banquete no Automóvel Clube, em 1930, em comemoração pelo lançamento de *Alguma Poesia*, foi saudado de forma antropofágica por Milton Campos, em que diz: “Na política a antropofagia teria aplicação mais útil que nas próprias letras, pela maior amplitude do proveito social resultante.” E acrescenta, na sua ironia costumeira: “A carne do político, pela flexibilidade, deveria ser mais macia do que a de um parnasiano hierático. Haverá pernil de acadêmico que se compare a uma suã de senador?”

Não obstante o lançamento dos contos de João Alphonsus em 1922 e publicados em livro só em 1931, e da *Revista*, em 1925, o potencial mineiro no Modernismo firmou-se na segunda fase, a de 1930. Na ficção o processo foi mais lento, influente após aquela data, em que o seu modelo estético postulava-se no direito à pesquisa, na atualização da inteligência artística brasileira e estabilidade de uma consciência criadora nacional.

Em *A Revista*, número 1, no editorial “Para os Céticos”, encontramos a proposição “para uma renovação intelectual do Brasil em todos os campos: na literatura, na arte, na política”, uma conciliação entre as culturas regional, nacional e cosmopolita.

Nesta palestra sobre a obra de João Alphonsus de Guimaraens é necessário situá-lo no espaço literário social dentro do contexto em que viveu.

Afrânio Coutinho prediz uma análise apenas dedicada à obra estudada e abordagem de seus elementos, o que constituiria análise intrínseca, eliminando os fatores históricos e alheios ao cerne da obra. No entanto, a modernidade exige que se conheçam os autores, suas características criativas e seu condicionamento humano.

Daí nos vêm as dúvidas de sempre sobre qual seria o objetivo daqueles moços da década de 20, em Belo Horizonte, e que se dedicavam às tertúlias literárias e compunham versos e escreviam contos e sonetos. O que os moveria? Os impulsos que os fizeram dedicar-se ao Modernismo possuíam dois fatores importantes. O primeiro foi a estreiteza dos horizontes de cidade fechada e preconceituosa, de moldes repressivos e acanhados, como era a cidade naquela fração de tempo, e o segundo motivo foi a visita dos modernistas paulistas. Mário de Andrade veio a Minas para conhecer e estudar as maravilhas da arte colonial e o Barroco, em Ouro Preto e em outras cidades da região. Conhece o grande poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens em Mariana. O poeta descreve esta visita a seu filho João Alphonsus, que estava já na capital mineira, vivendo os seus dezoito anos. Deste contato, surgiu o entrosamento e o aclarar das novas idéias, cuja concretização foi feita alguns anos mais tarde, com um

vínculo que se criou entre o passado histórico e os novos escritores mineiros, que ansiavam por uma renovação literária libertária.

Logo após a Revolução de 30, em discurso como orador da turma dos formandos em Direito, João Alphonsus posicionava a situação existente naquela época, com palavras veementes a favor de um racionalismo em posição política, sentimento de renovação que se estendeu ao setor da literatura. A manifestação enfatiza o tom cerebral dos versos de Drummond, não obstante a carga de humanismo que repassa. Foi a excessiva prudência, do modo de pensar mais cauteloso, que fez com que os mineiros retardassem a publicação de seus livros.

João Alphonsus, junto a Drummond na poesia, abriu os caminhos para a nova literatura mineira, distante de postulados ou de editoriais de revistas.

A segunda fase do modernismo, a que nos referimos, propiciou o amadurecimento das idéias e a prosa envolvia-se com questões políticas, sociais, econômicas e espirituais. O mundo interior se presentificava nos romances de Cornélio Pena, Ciro dos Anjos e de João Alphonsus.

Na estética da introspecção e da interioridade a consciência indagava dos problemas da alma ou do destino. Nos contos, João Alphonsus concilia esta tendência ao documentário urbano por um subjetivismo atenuado.

A obra de João Alphonsus é o resumo das características das experiências que iriam povoar a ficção mineira, talvez pela intuição dos vários caminhos que a sua sensibilidade apontava.

João Alphonsus em seus contos expressou-se por esta sensibilidade; suas criações originais eram renovadoras. Contista moderno, sobressaiu pela humanidade com que apresentou, pelo zoomorfismo, os seus personagens, pertencentes ao reino animal, cuja densidade os faz *tópoi* de fábulas. Seu primeiro conto *Galinha Cega*, publicado em 1931, foi marco na literatura brasileira, pelo inusitado do tema, pela singular característica ímpar do modo como tratou realidade e lirismo, sem pieguices ou exageros. Eram seus personagens insólitos, animais, em que se interiorizavam e mesclavam enternecimento e angústia. Um sentimento de solidão cobre a vida de cada um dos retratados.

João Alphonsus de Guimaraens, apesar de viver pouco tempo, pois faleceu com 43 anos de idade, deixou obra vigorosa, com particularidades que a tornavam partícipe dos postulados renovadores do Modernismo.

A história da galinha aborda um tema interessante. Em resumo, assim é: o famoso *Galinha Cega*, de que o autor ironizava ser ele conhecido por só este trabalho. Um homem grosseiro de aparência comprara uma galinha e a levou para casa, encantado com sua compra. Mostrou-a à mulher e reparou nos seus olhos: pretotes. A galinha sentia-se no paraíso, acarinhada pelo dono, que lhe

jogava grãos de milho, pensava que não tinha saudades de seu torrão natal. Tinha uma vida de felicidade: liberdade e milho.

Um certo dia, o dono notou que a galinha branquinha que o enfeitara na compra, bicava sofregamente o milho atirado ao chão e nem sempre o alcançava. Examinada, verificou-se que era cega.

A galinha, coitada, não compreendia nada ao sentir que tudo ao seu redor era escuro. “Quase que já não sabia onde é que estava a luz, onde é que estava a sombra. O dono, que era carroceiro, acostumado aos trancos e barrancos de sua rude profissão, ao perceber a cegueira do seu bicho de estimação, sentiu duas grossas lágrimas aboiar-lhe nos olhos”. A galinha passou a ser mais acarinhada, era colocada no colo, comia nas mãos que a guiavam para alcançar o alimento. A galinha acostumou-se à claridade sumida, sentia-se feliz, apenas o “que lhe doía fundamentalmente era já não poder ver o galo de plumas tão bonitas.”

Certo dia, o dono foi parar na delegacia por ter chicoteado uns moleques que a chutavam como bola. Após a noite passada na cadeia, foi procurar a galinha, saudoso, para niná-la, como sempre fizera. Encontrou-a no “terreirinho, estirada, morta.” Por todos os lados penas arrancadas eram a prova de sua luta pela vida. “O homem ensandeceu, esmurrou a mulher, foi novamente para o xadrez, ruminando a sua mágoa. Premeditava uma vingança contra o gambá que lhe arruinara a vida. Preparou uma armadilha esquisita: uma gamela com cachaça e esperaria a sua vinda para matá-lo. Ao ver o seu vulto, o carroceiro foi-se chegando, cauteloso. O gambá o fixou com olhos espertos e começou a rir: kiss, kiss, kiss.” O homem examinou o bichinho curiosamente. O luar, que favorece os surtos de raposas e gambás nos galinheiros, era esplêndido, mas apenas tocou de leve com o pé, já simpatizado: “Vai embora, seu tratante...”

Este conto seria a personificação do sentimento do autor? Ou o drama da solidão cujo objeto de carinho e afeto está tão distante, que se passa a adorar um simples bípede ou perdoar um gambá sorrateiro?

Outro conto composto de maneira inusitada, com o tom regionalista que empregou o escritor de novelas urbano, é *Pesca da Baleia*. Este conto encabeça a antologia do mesmo nome e foi escrito quando João Alphonsus esteve, como funcionário da Secretaria das Finanças do Estado de Minas Gerais, no cargo de vigia fiscal do Porto de Ponta de Areia, sul da Bahia. Esta sua aventura durou seis meses e o bastante para que escrevesse este e talvez outros mais.

Mais uma vez um animal aparece como personagem secundário, junto ao eu da enunciação, Josefino. O rapaz estava de passagem por aquele local, onde outrora aportaram baleias, cujos restos ósseos jaziam na praia, e era hóspede de

um tio, “celibatário, obeso, negociante de madeiras, que, à sua chegada, aproximou-se de braços abertos, um grande riso no carão requeimado.”

Josefino relacionou-se com o pessoal da terra, querendo beber-lhes os hábitos e os costumes, inclusive com a dama decadente que aparecia na praia. Era angustiado e indeciso o rapaz, e lastimava “as noites infinitas do seu degredo voluntário... Insônia.” Vivia as noites num estado horrível. A estagnação lhe infantilizava o espírito. Voltaram os temores antigos, dormidos, das assombrações da meninice...

Josefino trazia a solidão em seu íntimo e junto a ela o desânimo, esperando trazer seus livros para lhe fazerem companhia ou comprar alguns, se pudesse. Dias depois, chegou a notícia de que uma baleia apareceu “aboindo” fora da barra. O rapaz agarrou-se ao propósito de uma pesca da baleia. Consultou o tio, que lhe forneceria o capital necessário, o que seria somente desembolsado se a baleia fosse capturada. Josefino criou alma nova, o entusiasmo da empreitada o excitou. Foi junto na baleeira com os homens do mar. Após grandes peripécias e descrições fiéis o autor pensa por seu personagem e fá-lo refletir que, apesar de sua pouca idade, uma existência de 22 anos, já era descrente de tudo. Súbito: “João da Cruz, o negro arpoador, agigantou-se desmesuradamente na proa, meneou sobre o corpo de aço o arpão de aço. O negro teve um riso de vitória: – Arpoada, gritou.”

O monstro espanadava furioso e ferido após a luta ingente que travou com o barco e seus homens. Josefino sentiu um pavor e uma piedade estúpida que o fez gritar: “Corta a corda”. Espantados perguntaram-lhe os pescadores: – “O senhor paga a baleia?” Arrastados durante horas, solta a presa tão desejada, navegaram sem rumo, com a embarcação avariada, doídos pela perda do troféu caçado. Fizeram fogo com restos inúteis da baleeira e até com suas roupas para chamar a atenção de algum veleiro que os pudesse socorrer. O tio, contrafeito e colérico, pagou o preço estipulado para a baleia e mais o barco. O lugarejo estagnado tinha agora bom motivo para se rir dele. Alvo da chacota de todos, até da mulher decadente que se desvencilhou de seus braços. Aproximava-se uma locomotiva, quando se deixou cair desesperançado, e a máquina fumegante passou sobre o corpo imóvel e caído sobre os dormentes. “Na tempestade desabada, o trem parava esmilhagadoramente.”

Este conto atesta a magistralidade de sua composição. Em texto enxuto, o autor transmite o seu sentimento e o sentimento do mundo, que não compreende as sutilezas das almas.

Além desses dois contos referidos, João Alphonsus escreveu muitos outros, sempre com a marca de sua criatividade engenhosa. Entre eles, citam-se

Foguetes ao Longe, Sardanapalo, A Noite do Conselheiro, O Guerreiro e Eu e A Noite, este, premiado em 1943 pela Folha Carioca, e outros tantos, com aquele tom de intimismo simbólico e simbolista de uma angústia alternada com a apatia.

Não só contos e romances escreveu: merece menção o estudo consciencioso sobre a vida e obra de seu pai para a edição das *Poesias Completas* de Alphonsus de Guimaraens, lançada em 1938, pelo Ministério da Cultura.

No prefácio da coletânea de contos que engloba a sua produção, como contista, João Alphonsus faz uma autobiografia, derivada de entrevista com Edgard Cavalheiro. Após referir-se a seu nascimento no primeiro ano do século, 1901 – portanto, este é o ano de seu centenário – disse que a sua vida poderia ser rememorada tendo como ponto de referência todos os trambolhões que a humanidade ia desesperadamente aplicando a si mesma, com uma necessidade de emprestar a estes tempos, num sentido trágico, o cêntuplo da eficiência que a vida humana possuía anteriormente.

No início da Primeira Guerra Mundial entrava João Alphonsus no colégio interno, o Seminário Arquiepiscopal de Mariana, para estudar Humanidades, porém sem a intenção de se tornar padre.

Ao término da guerra, já estava em Belo Horizonte no seu emprego na Secretaria das Finanças. Neste período de 4 anos em que deu o salto de estudante para burocrata, é que lhe veio uma possível e verdadeira noção de vida e, a partir desta disposição, avaliou o papel paterno do mais doce dos poetas, da mais mansa das criaturas, como classificou seu pai Alphonsus de Guimaraens, que “marcava passo” no juizado de Mariana. E acrescentou: “apesar deste termo não ser o adequado, pois ele nada esperava e nem pedia nada.” Não se queixava da vida, nem de ninguém, e na intimidade do lar sempre foi o amigo, o companheiro de conversas, o doador de um senso de maioridade, que orgulhava o seu filho mais velho.

Aos dezesseis anos, João Alphonsus escreveu um conto indianista – *Guaraci*, mandado por Alphonsus pai para um jornal de Belo Horizonte, que foi publicado com o aval paterno, o que fez o autor descobrir que seus começos literários foram por ser “filho do poeta”.

De um misticismo puríssimo passou a ser um adolescente irreligioso e cético, o que ocultara do pai. O entusiasmo pelas letras terminou com a morte de Alphonsus, seu companheiro e mentor. Passou então a ver-sejar, embora não tenha verso algum publicado em livro. Daí passa a “ser um sujeito preparado para todas as revoluções”, como se classificou. Surge o Futurismo. *Os Epigramas Irônicos e Sentimentais*, de Ronald de Carvalho, e a *Paulicéia Desvairada*

abriram-lhe as portas do movimento e foram considerados o verdadeiro início do Modernismo, necessário para o arejamento de nossas letras e artes.

Lembramos as palavras de Aníbal Machado: “Podíamos não saber o que queríamos, mas sabíamos, e bem, o que não queríamos”.

Passa a colaborar com a *Revista*, em 1925, publicação dos novos e apelidada maldosamente de “brotojeira literária”.

João Alphonsus alcançou sua realização nas letras, principalmente por seus contos, o gênero preferido por ele. Participou de *Terra Roxa* e do *Diário de Minas*, órgão oficial do PRM, que se tornou, sob a direção de Carlos Drummond de Andrade, o intérprete do mais revolucionário movimento literário a abalar as montanhas mineiras.

O conto modernista deixou as características românticas, imprimindo a sentimentalidade e a realidade estranhamente misturadas à experiência naturalista e à estética psicológica, junto ao sabor regional que lhe trouxeram os diversos autores. À linguagem piadista e irreverente da primeira fase modernista opôs-se a criação consciente e madura, empregada no rigor e no manejo da expressão adequada.

A linguagem de João Alphonsus possuía grau elevado de decantação, especialmente em *Eis a Noite*, seu último conto. Aos elementos criativos juntaram-se o realismo do cotidiano, o humor, o lírico, contrapondo-se ao fantástico.

João Alphonsus deixou dois romances: *Totônio Pacheco* e *Rola-Moça* ambos premiados pela Academia Brasileira de Letras.

O termo *romance* lembra humanismo, já que vem do Romantismo. É o substituto da epopéia, da narrativa poética de que conserva traços. O autor de romance conta a história, a sua e a de outros, intercalando-se com elas, identificando-se como o *alter-ego* do personagem descrito. Às vezes é o narrador onisciente, outras, distancia-se da trama apenas para relatar os acontecimentos como espectador do que cria e em outras encarna-se no personagem. Como romancista urbano, João Alphonsus alinha-se na rota de Abílio Barreto, Autran Dourado, Ciro dos Anjos, descrevendo a capital e o viver dos mineiros. Esta visão criativa é descrita por Jean Pouillon, em *Temps et Roman*. Existe a “visão com”, a “visão por trás” e a “visão de fora”, conforme o posicionamento.

Do ponto de vista narrativo e pela análise de seus personagens, João Alphonsus emprega a “visão com”, isto é, o autor vê através de seus personagens, e às vezes, a “visão por trás”, quando o *eu* do narrador aparece atrás do *ele* do herói. O *eu* no romance não é o *eu* do discurso, é uma personagem inserida na dialética da pessoalidade e impessoalidade. A figura do narrador precisa ser

investigada minuciosamente para que distingamos a voz do autor, do narrador e do personagem.

Totônio Pacheco é romance de características regionalistas e também urbano e apresenta o herói como um tipo quixotesco. Esta “visão de fora” foi abordada pelos críticos como um distanciamento do autor face à realidade descritiva. O personagem ficou maior que o autor. No entanto, este romance recebeu o Prêmio Machado de Assis.

Deter-nos-emos em *Rola-Moça*, em que o autor se empenha em focalizar o meio social, os logradouros belo-horizontinos, possui o domínio da técnica narrativa e constrói uma estrutura triforme. No entrelaçamento de três núcleos, o sanatório, a família burguesa e o amontoado da favela, surge a novelapropriamente dita em que os focos narrativos se superpõem e o desenrolar apresenta as marcas de cada um, que se unem pelo enredo da história.

Rola-Moça toma o nome da serra famosa, característica das bandas do antigo Curral d’El Rey. É a história tripartida de Clara, a moça romântica e alheia às circunstâncias de sua vida que a fazem ocultar-se nos sonhos e divagações de uma jovem de sua idade, porém sem a pecha da doença que se abate sobre ela. Clara vem para Belo Horizonte para se tratar em um sanatório para tuberculosos, como era hábito daquela época. Além de sanatórios, havia muitas pensões, sempre repletas de doentes do peito que aqui vinham buscar a cura por ares amenos. O Sanatório era o Montanhês, na Serra do Rola-Moça. Clara, como os membros de sua família, tentava ocultar o motivo de sua estada para os amigos, vizinhos e parentes, aquela pecha que a marcava: “doente do pulmão”. Isto motivava as suas freqüentes variações de humor e a sua amargura e desalento. Súbito o conhecimento com Veraldo Montenegro a fez reanimar-se e os encontros eram, a princípio, acompanhados por sua dama de companhia Eufêmia e depois, acontecidos furtivamente e a sós. Quando escutava o som do carro do rapaz, esgueirava-se e seguia pela estrada escura. Ocultava-lhe o seu estado, dizendo-se ser a companhia de uma sua irmã doente e por isso sempre presa, a ajudá-la a passar dias tão longos e solitários. Ela se angustiava em pensar que poderia afastar o rapaz, que lhe reavivava o gosto de viver e de quem não se furtava aos beijos apaixonados. Chega, porém uma fase em que ela se sente cada vez mais fraca e sem ânimo, com a palidez na face e o rubor da febre intermitente. Semi-deitada em sua cadeira espreguiçadeira, não sente forças para ir ao encontro de Veraldo, que se cansou de chamá-la certa noite. Chegou ao fim o sonho da donzela que perdeu o seu “príncipe encantado”.

Tendo como pano de fundo ou cenário esta história de solidão e desamor, um entrelaçamento de duas outras tramas acontece. Esta polaridade de focos narrativos, que convergem, é característica da novela propriamente dita e que a distingue de outras formas de narrativa.

Uma outra abordagem se dá ao descrever o Bacharel Anfrísio e sua burguesa família. Este, morava em um sobrado amarelo, cuja varanda do escritório repleto de processos-crimes debruçava-se sobre o amontoado de casebres e barracões de taipa e de tábuas que lhes ficava ao pé da encosta. Bairro pobre que possuía cerca de dez mil almas a sobreviverem de modo precário, com dois cômodos e uma porta em cada barracão. Essa favela desapareceria aos poucos. Muitos dos moradores eram desalojados pela prefeitura e levados para longe dali, onde a expansão imobiliária não tardaria a ocupar.

Havia uma variedade de tipos e hábitos. Libéria, a macumbeira, Dona Rosa Belino, a rainha do jogo do bicho, com seus doze filhos para tratar, Tereza, que morreu queimada, numa sessão de macumba, em que se invocou Exu, arrebatada pela “roda de fogo”, junto à galinha preta, à terra do cemitério, ao osso do anjinho, ao algodão tirado do menino na hora de batizar e aos outros amuletos à espera do “despacho”.

O bacharel dava-se ao luxo de citar os clássicos e declamar alguns versos em voz alta. “Na sua fase de cuidados literários, poetando por mocidade, por volta de 1922, fora atingido pelo chamado espírito moderno. Se entusiasmaria como outros moços, eternos no entusiasmo precário, buscando fixar e dar arras de definitivo àquilo que trazia os selos mais transitórios do planeta: futurismo, modernismo, tempo em movimento. O espírito moderno alcançou a arquitetura.” E assim Anfrísio assimilou as novas modas. Via todas as revistas do gênero, defendia em artigo no jornal projeto modernista para a sede da Universidade de Minas Gerais. Realizou seu ideal e construiu a casa lógica, maravilhando-se com ela. Era versado em cultura geral e fazia citações até de Bossuet.

Sente-se a voz de João Alphonsus por trás da visão do personagem e com ela.

Os acontecimentos sucedem-se, provocando o interesse de quem lê. Traça o autor os perfis dos personagens com muita verossimilhança. Sentimos o problema de Clara, a sua desesperança final, o ruir de seus sonhos românticos, analisamos o bacharel letrado, com sua caridade parcial para com a vizinhança pobre e os sem-casa, com os barracos desmoronando ou se incendiando, cheios de meninos sujos e famintos, que passavam também pelo desamor ou pela morte de parentes.

As descrições e o desenrolar do romance são feitos para retratar as três realidades, a do Sanatório, a da burguesia e a da favela. João Alphonsus emprega, como fonte de atração, e talvez de afirmação, a intertextualidade. Cita vários

poemas e autores, transcreve o célebre poema de Mário de Andrade *Noturno de Belo Horizonte*, que conta:

*...A serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não...
Eles eram do outro lado,
Vieram na vila casar.
E atravessaram a serra,
O noivo com a noiva dele
Cada qual no seu cavalo.*

*Porém os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo,
E riam. Como eles riam!
E os risos também casavam*

*Com as risadas dos cascalhos
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam
Buscando o despenhadeiro*

*Ah! Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.
Nem o baque se escutou.
Na altura tudo era paz...
Chicoteando o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro
O noivo se despenhou.
E a Serra do Rola-Moça
Rola-Moça se chamou.*

Apesar de ter nascido em Conceição do Serro, morado em Mariana, Ponta de Areia, é Belo Horizonte sua terra de eleição. Aqui construiu sua vida literária, familiar e profissional. Foi jornalista, crítico literário do *Estado de Minas*, promotor de justiça da Primeira Vara de Belo Horizonte e depois auxiliar jurídico da Procuradoria Geral do Estado.

Identificado com a cidade que o acolheu, retratou-lhe o ambiente, a geografia física e humana, de maneira autêntica e fiel, enfatizando e revelando seu modo interiorano e simples de viver. Foi o escritor urbano.

Encerremos com as próprias palavras do autor, sobre a sua criação literária, escritas em janeiro de 1942.

“A par da técnica da prosa, havia a nacionalização dos temas. Escrever brasileiro sobre assuntos brasileiros. Direta ou indiretamente da inegável licença literária que admitiu de início muito exame por decreto, com o convite de se prestar mais interesse ao país, à terra, ao ambiente, é que veio o sopro vivificador para que pudesse viver uma literatura como a que temos hoje, de romancistas, de ensaístas, de poetas, de biógrafos e de ... tradutores à altura da função. Mas foi um grande movimento nas nossas vidas, ainda mesmo que viesse a cessar afinal a ebulição, sem reflexos no futuro.”

Nesse mesmo ano, 1942, foi eleito para a Academia Mineira de Letras.

A 23 de maio de 1944, vitimado por endocardite bacteriana, faleceu com apenas 43 anos, deixando obra admirada.

BIBLIOGRAFIA

ÁVILA, Affonso. *O Modernismo*, São Paulo: Perspectiva, 1975

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana S/A, 1968. 1034 - V. 2/4/6

RENNÓ, Elizabeth. *Um Esboço Histórico e Outros Ensaios*. Belo Horizonte: CMC, 1993

GUIMARAENS, João Alphonsus de. *Contos e Novelas*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1965.

— *Rola-Moça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938

— *Totônio Pacheco*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1955, 2ª ed.



Madrigal do Complexo Pernetta - João Alphonsus

(Laureado com o Premio Machado de Assis)
(Para O JORNAL)

(Ilustração de SANTA ROSA)

Princesa:
O teu sorriso é plástico,
Tua voz é macia,
O teu olhar é doce

Teu corpo vai ser colhido pela vaga.
O teu silêncio é meu.

CENTENÁRIO DE MURILO MENDES*

*Creuza Cavalcanti França***

A poesia muriliana marcou fundamente a literatura brasileira, desde o início da revolução modernista até o ano da morte do poeta, descrevendo fértil trajetória criativa. Timbrando-a, há um aspeto “conflitivo”, definido num amálgama de “luz e sombra”.

Nos labirintos do subjetivismo ou na frieza objetiva, sentimos-lhe bem dosada alquimia a lhe impregnar os versos. Com seu verbo substancial, enérgico, inscreveu-se na História Literária. “Magia e ambigüidade, claridade e mistério” salpicam-lhe a poesia, fundindo-se em venturosa tessitura, propiciando ao “delírio e à lucidez” extravasarem-se em “linguagem cifrada”.

A par da acuidade intelectual, a imaginação pontifica em sua produção literária como fulcro de todo o potencial criativo. Não obstante se ligasse à ideologia e aos eventos de sua época, não se distancia da tradição, tratando-a sempre desveladamente.

Ao analisarmos a obra muriliana, sentimos-lhe a extrema complexidade, decorrente de múltiplas tendências, espelhando, assim, o clima de transição social em que vivia o poeta. Penetrar-lhe o âmago literário é um ato longo. Difícil chegar-se à sua total intimidade. De privilegiada visão artística, Murilo Mendes abre espaço ímpar na Literatura Brasileira, inaugurando, já em sua época, nova estrutura poética. Bem soube iluminar o fazer literário, com lucidez e consciência, sendo um dos expoentes do Modernismo, em Língua Portuguesa, de todos os tempos. Óbvio e fantasia tecem-lhe a esteira poética. Cultivava todos os gêneros e exprime todos os matizes poéticos, com fortes vincos do surrealismo. Em sua obra, identificamos o percurso existencial do indivíduo, em busca de si mesmo, da compreensão do mundo e da arte.

* Conferência pronunciada no dia 10 de maio de 2001, em sessão solene da Academia Mineira de Letras, para comemorar o centenário de nascimento de Murilo Mendes.

** Presidente do Centro de Estudos Literários e Vice-Presidente da Academia Juiz-Forana de Letras - Membro da Academia Feminina Mineira de Letras.

“Grande figura de homem, de artista, de cristão. Nada perdeu do seu mineirismo congênito, com a universalidade de sua cultura, o cosmopolitismo de seus contatos no ambiente estético europeu, sua fé profunda”. Assim o retrata o notável escritor Alceu Amoroso Lima, em carta de 6 de abril de 1970, à escritora Laís Corrêa de Araújo, e recomenda: “Revele-o às novas gerações, que parecem esquecer-lo ou relegá-lo ao Museu do passado”.

Fiel à predisposição de escrever, ninguém melhor que Murilo Mendes assumiu a consciência dessa autoconsagração.

A afinçada diuturnidade literária do poeta, alardeando fidelidade à sua vocação, centrando no ato-escritura o âmago de sua vida, registra-se a cada momento, mostrando-nos seu decidido caminho rumo ao ideal colimado, vislumbrando a literatura como uma flamejante paixão.

Nesse sentido, nos diz José Guilherme Merquior, “a vida de Murilo Mendes tem algo de heróico; é uma aplicação magnífica daquela verdade de Ortega: ‘Herói é quem quer ser o que é’. E Murilo Mendes nunca desejou ser outra coisa, senão escritor – mas escritor até a medula.

Celebrado poeta no Brasil e no exterior, após oito anos de ausência, em 26 de agosto de 1972, assim se expressou, no *Jornal do Brasil*, em entrevista a Antônio Carlos Vilaça: “Na mocidade, escrevia como um louco, um possesso, centenas de versos, noite a fora. Sou poeta irrevogavelmente”.

Em *A Idade do Serrote*, 1969, em um texto em prosa, encontramos-lo confirmando a sua vocação: “Excetuando moças e meninas não achava coisa tão bela quanto a letra de forma. Tinha uma intuição obscura de que estava mesmo destinado a ser escritor. Agora que é moda entre tantos escritores esnobar a literatura, continuo a fazer profissão de fé literária. Afronto mesmo o ridículo do pejorativo: Fui e sou literato, desde o ventre de minha mãe”.

E seu desejo de liberdade, extravasa-o em um trecho de notável humor: “Tão forte era meu instinto de liberdade que abria todas as gaiolas em casa de meu pai ou de outros” e queria “também soltar o Morro do Imperador, que domina Juiz de Fora, não me conformando com a idéia do Morro preso por falta de fé dos homens”.

Sem dúvida, como nos diz Guilherme Merquior, Murilo Mendes é uma das vozes essenciais da lírica brasileira de todos os tempos, ressaltando-lhe a cultura humanística, o seu conhecimento pessoal da arte, da música, acrescentando: “Murilo é um homem culto, em perpétua peregrinação pelos mil tesouros teóricos e estéticos do Ocidente e do Além-Ocidente, e coloca esse diálogo contínuo com as letras, as artes e o saber, a serviço de uma visão fortemente

ecumênica dos problemas humanos. É o caso mais acentuado de universalismo na poética modernista. Mineiríssimo, brasileiríssimo como é, Murilo Mendes é o mais anti-provinciano dos nossos escritores. Sua “romanità” é um símbolo vivo das perspectivas de mundialização da nossa literatura”.

Com a vida sintetizada no ato de escrever, tendo, desde cedo, sentido desabrochar-lhe a flama poética, a sério levou o compromisso de sua inclinação, reverberando, ao longo da vida, a proposta íntima de absoluta dedicação à arte literária, cultivada com o beneplácito da música e das artes plásticas – suas confessadas preferências estéticas.

O contundente celeiro do cotidiano, as reflexões, os sonhos projetados na tela da vida, todo o panorama existencial, filtrado pela acutéz de sua observação, a privilegiada imaginação, nutrida pelo toque mágico de sua sensibilidade e o prodigioso veio intelectual, registram-se, na obra muriliana, fertilizados por sua inimitável peculiaridade artística.

As filigranas de sua criação textual conduzem-nos ao pórtico de uma poética renovada. Em seus poemas surpreende-se a força do verbo, o poder da poesia que só os poetas inteiros sabem captar. Mestre na arte de ver e de textualizar. Optando pela síntese, a depurada concisão formal, sua poesia revela naturalidade no trato da matéria verbal. Possuía a consciência do fazer literário, tangendo as líras do domínio da invenção, desvendando os mistérios da escritura poética. Seus poemas, lapidados à luz de acurado crivo estético, exibem a riqueza dos signos verbais, que instaura em *Poemas* e define, sem dúvida, a novidade artística.

Consegue penetrar os meandros do mundo circundante, a partir de ângulos absolutamente inexplorados e, sobretudo, exóticos. Densa, sua obra permitirá, ainda, a cada leitor, um renascimento condicionado aos múltiplos aspetos.

Doutrinando e esclarecendo, através da prosa, na poesia, nos ofertava uma evasão da realidade, com inusitadas propostas, desviando-se das normas, desmistificando, cometendo desestruturas e infrações à ordem. Profundo substrato cultural, reflexão e percepção arrimam-lhe o depoimento sobre o seu tempo. Com estilo e formas originais, assumiu os processos modernistas, e seu primeiro livro, assim como os primeiros versos, mostram-se desenvoltos, inteiramente libertos das peias tradicionais. Em “Canção do Exílio”, poema integrante do seu primeiro livro, do volume *Poesias*, notam-se-lhe os descompromissos métricos e rítmicos, produzindo o exemplo clássico da paródia, calcado em “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias:

*Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Nossas flores são mais bonitas,
nossas frutas mais gostosas,
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola
de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade.*

Igualmente, em *História do Brasil*, extravasa seu humor, no poema “O Farrista”, onde se serve de técnica surrealista, com presença da ironia.

Assim se caracteriza o poema-piada, onde a desrealização do real faz brotar o cômico:

*Quando o almirante Cabral
pôs as patas no Brasil
o anjo da guarda dos índios
estava passeando em Paris.
Quando ele voltou de viagem
o holandês já estava aqui.
O anjo respira alegre:
“Não faz mal, isso é boa gente,
vou arejar outra vez”.
O anjo transpôs a barra,
diz adeus a Pernambuco,
faz barulho, vucu vucu,
tal e qual o Zeppelin.
Mas deu um vento no anjo,
ele perdeu a memória...
E não voltou nunca mais.*

Mas sua concepção de vida sintonizada com o espírito da época iria se modificar, conduzindo-o à maturidade de sentimento e de expressão, sem, contudo, eliminar o humor.

Múltiplas faces, múltiplas tendências em uma obra que se timbra pela unidade. Embora tivesse mais tarde, em 1959, excluído as poesias satíricas e humorísticas que integravam *História do Brasil*, não se pode negar que a sátira e o humor constituam uma das faces de sua complexa e perturbadora personalidade. Anti-convencional, por excelência, como o qualificaria Alphonsus de Guimaraens Filho, indefinível na linguagem convencional.

No poema “Fim a Princípio”, do livro *Tempo e Eternidade*, assim encontramos-lo, em pungente invocação, que ressoa como feliz terapêutica para toda a humanidade:

Vem, Cristo Jesus, todos te esperam, sim!

ou ainda em grave diagnose do transcurso existencial, no “Poema Dialético”, do livro *Poesia Liberdade*:

Tudo no universo marcha, e marcha para esperar:

Nossa existência é uma vasta expectativa

Onde se tocam o princípio e o fim.

Tudo marcha para a arquitetura perfeita:

A aurora é coletiva.

Conduzindo-se, entre o lírico e o dramático, desde a obra inaugural às elaborações verbais de *Convergência*, o poeta se exercita fundamente na fé cristã e, numa ânsia transcendental, pressente-se abrigado nas doces estâncias da serenidade, tal como no poema “Crucifixo de Ouro Preto”, inserido em *Contemplação de Ouro Preto*, onde descerra sua postura diante de Cristo.

CRUCIFIXO DE OURO PRETO

(Dedicado à sua irmã, Virgínia Eucharis).

Crucifixo fixo fixo

Crucifixo, Deus parado

Para eu poder te fixar,

Deus ocluso na tua cruz,

Entre mim e ti, ó Deus,

Quantas vezes dou a volta,

Quantos olhares, angústias,

Súplicas mudas, silêncios,

Falta de jeito e aridez,

Crucifixo fixo fixo

*Cristo roxo de paixão,
 Traspassado, transfixado,
 Chagado, esbofetado,
 Escarrado, abandonado
 Pelo pai de paixão,
 Crucifixo fixo fixo
 Deus fixado por amor
 Deus humano, Deus divino,
 Deus ocluso na tua cruz,
 Crucifixo fixo fixo
 Nosso irmão Cristo-Jesus.*

Mesmo nos poemas místicos, vem à tona a sensualidade. No livro *A Poesia em Pânico*, coexistem Deus, a poesia e a mulher. O sentimento religioso, às vezes, harmoniza-se à matéria, como se constata no “Poema Espiritual”, onde o poeta faz apologia da matéria:

*Eu me sinto um fragmento de Deus
 Como sou um resto de raiz
 Um pouco de água dos mares
 O braço desgarrado de uma constelação.
 A matéria pensa por ordem de Deus
 Transforma-se, evolui por ordem de Deus.
 A matéria variada e bela
 É uma das formas visíveis do invisível.
 Cristo, dos filhos do homem és o perfeito.
 Na Igreja, há pernas, seios, ventres e cabelos
 Em toda parte, até nos altares.
 Há grandes forças da matéria na terra no mar no ar
 Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
 Mil versões dos pensamentos divinos
 A matéria é forte e absoluta
 Sem ela não há poesia.*

Em *O Visionário*, no poema “Jandira”, o poeta tematiza a mulher como mito que não envelhece, enfoca a criação do mundo, sempre sugerindo o mítico.

Nota-se, aí, além da conotação humorística, o sensualismo, com que o poeta se opõe ao deslumbramento cristão.

JANDIRA

*O mundo começava nos seios de Jandira.
 Depois surgiram outras peças da criação:
 Surgiram os cabelos para cobrir o corpo,
 (Às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos)
 E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo
 E surgiram sereias da garganta de Jandira:
 O ar inteirinho ficou rodeado de sons
 Mais palpáveis do que pássaros.
 E as antenas das mãos de Jandira
 Captavam objetos animados, inanimados,
 Dominavam a rosa, o peixe, a máquina.
 E os mortos andavam nos caminhos visíveis do ar
 Quando Jandira penteava a cabeleira.*

*E Jandira se casou
 E seu corpo inaugurou uma vida nova
 Apareceram ritmos que estavam de reserva,
 Combinações de movimentos entre as ancas e os seios.
 À Sombra do seu corpo nasceram quatro meninas que repetem
 As formas e os sestros de Jandira desde o princípio do tempo.*

Como vimos, neste trecho a referência é bíblica, Jandira transformou-se em mulher, multiplicou.

E adiante:

*E Jandira não morre,
 Espera que os clarins do juízo final
 Venham chamar seu corpo
 Mas eles não vêm.
 E mesmo que venham, o corpo de Jandira
 Ressuscitará inda mais belo, mais ágil e transparente.*

Embora, neste epílogo, o enfoque seja religioso, a vitória é conferida ao mundo da forma.

Ainda, em *O Visionário*, envolve-nos um clima onírico e alucinatório, que será uma constante em sua poética. E é João Cabral de Melo Neto quem reconhece ser a poesia de Murilo Mendes mestra pela plasticidade e novidade da imagem. E o espaço poético surge marchetado de formas e imagens. Como observamos em “Metade Pássaro”, o poeta visualiza a mulher mítica, vendo-a passar por uma inteira metamorfose: aqui, a mulher mítica liga o poeta ao mundo, passando a ser mulher forma:

METADE PÁSSARO

*A mulher do fim do mundo
dá de comer às roseiras,
dá de beber às estátuas,
dá de sonhar aos poetas.
A mulher do fim do mundo
chama a luz com o assobio,
faz a virgem virar pedra,
cura a tempestade,
desvia o curso dos sonhos,
escreve cartas ao rio,
me puxa do sono eterno
para os seus braços que cantam.*

Em “Pré-História”, também, integrante de *O Visionário*, o tema é tradicional, exibindo, como no simbolismo, imagem surrealista. E o ambiente familiar responde por suave lirismo, deixando-nos entrever a saudade:

*Mamãe vestida de rendas
tocava piano no caos.
Uma noite abriu as asas
cansadas de tanto som,
equilibrou-se no azul
e tonta não mais olhou
para mim, para ninguém:
Caiu no álbum de retratos.*

À mercê do chamamento poético, nas asas da liberdade, encontramos-lo no poema “Novíssimo Orfeu”, em *As Metamorfoses*, que, no primeiro verso, enuncia: “Vou Onde a Poesia me Chama” e conclui: “A Poesia Sopra Onde Quer”.

O comportamento confessional de sugar a poesia em tudo, exprime-se em “Memória”, ainda em *Metamorfoses*:

*Pasado presente futuro
Tiro o alimento de tudo.*

No poema “Iniciação”, perdura o obsessivo gesto:

*Poemas velozes
Explodindo no meu corpo
Batem as hélices
De encontro ao espelho oblongo
Do assado, presente e futuro.*

Em *Contemplação de Ouro Preto* (1949 – 1950) um dos pontos relevantes, em sua arte de poetar, ressaltamos, a par da disciplina semântica, o ritmo, exibindo, aí, a história e a paisagem de Vila Rica, colhendo a inteira substância do barroco mineiro, como sentimos em “Acalanto de Ouro Preto”:

*Dorme, Ouro Preto, dorme
O sono da mineração.
Encobre, Ouro Preto, encobre
teu drama na cerração.
Dorme, dorme, bandeirante
Dorme, dorme, inconfidente,
Dorme, dorme, visionário:
A realidade cresceu,
Dorme, Ouro Preto, dorme
o sono da maturação.
Dorme, dorme, inconfidente
– Ouro Preto inconfidente –
Na paz íntima de Deus
Dorme o silêncio da cruz
Dorme, Ouro Preto sombria,*

Para sempre, dorme, dorme,
 Na tua pátina paciente
 No teu frio e escuridão,
 Nas tuas igrejas perenes,
 Nas tuas pedras solenes,
 Nos teus terraços desertos
 Iluminados somente
 Por fogos-fátuos errantes
 Com teus pobres vagabundos,
 Com tuas almas penadas,
 Com teus santos, com teus poetas
 Barrocos, alucinados,
 Teus leprosos, teus doentes,
 Teus doidos, teus enforcados
 Refeitos na eternidade,
 Remidos na tradição,
 Dorme, Ouro Preto reclusa,
 Dorme, trágica Ouro Preto,
 Dorme, Ouro Preto assombrada,
 O sono da libertação.

Ainda, em *Contemplação de Ouro Preto*, no poema "A Lua de Ouro Preto" (fragmento), afloram termos não dicionarizados, peculiares à sua gênese literária, alternando-se, aí, as funções expressiva e metalingüística:

Luar, luar,
 Não confundamos:
 Estou mandando
 A lua luar

 E tu és cíclica,
 Única, onírica,
 Envolverônica,
 Musa lunar.
 Ó lua plástica
 Ó lua aplástica
 Móvel, imóvel,

Pagã, cristã,
 Lua de alcânfora,
 Lua de enxofre,
 E de alumínio,
 Excêntrica e
 Egocêntrica,
 Ouvimos rápidos
 Os teus cronômetros
 No claro espaço
 Microsoando.
 Lua humanada,
 Violantelua,
 Lua mafalda
 Lua adelaide
 Lua exilanda.

Criando ou aglutinando palavras, ensejando-nos apreciar uma nova realidade lingüística.

No livro *Poemas* (1930), em "Poemas Sem Tempo", dedicado a Ismael Nery, inclui "Tentações Paralelas" um momento entre o real e o imaginário:

O espírito me transporta a um lugar muito alto,
 me mostra teu corpo decotado.
 Matar aquele homem,
 caminhar na extensão morena do teu corpo!
 Os anjos me transportam ao lugar mais alto do mundo
 e me mostram só tua cabeça decotada pensando em mim.

Sobre Ismael Nery, o maior amigo de sua vida, confessa o poeta, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, em 1972, respondendo ao escritor Antônio Carlos Villaça: "Ismael Nery era múltiplo, tinha o senso da modernidade e do eterno, era filósofo, poeta e pintor, e, sobretudo, intuição. Possuía um lirismo dialético. Conversava com os simples. Tinha o dom de se situar na exata dimensão alheia. Eis a essência do Catolicismo: a compreensão amorosa."

Este poeta essencialista, que teve funda influência na vida de Murilo Mendes, assim conceituava a poesia: “A poesia começou no instante da criação do mundo, continua no plano temporal e se completará um dia na eternidade.”

E é Hildon Rocha quem nos diz: “Místico e, às vezes, meio surrealista, Murilo Mendes é sugestivo cantor das coisas efêmeras, sem deixar de o ser, também, das eternas.”

*O namorado contempla
o corpo da namorada.
Vê o corpo como está
não vê o corpo como foi
nem como o corpo será.
Ele só vê a mulher
no momento em que a vê.”*

No poema “À Musa”, integrante de *Tempo e Eternidade* (1934), invoca a presença da musa, julgando-a imprescindível como bússola da inspiração:

À MUSA

*Tu és a relação entre o poeta e Deus.
Tu prefiguras uma imagem do Eterno
porque a todo o instante organizas o mundo.
Sem ti minha poesia se extinguirá,
Sem ti eu ficaria mirando as construções do tempo.
E aumentas a minha sede do ilimitado.
m dia, quando o Eterno me der a grande força,
Prenderei tua cabeça entre as constelações
A fim de orientar os poetas futuros.*

Ante a realidade inexaurível, que explode dos gestos humanos, e nos labirintos dos impulsos reprimidos, elaborou o poeta estes versos:

*Eu sou o olhar que penetra as camadas do mundo
ando debaixo da pele e sacudo os sonhos
não desprezo nada que tenho visto
todas as coisas se gravam para sempre
na minha cachola.*

Em *O Discípulo de Emaús*, condensa o poeta sua preocupação artística, dizendo: “A realidade deve ser pouco domada, até ser captada pelo lirismo para que se opere sua transformação e elevação ao plano do espírito. Assim se forma a criação artística.

E, sobre a morte, assim se define, no *Discípulo de Emaús*: “Que é a morte? A extinção do livre arbítrio.”

Sobre o amor, assim se expressa o poeta: “O amor é a minha biografia”.

Em algumas máximas, registra pensamentos e percepções, não raro sarcásticos, criticando o homem contemporâneo, em todas as revelações do sentimento e da inteligência. E, admirável, capta, em esplêndida analogia, uma face de sublimidade: “O pássaro dá admiráveis exemplos de finura e independência. Canta, canta, em qualquer lugar, e vai-se embora sem querer saber de aplausos, nem de pagamento.”

E, sobre o poeta, colocando-o em neutralidade, em espaço privilegiado, emite sua visão: “O poeta não quer ser governado nem governador.”

Nas suas principais produções: *A Poesia em Pânico*, *As Metamorfoses e Poesia Liberdade*, Murilo Mendes objetiva sua perplexidade ante um mundo desconjuntado, evidenciando a obsessão do caos, que deve, porém, resgatar-se em vista dos valores absolutos: Eros e Liberdade. A palavra do poeta sacraliza todos os fenômenos, como crê ter agido o Verbo, ao penetrar no âmago da História. E há certas marcas erótico-místicas à semelhança da poesia protéica de William Blake, como flagramos em *A Marcha da História*:

*Eu me encontro no marco do horizonte
onde as nuvens falam,
onde os sonhos têm mãos e pé
e o mar é seduzido pelas sereias.
Eu me encontrei onde o real é fábula,
onde o sol recebe a luz da lua,
onde a música é pão de todo o dia
e a criança aconselha-se com as flores
onde o homem e a mulher são um,
onde espadas e granadas
transformam-se em charruas,
e onde se fundem verbo e ação.*

Em 1971, ano do 70º aniversário do poeta, data que passou quase que em total silêncio, reapareceu com o livro *Convergência*, editado pela Livraria Duas

Cidades, onde reafirma suas qualidades de poeta de vanguarda, em plena força criativa. Este livro obteve o Prêmio Nacional de Brasília, valorizando um trabalho inventivo de singular relevância.

Aí, reúne poemas escritos entre 1963 e 1966, sendo 35 grafitos e 38 murilogramas e uma série de poemas, sob o título *Sintaxe*, onde lida com as “palavras feras” que “nos agridem”, revelando o processo mental do poeta, no domínio do seu microcosmo, que pode desincumbir-se da missão que Keats delegou ao poeta: “Cumprindo alta missão do poeta, Murilo Mendes exacerba os seus agudos sentidos, despertando os espíritos que repousam nas coisas e na variada paisagem da civilização/cultura: ‘nas densas naves de Bach ou nos terraços de Mozart’. Enfim, revivendo os espectros íntimos e convivendo com as presenças obsessivas que habitam seu vasto mundo poético”.

Nos grafitos e nos murilogramas, evidenciam-se as texturas sonoras, assim como a presença do elemento plástico:

GRAFITO EM TANGER

*Desço na noite amarela
onde a laranja sibila.
Vai este olho vertical
divisando as tangerinas veladas
de braço com os tangerinos
no silêncio horizontal
tangível.*

*Tânger tangida, ácida
paisagem de portas redondas*

*Surpreendo mais tarde Tânger
imóvel sem véus
tangente à melinconia:
temendo o tangolomango
saio da noite amarela
onde a laranja sibila.*

(Tânger, 1963)

“O grafito (como o murilograma) resulta de uma espécie de cálculo combinatório a que, estruturalmente, tendeu a poesia de Murilo Mendes, como nos

diz Laís Corrêa de Araújo, apresentando, em suas curvas ou paralelas cíclicas: arranjos, permutações e redundância do código, movimento desarmônico, reflexão, refração, interferência e superposições de elementos condutores e isolantes de linguagem, colisão e progressão das partículas do discurso condensador”, como se vê em:

MURILOGRAMA A CECÍLIA MEIRELES

Dorme no saltério & na magnólia

Dorme no cristal & em Cassiopéia

Dorme em Cassiopéia & no saltério,

Dorme no cristal & na magnólia.

O século é violento demais para todos os dedos

dúcteis afeiçãoados ao toque dos duendes:

o século, ácido demais para uma pastora

de nuvens, aponta o revólver aos mansos

inermes no guiar & columbrando a paz.

Armamentos em excesso, parquesombras de menos

se antojam agora ao homem, antes criado

para dança, alegria & ritmos de paz.

Desde os *Sonetos Brancos* (1948), o poeta se aproxima da paisagem e dos objetos, numa irresistível tendência para a apreensão do real, envolvendo, também, o real-imaginário, o supra-real, em busca de formas e dimensões concretas. Em *Sonetos Brancos*, *Parábolas*, *Siciliana* e, particularmente, em *Tempo Espanhol*, observa Eduardo Portella, Murilo Mendes, “sem fazer do artesanato uma finalidade em si, constrói um idioma novo, inteiramente isento de qualquer elemento supérfluo, atingindo uma sábia economia expressional, sem cometer excessos que o conduzissem à antipoesia. Revelam absoluto e total domínio estilístico e apresentam uma misteriosa e densa poética do real e do imaginário”. Assim encontramos-lo no poema “O Rito Cruento”, em *Tempo Espanhol*:

*Em Madrid numa praça de corridas
vi o toureiro confrontar-se à morte,
vida e morte se medindo, se ajustando
na condensada lâmina que divide*

*o homem do animal:
 neste rito de extrema precisão
 vida e morte afrontadas se equilibram
 ante o olho enxuto do toureiro
 e o gesto e palavra (cúmplices) do público.
 Que a morte para o espanhol inda é hombridade.*

Sempre mergulhado em luz e sombra, percorre como audacioso desbravador todas as veredas da inteligência e da imaginação, como o sentimos no poema dualístico “O Mapa”, em que a ambigüidade visceral coloca Murilo Mendes ante dois caminhos:

*Me colocaram no tempo, me puseram
 uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou
 limitado ao norte pelos sentidos e ao sul pelo medo,
 a leste pelo apóstolo São Paulo, a oeste pela minha educação.
 Me vejo numa nebulosa, rodando, sou um fluido,
 depois chego à consciência da terra, ando como os outros,
 me pregam numa cruz, numa única vida.
 Me puseram o rótulo do homem, vou rindo, vou andando, aos solavancos.
 Danço. Rio e choro, estou aqui, estou ali, desarticulado,
 gosto de todos, não gosto de ninguém, batalho com os espíritos do ar.*

E confuso, continua:

Alguém da terra me faz sinais, não sei mais o que é o bem e o mal.

E mais adiante, o ceticismo da vida presente:

*Minha cabeça voou acima da baía, estou suspenso, angustiado, no éter,
 tonto de vidas, de cheiros, de movimentos, de pensamentos,
 não acredito em nenhuma técnica.*

E, consciente de sua liberdade de poeta, extravasa:

Viva eu, que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente.

E, olhos indagadores, finaliza, situando-a num paradoxo, desarticulando:

*Tudo é ritmo do cérebro do poeta. Não me inscrevo em nenhuma teoria,
 estou no ar,
 na alma dos criminosos, dos amantes desesperados,
 no meu quarto modesto das praias de Botafogo,
 no pensamento dos homens que movem o mundo,
 nem triste, nem alegre, chama com dois olhos andando
 sempre em transformação.*

No poema “Lâminas”, registra a contundência e agressividade do século XX, servindo-se de recurso estrutural anafórico que intensifica o efeito semântico:

*As lâminas afiadas do ar do século XX
 As lâminas afiadas da tensão do século XX
 As lâminas afiadas da atenção do século XX
 As lâminas afiadas da rotação do século XX
 As lâminas afiadas da multifoice,
 Da multiface do século XX.*

Em “Retratos Relâmpago” (1965-1966), mostra-se poeta prosador, retratando 45 personalidades da vida intelectual brasileira e estrangeira. Entre eles Homero, Dante, Jean Cocteau, Ezra Pound, Camus, Jorge de Lima e Graciliano Ramos. A par do enfoque objetivo, o poeta mostra-nos, também, seu perfil.

E se pergunta: “Seria eu um rígido espiritualista?”. E adiante: “Agora, então, que me aproximo a passos largos da eternidade – com ou sem direito a uma segunda vida, sinto se deslocarem dia a dia as cômodas etiquetas que reciprocamente nos aplicamos, enquanto subsiste o enigma da nossa verdadeira identidade que, talvez, de resto, nunca poderemos decifrar”.

Suas últimas produções, sob a ótica de Affonso Romano de Sant’Anna, assim se afiguram: “Linguagem hieroglífica. Unidades autônomas, dispersas no todo. Um sistema de evocações, em que os personagens se dispõem num semicírculo representativo do Juízo Final”.

Entretanto, o depoimento mais afirmativo do poeta, refere-se à sua filiação ao Surrealismo, que nos enseja surpreendê-lo, ora em flagrantes de convivência humana, ora “na elaboração de sínteses históricas, ora em exercícios literários, descerrando a sua excelência criativa”.

Não raro, aí se denunciam as influências que recebeu, relatando: “A poesia ‘O Visionário’ do meu livro *As Metamorfoses*, pela temática, pelo ritmo, pelas imagens, descende diretamente de Castro Alves”.

E o enfoque sobre Graciliano Ramos, repetidamente, revela sua convicção com os materialistas. Seria Graciliano Ramos um rígido materialista?

Aí o poeta se encontra “numa indagação sobre o próprio desaparecimento, sua auto-imagem, sua postura filosófica”.

Em *Poliedro*, de 1972, irrompe o prosador lírico, na elaboração de crônicas, diários, textos de puro exercício verbal, páginas entremeadas de humor, como em “O Galo”, em “Setor Microzoo”:

“Quando eu era menino, acordando cedo de madrugada, ouvia o galo cantar longíssimo, o canto forte diluía-se na distância, talvez viesse das abas redondas de Chapéu D’Uvas, ou das praias que eu imaginava no Mar de Espanha, sei lá, no cornimboque do diabo. Nesse tempo não existiam galos no nosso terreiro”.

E, no domínio da palavra, flagramo-lo neste trecho:

“O tigre, segundo Valéry, é um gato grandioso, uma vera instituição, um poder organizadíssimo, uma espécie de razão de estado, de monarquia totalitária; o animal absoluto. Por estes e outros motivos afins já se vê que tigre, *ce n’est pas moi*”. Prossegue: “Não há tigre vice: o leão é vice-tigre. O tigre é belo, inadiável. Sibilino, calmo. Intransferível”.

O Estado de S. Paulo, de 22 de agosto de 1972, em destaque, mostra o poeta de volta ao Rio, para uma temporada de quarenta dias. Distinguido na Itália com o “Prêmio Etna-Taormina”, sente-se honrado, contido, porém, em sua descrição de montanhês, pois a láurea fora concedida a alguns dos mais importantes poetas da atualidade, como Ungaretti, seu amigo e tradutor, Dylan Thomas, Jules Superville, Jorge Guillén e Salvatore Quasimodo. Aos 71 anos, assim se expressa o poeta: “Creio no amor, creio na liberdade, creio na poesia”.

E, conceituando-a: “Poesia é um fenômeno geral e pode ser encontrada em tudo; não consigo defini-la nem separá-la do teatro, da dança, do cinema ou da música”.

Personalidade internacional que era, o *Jornal de Letras e Artes*, de Lisboa, em 30 de janeiro de 1963, através do “Questionário de Proust”, famoso na imprensa literária portuguesa, registra seu depoimento de poeta e de homem, onde declina serem autores de sua predileção: Cervantes, Pascal, Stendhal, Dostoiévski, além dos filósofos: Platão, Hegel e Kafka, entre os atuais,

mencionando os poetas: Mallarmé e Rimbaud. E diz ser “o instinto de comunicação humana e a firmeza na amizade” os principais atributos do seu caráter. Ao responder sobre a flor de sua preferência, diz ser “a rosa, porque é bela e não insiste”.

Entre os dons da natureza que mais gostaria de possuir cita: “Um super olhar”, e sobre como desejaria morrer, responde: “Aceitando a morte, como a portadora da comunhão absoluta”.

Em seu *Diário Crítico*, tecendo considerações sobre a poesia, colhemos:

A poesia é a realidade; a imaginação, seu vestibulo.

“Todas as contradições se resolvem no espírito do poeta. O poeta é, ao mesmo tempo, um ser simples e complicado, humilde e orgulhoso, casto e sensual, equilibrado e louco. O poeta não tem imaginação. É realista.

“No plano poético, o espiritual é orgânico”.

A partir do Salmo: “Na casa do Pai há muitas moradas”, em suas considerações sobre a arte, cita que este pensamento se aplica de variadas maneiras ao universo da arte. “A cada um a sua morada, conforme o talento que recebeu, conforme sua natureza original ou transfigurada, conforme seu amor, seus erros, suas paixões, seus ímpetos, sua ideologia, suas inclinações, seu silêncio”.

E sua admiração por Mozart se faz presente na reflexão:

“Nos músicos essenciais, o temperamento cede sempre à vitalidade criadora: eis por que Brahms, Liszt e Schumann não possuem o valor essencial de Bach ou Mozart”.

E o seu amor pela música, ele o confirma em quase todas as suas manifestações “Sem a música, não saberia viver”. A essência da música é a liberdade, pois está baseada na combinação de números até o infinito. Nela reside o prazer sem impureza. Eis por que pela música também se vai a Deus”.

Às vezes deparamo-nos com o Murilo meio surrealista, operando no plano subjetivo e imaginativo, compondo uma realidade suposta, de que se esquiva na autodefesa, no medo, talvez na verdadeira realidade:

*Existes telefonicamente para mim
Quando mais longe de ti, mais te desejo
E te sinto mais branca e invulnerável
Hesito entre o lado diurno e o noturno do teu ser.*

Como poderemos notar em alguns fragmentos do poema *Texto de Consulta*, o poeta se compromissa com o verbo em um exercício de metapoesia:

*A página branca indicará o discurso
ou a supressão do discurso?*

*A palavra cria o real?
O real cria a palavra?
Mais difícil de aferrar:
Realidade ou alucinação?*

*Sem o texto
Não decifro o itinerário
Toda palavra é adâmica:
Nomeia o homem
que nomeia a palavra.*

*Serei julgado pela palavra
O Juízo Final começa em mim
nos lindes da minha palavra.*

Mestre da abstração, choca-se com o anteparo da morte em “Aeropoema”, integrante de *As Metamorfoses*:

*Pelos caminhos da noite
Mudei as asas de bronze.
O sonho me disse: Bebe,
Que eu sustento a copa amiga.
Quando acabei de beber
Atirou-me a sede ao chão.
A morte de guarda-chuva
Me espera lúcida e fria.*

Em *O Nascimento do Mito*, mostra-nos sua intimidade com a natureza:

*Escuto as plantas crescerem
E o diálogo sinistro contínuo
Das ondas com o horizonte.*

Em *Poesia Liberdade*, publicado em 1947, numa oferta “aos poetas moços do mundo”, compila poemas que vão de 1943 a 1945.

Surge aí, o poeta identificado com o mundo, apreendendo as graduações psicossociais de seu tempo. Afligindo-se com os amargores da guerra, filtra-os em seus poemas, para, a seguir, purificar-se nas longínquas perspectivas de paz.

E, rasteando a fantasia, privilégio de vate que alça vôos ao infinito, transita livre, do canhão à alfombra e, em estado de graça, num momento de abstração, monologando, extasia-se em “O Mar”:

*Debruço-me sobre o cais de onde não parte navio algum,
Vendo ouvir o mar esvoaçante.
O mar não me dá vontade de partir
O mar me dá vontade de ser permanente, definitivo,
Em oposição ao mar
Que se debate e grita num comício perpétuo.*

II

*Dobrando a esquina encontro o tigre.
Não sou blindado como os navios para afrontá-lo,
Nem costume dar urros como o vento.
Fico de longe, fazendo-lhe sinais
A que o farol vermelho e verde responde.
Que se passará nos salões da gaivota?*

III

*O mar do outro mundo, o mar regenerado
Incluirá suaves sirenas
Que atrairão para a vida
O mar inocente e reduzido.
Nós lhe traremos flores de coral.*

Homem de seu tempo, mas também de um tempo futuro, assim se expressa, no epílogo da “Microdefinição do Autor”, em *Poliedro*, como a prenunciar as angústias porvindouras e o irrefreável desconcerto do mundo:

“Todos os homens conscientes, em particular os escritores, devem unir-se contra a guerra, a massificação, a bomba-atômica”. Vemo-lo, aí, numa conclamação contra tudo o que, hoje, atemoriza e preocupa o homem, em uma indagação existencial, ante a insolúvel problemática dos novos tempos.

E, após esta prospeção no Universo do Tempo, do Espaço e do Ser, que a sutileza de seu espírito nos proporcionou, ainda continuamos a indagar:

Onde está “o real e o imaginário?”



HENRIQUETA LISBOA E SUA INTERAÇÃO POÉTICA COM MÁRIO DE ANDRADE*

*Fábio Lucas***

O dia 9 de outubro encerra as duas pontas de uma duradoura amizade literária: naquela data nascia Mário de Andrade em 1893 e Henriqueta Lisboa viria a falecer em 1985. O alfa e o ômega de uma intimidade no reino da poesia.

Mário de Andrade exerceu notável influência na produção lírica de Henriqueta, aconselhando-a como bom amigo e mestre exigente.

Ambos se identificam em vários momentos temáticos ou imagéticos e até mesmo lexicais. É o caso do devotamento ao vocábulo “azul”, que constitui, ao lado do vocábulo “abril” uma das marcas recorrentes da mitologia de Mário. *Livro Azul* vem a ser o título de uma de suas coleções mais importantes.

Quando Mário se entregava à feitura dos *Poemas da amiga* (1929 – 1930) e do *Livro Azul*, passava por um período de semi-apatia, de contemplação, de desmaterialização do ser, que infundia nele o desejo de escrever em tom menor, sem lances hiperbólicos, ao modo de certos poetas ingleses. A exploração do “azul” entende com aquele período de concentração psíquica e de entrega a uma emotividade neutra, reagente ao tom revolucionário e polêmico dos primeiros experimentos modernistas. E é no oitavo dos *Poemas da amiga* que encontramos, talvez, a sugestão do título que Henriqueta Lisboa adotaria para o seu livro *Azul Profundo* de 1950 – 1955:

*Tua presença é uma carne de peixe,
De resistência mansa e um branco
Ecoando azuis profundos.*

* Conferência pronunciada pelo acadêmico Fábio Lucas na Academia Mineira de Letras, em 12 de julho de 2001.

** Acadêmico, professor..

Nas *Reverberações* de Henriqueta Lisboa, de 1975, temos, no verbete “Vergel”, o *verde/refletindo o azul*, enquanto no verbete Heráldica se fala da *alta nobreza azul do espírito*. E na sua última obra publicada, *Pousada do Ser* (1976-1980) dedica um poema a “O Dia Azul”.

Mário de Andrade, em carta de 26-1-944, aponta a existência de duas pessoas em Henriqueta Lisboa: a poeta e a professora católica. Esta última, de certa forma, bloqueava o surto lírico da primeira. Introduziria a rotina do pensamento nas forças expansivas da criação: “Tem em você – diz ele – na você de agora, depois que se perfez e se libertou da certa impessoalidade a-volta-do-condor que ainda havia em grande parte da *Prisioneira da Noite*, tem em você agora, com certa indecisão, imprecisão de divisão, duas pessoas distintas. Uma delas é o Poeta, e outra é a Professora Católica.”

Aliás, o que distingue o fazer poético do apelo publicitário, tão comum em nossos dias, é o grau de utilidade deste último, em confronto com o descompromisso quase lúdico da expressão poética.

Assim, enquanto a poesia percorre a sua *finalidade sem fim*, estabelecendo com o leitor uma esfera de comunhão, o produto retórico e/ou publicitário, baseado em princípios de comunicação persuasória, dirige-se mais ao entendimento do que à emoção. Torna-se tautológico e mnemotécnico.

Na poesia prevalece o código, enquanto a mensagem discursiva transporta a propaganda, o anúncio e as emoções primárias, sensações de primeiro grau. Quase sempre, o ornato plástico ou o musical constituem acessórios enganadores que alimentam hoje a ilusão da poesia, pois se põem no lugar do poético verdadeiro.

Mais um passo adiante, Mário de Andrade condena nos poemas de Henriqueta o estilo conceituoso: “São certas poesias em que no fim, como se fosse fábula com moralidade, você termina com um conceito ou coisa de alguma forma assimilável a um conceito. Enfim, com uma coisa que mais se assemelha a uma reação intelectual que a um desabafo, a um surto lírico.”

Mário acentua que a poesia “como arte que é, é sempre proposição de verdades, mas verdades antilógicas, paralógicas, superverdades, definições intuitivas e não dedutivas.” Conclui dizendo que qualquer conceito lógico, conclusivo ou moralidade fabulística prejudica a realidade lírica e livre da poesia. Pelo que se nota da correspondência de Mário de Andrade enviada a Henriqueta Lisboa, publicada sob o título de *Querida Henriqueta* (Rio, José Olympio, 1990), edição organizada e anotada criteriosamente pelo Pe. Lauro

Palú, o líder do modernismo exercia rigorosa vigilância sobre os poemas de Henriqueta, verdadeiro magistério carregado de pontuações críticas e gestos de ternura.

Quem estudar a evolução literária da poetisa mineira, haverá de reconhecer seu caminho retilíneo em direção da essência lírica. Vale dizer: a poeta foi derrotando paulatinamente a professora católica.

A projeção dessa mudança aponta para dois aspectos curiosos da carreira da escritora: o primeiro diz respeito ao seu livro mais dramático, publicado após o falecimento de Mário de Andrade, *Flor da morte*, cujos poemas não puderam passar sob o crivo exigente do crítico; o segundo consiste na variação de tonalidade ao defrontar-se com o tormentoso e recorrente tema do amor e da morte.

A fim de demonstrar o procedimento técnico de Henriqueta Lisboa, valemo-nos das categorias fixadas por Freud para apreender os movimentos mais secretos do inconsciente: a transferência e a condensação. O que, na arte literária, terá como correspondentes a passagem do discurso metonímico para o discurso metafórico.

Henriqueta Lisboa combina a elaboração metonímica, na linha do significante, que implica uma operação racional, com a formulação metafórica, irracional, governada por processos de condensação.

O andamento do poema em Henriqueta Lisboa revela substituições sucessivas e acréscimos intensificadores que podemos identificar como deslocamentos, no sentido freudiano que isso possa ter. A tarefa do crítico consiste em tornar manifesto o que ficou disfarçado ou reprimido.

No ato de comunhão da poesia, estabelece-se na interação emissor/receptor uma estado diferenciado de consciência, uma aproximação virtual de que o leitor extrai estados de espírito luminosos, aclaramentos de essência.

Henriqueta Lisboa tem a propriedade muito particular de promover uma constelação de informes estéticos em torno de núcleos genéticos do poema. Às vezes, basta uma palavra.

A totalidade da composição tende a se formar de modo esférico, como se o produto desejasse exibir um estado de perfeição.

Tome-se o poema “Sofrimento”, do livro *Flor da morte*, do qual se podem extrair inúmeras diretivas, ou meios de produção de sentido. Uma delas seria a captação existencial, quase metafísica, na medida em que se procura estabelecer o limite entre a essência e a aparência.

Outra diz respeito a uma poética, como se os símbolos arcassem com a função de constituir-se em suporte da metalinguagem. Ou seja, como se o ornamento significasse a casa da poesia. Eis o texto:

SOFRIMENTO

*No oceano integra-se bem pouco
uma pedra de sal.*

*Ficou o espírito, mais livre
que o corpo.*

*A música muito além
do instrumento.*

*Da alavanca,
sua razão de ser; o impulso.*

*Ficou o selo, o remate
da obra.*

*A luz que sobrevive à estrela
e é sua coroa.*

*O maravilhoso. O imortal.
O que se perdeu foi pouco.*

Mas era o que eu mais amava.

Desejamos exprimir com isto que Henriqueta Lisboa, não somente no poema que tomamos por exemplo, mas variadamente, adota o duplo gesto de espalhar e recolher. Tudo, como vimos, ao redor de uma peça básica, um núcleo.

O dístico inicial domina o sistema de imagens do poema:

*No oceano integra-se bem pouco
uma pedra de sal.*

O poema se desdobra em veios paralelísticos, como se fora uma canção cumulativa de dísticos, de ritmação irregular. Mas o que seria o refrão terminal, epílogo conclusivo, explode em três versos isolados que condensam o significado do poema.

Reunidas as dualidades de cada parêntese, a poeta retrata as tensões entre causa e efeito, fundo e forma, essência e aparência. E, do balanço da particularidade de cada sintagma, chega-se à síntese dramática: os elementos básicos se tornam ausentes, “O maravilhoso. O imortal”, como diz o poeta. Neste ponto, ela se socorre da adversativa “mas para designar a sua opção humana, mais transitória, existencial: “Mas era o que eu mais amava.”

Uma poética? Não há dúvida. Ela se vale do poema para designar o valor discordante da aparência, materializada nos elementos derivados: o espírito, em relação ao corpo; a música, em relação ao instrumento; o impulso, em relação à alavanca; a luz, em relação à estrela.

Junto com esses derivados, enumera tudo o mais que fica: o selo, o remate da obra, o maravilhoso, o imortal. Que se perde então? Perderam-se as fontes, as origens, a causa inicial de tudo, uma pedra de sal, o corpo, o instrumento, a alavanca, a estrela e tudo o que se opõe ao maravilhoso e ao imortal. Tudo o que, entretanto, era o que a poeta mais amara. Enfim, a forma, a aparência.

Com este pequeno estudo desejamos ressaltar, além da técnica de constelação imagética em torno de um princípio, termos novas possibilidades de prospecção na obra de Henriqueta Lisboa. Por exemplo, o estudo da dicotomia vida/morte, que poderá recolher resíduos de uma decisão amorosa profunda, sinalizada pelo triunfo secreto da esperança ou pela sedução transitória da morte enquanto apenas ato de consolação ou talvez medida diluidora de antagonismos insolúveis.

Cessado o diálogo com seu mestre Mário de Andrade, a poeta Henriqueta Lisboa tomou luz própria e ascendeu extraordinariamente, abafando aos poucos a professora católica.



TRÊS TEMPOS

Esta seção pretende apresentar, em cada número da *Revista*, uma amostragem literária de três autores mineiros pertencentes a um mesmo tronco familiar, acompanhada de resumidos dados biográficos. Nesta edição, publicam-se duas poesias de Alphonsus de Guimaraens, trechos de um conto do filho João Alphonsus e dois poemas de Alphonsus de Guimaraens Filho.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Afonso Henriques da Costa Guimarães (Alphonsus de Guimaraens) nasceu em Ouro Preto no dia 24 de julho de 1870, filho do comerciante português Albino da Costa Guimarães e de Francisca de Paula Guimarães Alvim, sobrinha materna de Bernardo Guimarães.

A filha deste, Constança, falecida aos 17 anos, foi a grande paixão da adolescência do poeta. Bacharel em Direito, foi magistrado e faleceu em Mariana, no dia 15 de julho de 1921.

Sua poesia revela profundo misticismo e melancolia. Alphonsus é considerado, juntamente com Cruz e Souza, o mais alto poeta simbolista brasileiro.

Foi um dos fundadores da Academia Mineira de Letras.

Obras principais: *Kyriale*, *Ossa Mea*, *Dona Mística*, *Setenário das Dores de Nossa Senhora*, *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte*, *Poesias*.

Arq. Estado de Minas



ISMÁLIA

*Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar...*

*No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...*

*E no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...*

*E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...*

*As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...*

*Estava perto do céu
Queria a lua do mar...
E no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...*

SONETOS - XIX

*Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.*

*As estrelas dirão: Ai, nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria...
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.*

*A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.*

*Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: "Por que não vieram juntos?"*

JOÃO ALPHONSUS

João Alphonsus de Guimaraens, terceiro filho de Alphonsus de Guimaraens Zenaide Silvina de Guimaraens, nasceu em Conceição do Serro, em 6 de abril de 1901. Orador da turma da Faculdade de Direito da UMG em 1930, foi funcionário público estadual.

Embora tenha deixado poemas excelentes, foi como prosador que mais se afirmou, projetando-se entre os melhores contistas do País.

Membro da Academia Mineira de Letras, faleceu em Belo Horizonte, no dia 23 de maio de 1944.

Escreveu os romances *Totônio Pacheco* e *Rola Moça* e os livros de contos *Galinha Cega*, *Pesca da Baleia* e *Eis a Noite*.

Arq. Estado de Minas



GODOFREDO E A VIRGEM

João Alphonsus

(Fragmentos)

Dona Carmen veio, mais grisalha no seu despenteamento, uma resignação revoltante: Ela acordou, Godo, e quer te ver...

Lá foi ele pelo corredor padecer de novo o contraste. Pelo corredor seguido pelo aniquilamento de Dona Carmen, máquina de sofrer sem rumor e sem cólera, sorrindo. Na passagem escutou o ronco metódico do sono de Seu Terêncio. A última porta coava pela fresta a claridade amarela, trágica. Entrou feito um espectro dentro do cheiro indefinível de anti-sépticos e morte. Sob as cobertas aquele corpo era um traço arfante de vida, os joelhos duas pontas, as clavículas acentuadas, o peito como uma tábua. O peito. Ninguém se lembrava de disfarçar debaixo das cobertas inúteis a destruição vertiginosa daquele corpo moreno. O peito. Carmita, eu estou aqui. Só os olhos eram duas luzes de vida e de febre. Ah, é você Godo; me dá a injeção.

No braço magro que surgiu apenas o calor da febre indicou vida. A picada da agulha penetrou na pele áspera, dura, toda marcada de outras picadas.

– Fica um pouquinho comigo, agora. A tosse está passando, não está Godo?

– Está sim, Carmita: você vai sarar.

– Se vou.

A prostração tomou conta dela suavemente como o tantas vezes repetido ensaio da morte.

Enquanto a noite passa lenta e você, Godofredo da Silva Santos, bom e sofredor, vela o cadáver de tua noiva, de tua esposa, mais do que nunca pura e impura, os homens conversam na sala de jantar.

Amanhã de manhã, às 8 horas, o coche funerário levará o teu bem para o cemitério do Bonfim. O coche branco das virgens, que você não vacilou em contratar para tua esposa virgem. E você beijará na frente de todos a testa do cadáver, e soluçará aniquilado, enquanto o caixão desce nas correntes levando o corpo virgem de tua esposa, a tua esposa virgem, virgem antes e depois da morte. Amém.

– Estou achando uma careza, Té.

– Pois eu não acho, não. (Dona Carmen espiou com curiosidade o marido, acostumada ao mecanismo simples, pecuniariamente falando, daquela máquina humana). Um conto e oitocentos... Você imagine que se fizessemos a conta de todas as receitas e visitas, garanto que saía a menos de cinco mil-réis cada uma. Você vê que não é caro, não.

– Pois então, Terêncio, você hoje vai ao banco tirar o dinheiro, e depois passa no escritório do Dr. Pinheiro.

Seu Terêncio levantou-se da cama, enfiou os pés nos chinelos e andou para cá e para lá: eu vou no banco sim, mas é falar com o Godofredo a respeito desta conta.

– Ora, você, Terêncio...

Na janela, o marido contemplou a paisagem, as mangueiras molhadas de sereno, com reflexos de sol, na serra do Rola-Moça que não tinha esse nome não, longe e bonita, um pregão na rua: olha abóbora, batata e queijo.

Tornou a andar para cá e para lá: o que eu vou fazer é isto. Quando ele casou ela já estava desenganada, mas sabe-se lá. Pense no seguinte: se ela se curasse, mesmo se somente melhorasse bastante, quem é que ficava responsável pelas despesas da doença? O marido. Sim, senhora, o marido e não o pai. E depois ele mesmo fez questão de pagar o enterro e as missas de sétimo dia. Só você com a sua implicância...

Dona Carmen começou a arrumar os lençóis bocejando repetidamente.

O marido queria que ela respondesse alguma coisa: bocejava toda vez que ele deixava a janela e vinha até junto da cama. Está bem, em vez de ir ao banco, eu vou no Dr. Pinheiro, digo a ele para mandar a conta para o Godofredo. Pode ser que vá na farmácia e faça o mesmo.

–Terêncio...

– Ora, vá amolar o boi, Carmita.

A sombra da morta causou um silêncio e um mal-estar de um minuto talvez. No principio do amor, Carmita era ela Dona Carmen. Depois a filha do amor honesto deles ficou sendo Carmita, e aquela que lhe deu o ser virou Carmen. Carmita... A sombra da morta foi rechaçada.

Faça o que você quiser. Eu não tenho nada com isso.

– O senhor tem que pôr sua assinatura no verso do cheque.

– Puxa, quanta complicação...

Encostado no guichê, Godofredo viu Seu Terêncio aproximar-se risonho, para o diálogo final, anedótico e necessário, do conto: bom dia, Godo, como vai?

– Assim, assim. Como Deus é servido.

– Passei aqui para te avisar que faltam apenas cinco dias para as missas.

É preciso encomendar com antecedência.

– Que missas?

– As de trigésimo dia. Uma em seu nome e outra no meu e da Carmen.

Como no sétimo. Basta um convite único no “Minas”, com os nomes todos.

– Pois eu não vou encomendar missa nenhuma. Primeiro porque não tenho dinheiro, segundo porque não tenho tempo, terceiro porque não acredito...

Não diga isso, insensato.

– A propósito, eu tenho no bolso recibos das contas, daquelas. Mandei passá-las em nome do pai, isto é, do responsável pelas dívidas. Vou buscar lá dentro eles para a respectiva entrega.

Enquanto Godofredo ia lá dentro em busca dos recibos no bolso do paletó preto de luto, Seu Terêncio ruminou uma vingança. Achatá-lo com uma verdade dura. Godofredo voltou sorrindo: aqui estão os recibos, pode ficar com eles.

– O senhor é um cínico e um ingrato.

– Isto é modéstia de sua parte.

Seu Terêncio ia retrucar: o senhor é um infame! Porém um braço enérgico e impaciente se interpôs entre ele e o guichê, estendendo o cheque: pronto, está assinado no verso. Por sinal que um cheque de cento e oitenta mil-réis.

Seu Terêncio retirou-se devagar. Foi subindo solenemente pela Mantiqueira do seu desprezo metódico e bem dosado. Na porta, voltou-se e olhou Godofredo de uma altura de pelo menos 3.000 metros.

(Do livro de estréia de João Alphonsus, *A Galinha Cega*. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1931)

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Alphonsus de Guimaraens Filho (Afonso Henriques de Guimaraens), 14º filho de Alphonsus de Guimaraens e Zenaide Silvina Guimarães, nasceu em Mariana, no dia 3 de junho de 1918.

Bacharel em Direito pela UMG em 1940, foi jornalista e auxiliar de Juscelino Kubitschek em Minas e na Presidência da República, tendo se

aposentado como Subprocurador Geral do Tribunal de Contas da União.

Realizou extensa obra poética, recebendo o Prêmio de Poesia de Belo Horizonte, o Prêmio Manuel Bandeira, o Prêmio do Pen Clube, o Prêmio Jabuti e o Prêmio do Instituto Nacional do Livro.

Algumas obras: *Lume de Estrelas*, *O Mito e o Criador*, *Poemas Reunidos*, *Discurso no Deserto*, *Nó* e *O Tecelão do Assombro*.



SONETO DOS QUARENT'ANOS

*Não me ficou da vida mágoa alguma
De que possa lembrar aos quarent'anos
Senão esses cansados desenganos
Que o mar que os trouxe leva como espuma.*

*Foram-se os anos, mas que são os anos?
Chama que em sombra esfaz-se, apenas bruma.
As horas que eu vivi, de uma em uma,
Deixaram sonhos e deixaram danos.*

*Muita morte passou n'alma ferida:
Meu pai e meus irmãos, mortos amados.
Mas pela minha vida passou vida,*

*Passou amor também, passou carinho.
E pelos dias claros ou magoados
Não fui feliz e nem sofri sozinho.*

NASCITURO

*Que direi eu ao nascituro?
Dar-lhe-ei um pouco do escuro
sentimento que vem da vida?
Ou direi antes da impressentida*

*estrela que existe no fundo
do mais amargo sofrimento?
Dar-lhe-ei um pouco de sentimento
escuro, de que é feito o mundo?*

*Ou direi antes da aflitiva
certeza – humílima certeza –
de que a maior, divina beleza,
não consola esta coisa viva,*

*esta pobre, inquieta argila,
que é o homem, com o seu destino?
Ou direi antes ao pequenino
que dorme na antecâmara tranqüila*

*palavras de uma primavera
que os deuses reservam para o que vem?
Que direi eu ao que está sem
pecado ou culpa, ao que não era*

*senão na minha esperança, e agora
claro e preciso se anuncia?
Dar-lhe-ei um pouco do meu dia
ou viverei de sua aurora?*



NAS ESTRADAS DA FILOSOFIA

*Pe. Paschoal Rangel**

I

Introdução

Um respeitável volume de 555 páginas, lançado em edição brasileira pela Cia. das Letras em 1995, alcançava já em começos de 1996 uma gloriosa 14ª reimpressão. O livro, aliás, de origem nórdica, chegava de Oslo, Noruega, e já havia sido traduzido em uma porção de línguas, vendendo horrores, ou, como diz o texto da quarta capa, “conquistando milhões de leitores em todos os países em que foi lançado”. Ora, o livro chamado *O Mundo de Sofia*, é um “romance da história da filosofia”. É verdade que é romance, que a pílula vem açucarada. Mas é verdade sempre que se trata de “filosofia”. E não deixa de espantar um pouco o fato de esse mundão de gente estar interessado em coisa tão aparentemente obsoleta, numa civilização do utilitarismo, da técnica; no máximo, do esotérico. Pode até ser que alguns dos “consumidores” que adquiriram o livro estivessem pensando que filosofia tem algo com esoterismo, orientalismos, teosofia etc. Mas, de qualquer modo, o fenômeno mostra que filosofia ainda gera interesse e motiva o mercado. Depende da embalagem? Talvez. Para atingir a massa, tudo depende de embalagem. Acredito, porém, que nossos leitores, apreciando embora uma boa embalagem também, sejam mais exigentes e mais capazes de degustar um bom conteúdo.

Foi pensando nisso que resolvi iniciar esta série de ensaios curtos, bem leves, sobre filosofia. Digamos, uns “exercícios de filosofia”. Pouca coisa de cada vez, num estilo tanto quanto possível ameno, mas indo a assuntos substanciais, ao mesmo tempo que interessantes. Não quis tratar apenas de “história da filosofia” – embora seja talvez esta a parte que desenvolveremos mais. Quando, no correr de nossas conversas filosóficas, houver uma boa

* Acadêmico e professor de Filosofia e de Teologia.

oportunidade, entraremos na problemática e na sistemática filosófica propriamente ditas; mas não pretendemos fazer delas a parte principal deste instigante trabalho. Mesmo a história da filosofia, não a trataremos sistematicamente, cronologicamente, no seu desenrolar-se através do tempo. Desejamos, antes, ir chamando a atenção para as respostas que os filósofos foram dando a problemas de hoje e de sempre, na medida em que essas respostas possam chamar a atenção dos leitores. Às vezes, elas podem não ser as melhores (e as criticaremos); mas como estão na mídia, e os cadernos de cultura da grande imprensa estão falando delas, até mesmo inculcando-as como atuais, importantes, solicitando nossa adesão, vale a pena expô-las.

Outras vezes, serão curiosidades atraentes de um passado longínquo e fascinante. De qualquer modo, são forças ou lembranças que ficaram “nas estradas da filosofia”, através da história.

Atendendo ao apelo daqueles que, atraídos pela filosofia, não têm intimidade com ela, quero pedir licença aos leitores desta revista que entendem da matéria (e são tantos!) para colocar, no fim do nosso texto, uma espécie de glossário, sem o qual os não iniciados teriam muito trabalho para obter certas informações ou noções.

II

Começando a filosofar: a aurora

Filosofia propriamente dita é criação ocidental, mediterrânea; mais exatamente, grega. Um conjunto de factores geográficos, históricos e culturais convergiram para colocar o homem grego em posição tal que ele começou a interrogar as coisas como coisas, a buscar explicações racionais para fenômenos e acontecimentos, em vez de apelar para mitologias e respostas pitônicas, de fundo religioso e supersticioso. Para o grego navegante, que se deslocava para longes terras, conhecia muitas civilizações, comparava povos e religiões, por vezes tão diferentes e contraditórias, e percebia a relatividade dos costumes (uns atribuindo poderes superiores e misteriosos a isto; outros, àquilo, e, por vezes, o que era divino aqui, era diabólico ali e vice-versa); para esse homem que aprendia a confiar no seu poder de influir na Natureza, de enfrentar os mares, as fases da lua, os eclipses, modificá-la com sua “arte” (*techné*), conhecer as suas leis e utilizá-las a seu gosto – as coisas começavam a ver-se como coisas mesmo e não como “poderes”, “potestades”.

Foi essa mudança de comportamento diante do Homem e da Natureza, que criou o clima apto para o nascimento da Filosofia, no sentido que deram ao termo mais tarde Sócrates, Platão, Aristóteles e seus seguidores. Era uma interpretação do mundo e da vida, mas à luz da razão humana, daquilo que os gregos chamavam *noús* (pronuncia-se *nus*), que corresponde ao nosso “intelecto”, aquela faculdade que, em nós, é capaz de “coligir”, “com-preender” e “ler” “no íntimo” das coisas (*intus-legere*) e nesse íntimo descobrir o que as coisas realmente são. Essa “leitura do interior” que, de algum modo, corresponde a uma “intuição”, dava saída para um tipo de conhecimento que os gregos começaram a chamar “*theoría*”, que era um ver os seres “em sua verdade e com mente clara”. Esses homens saíam da postura mítica para uma atitude teórica¹. Eles começaram a olhar de frente para as coisas e perguntar pelo seu “que é” em vez de se curvar diante de poderes desconhecidos e amedrontadores. O mundo começava a ser um espetáculo (*theâ*, donde *teatro*) e o espectador, o contemplador (*theoretikós*) entusiasmado, embevecido, capaz de admiração, capaz de espanto diante do mundo. Um espanto de curioso que perguntava. Aristóteles, logo nos inícios de sua *Metafísica* (982 b 10), não se acanha em dizer que foi “pela admiração (*thaumádzein*) que os homens ontem como hoje – começaram a filosofar”.

Quem não é capaz dessa admiração, dessa curiosidade contemplativa, também não é capaz de sentir ou fazer filosofia. Já Platão se filiava a essa tribo do “espanto” admirativo, quando escreveu, no *Theetetos* (155 d), que “a admiração é um sentimento filosófico; é mesmo o verdadeiro começo da Filosofia”.

Comentando esses textos, Schopenhauer observava que “com exceção do homem, nenhum ser se admira de sua própria existência”. Foi com o homem – continua ele – “vale dizer, foi com a Razão, que a Natureza acorda atônita e se admira de suas próprias obras e pergunta a si mesma o que ela é”².

III

Ainda na aurora

A postura de quem se coloca *teoreticamente* diante da Natureza, encarando com *mente clara* as coisas como coisas e não como potestades, abriu para os

(1) Ver Pero Adjuncto de Botelho. *Da Filosofia. Tratado da Mente Grega*, Belo Horizonte: Candeia, 1949, 23 ss.
 (2) Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *A Necessidade Metafísica*, tradução de Arthur Versiani Velloso. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960, p. 83-85. Este livro contém o capítulo 17 da 2ª parte do 3º volume da obra: *O Mundo como Vontade e Representação*.

gregos do século VI antes de Cristo as portas de um conhecimento racional, noético, que veio a chamar-se *Filosofia*.

Não que os homens, antes deles, nunca tivessem procurado entender o mundo e suas coisas, o homem e seu comportamento, a vida e seu destino. Egípcios, Persas, Indianos, Chineses – todos indagaram sobre essas questões e deram suas respostas. Mas esses “sábios”, magos, buscadores de respostas, sempre terminavam em um “saber de salvação”, em revelações de “caminhos”, envolvidos em “mistérios”, cosmogonias e teogonias ou nirvanas, obscuridades sagradas, mergulhos no Uno, no depois da morte.

O que distinguiu os gregos daquele tempo, foi sua preocupação “científica”. Pelo menos, segundo o entendimento de Aristóteles, que foi seu primeiro “historiador”, eles estavam preocupados com o estudo da Natureza. Eram “*physiologistas*”, isto é, estudiosos da “*physis*”, quer dizer, da natureza. Faziam uma astronomia, geografia, meteorologia primitivas, se quisessem, mas procuravam aplicar sua “ciência” à “técnica”. Estavam dentro de um clima que perdurou no Ocidente e que só escassa e tardiamente entrou ou está entrando no Oriente.

É verdade que essa preocupação e esse estilo de pensar e viver estavam longe de ter penetrado no povo. Sequer em seus dirigentes políticos e militares. Tudo começava com alguns “intelectuais” privilegiados, mas já se ia entrada em cena de homens como Sócrates e os Sofistas. Claro que não se estava em tempos de *Aufklärung*. De Iluminismo. Com exceção de um ou outro desses “*physiologistas*”, que seriam os primeiros “filósofos”, era comum e natural que eles misturassem seus privilegiados momentos noéticos, de mente clara, de “*theoría*”, com um estado de espírito ainda “antigo”, quero dizer, mítico, de mente religioso-obscura.

De qualquer modo, entretanto, os gregos inauguraram um modo original de ver e interpretar o mundo, menos para o sagrado, o estético, o afetivo; mais para o teórico, o intelectual (*noús*), o técnico. Max Scheler escreveu umas páginas densas e interessantíssimas, em que, estudando o cristianismo e a moral do ressentimento, recorda como o Amor, para o grego dos tempos clássicos, «no terreno da moral, tinha *menos* valor do que a forma lógica, a lei, a justiça, a moderação e a equidade na distribuição dos bens e dos males, em uma palavra, que o ‘racional’³. O grego que inventou a filosofia era sobretudo um homem racional, epistêmico. As explicações que ele procurava, eram as que lhe podia dar o “*noús*”, o intelecto, a razão. Ainda que essas explicações pudessem ser Deus, mas seu Deus era um Deus racional, o Deus dos filósofos.

(3) SCHELER, Max. *L'Homme du ressentiment*. Paris: Librairie Gallimard, NRF, Les Essais 9, 13, p. 68.

IV

Está nascendo um sol: a filosofia

A filosofia remonta ao séc. VI a. c., tem mais de dois mil e quinhentos anos. Sem perder a pose. Nem o charme. Mas, aqui e ali, dando a impressão de perder o juízo. Há filósofos profissionais, digamos professores de filosofia, que passam a vida inteira ocupados com ela, falando e escrevendo sobre ela, e acabam confessando que não conseguiram nunca saber exatamente o que ela é. Certa vez, soltou esta um ressentido: “Não há bobagem tão grande que algum filósofo não tenha dito.” E é comum ouvir dizer de alguém que vive com a cabeça nas nuvens: “É um filósofo!” Às vezes, afirmam isto também dos poetas, e já é uma consolação para os filósofos encontrarem-se em tão inspirada companhia.

Platão comparou os filósofos aos mastins, cães fortes e valentes, preparados para defender os rebanhos de seus donos. É que, segundo ele, filósofo entre os filósofos, esses amigos da sabedoria eram encarregados, na *República*, de defender os bons costumes e a cultura. Mas lembrava Joaquín Iriarte, S. J.⁴, que o cão era o animal heráldico da filosofia. não tanto por isso, mas porque, num montão de lixo, o cão vai direto aos ossos e, no osso à medula. E é precisamente o que faz o filósofo ao miolo das questões, busca a substância dos problemas (caçador de essências), vai à caça do que é fundamental nas perguntas do homem, do que constitui as ultimidades do ser, as preocupações inarredáveis e finais, as mais definitivas: o núcleo, a medula. Como vêem, alguns filósofos, os melhores sem dúvida, sabem o que querem, sabem o que fazem quando fazem filosofia.

Há um filósofo nos Estados Unidos (este não é exatamente um país prolífico em filósofos, mas há um filósofo ali), chamado Barrows Dunham; escreveu um livro alegre e instigante. Ele trata de filosofia, enquanto vai tentando limpar a cabeça do homem das teias de aranha, isto é, das encrascas das mitologias. E provocador, é quase mágico vê-lo tirar filosofia a partir de qualquer conversa, ainda a mais banal, mostrando como, no fundo de tudo o que homem é, faz, pensa, fala, está um, talvez muitos problemas filosóficos. Assim, começando com alguém que manda buscar na padaria um pão integral para o jantar, ele chega, sem nenhum embaraço e sem forçar nada, à pergunta

(4) IRIARTE, Joaquín, S. J. *El Problema Filosófico*. Barcelona: Luis Miracle, 1953, p. 10.

de Anaxágoras, vinte e cinco séculos atrás: “Como pode o cabelo sair do que não é cabelo, ou a carne do que não é carne?” Isto é, pode o múltiplo sair do uno, o diferente sair do mesmo? Como pode e por que pode?”

Há muito mais ainda, quando a conversa discorre sobre pão integral. Pois, afinal, por que comer pão integral? “Porque é bom para a saúde”, diz o interlocutor. Sim, mas que é mesmo *bom*? Que é mesmo *saúde*? E chegamos a algumas questões de Sócrates⁶.

V

NA AURORA: DEFININDO OS OBJETOS

Sim, podemos chegar à filosofia a partir de tudo, porque ela está em tudo. O que não significa tirá-la do nada ou do ilusório, do jeito que o mágico tira coelhos de sua cartola, Não estamos diante de um saber prestidigitatório, embora estejamos diante de um saber admirativo e capaz de suscitar admiração. Fica, porém, insistentemente em nós a pergunta: para que filosofia? Qual o seu objeto? É possível definir seus objetivos e seu método?

Se perguntarmos a alguém irrecusavelmente filósofo, como Kant, que fazer para aprender filosofia, ele nos dirá, como ficou escrito no Prólogo de sua *Crítica da Razão Pura*, que “não se aprende filosofia, só se aprende a filosofar”. Não obstante, ele mesmo, no seu *Tratado de Lógica – Introdução ao estudo da Filosofia*, tenta definir os objetos dessa “ciência”, ao menos do jeito que é vista vulgarmente, e diz que a filosofia pretende responder às seguintes perguntas: “1) Que posso saber? 2) Que devo fazer? 3) Que é preciso esperar? 4) Que é o homem?” E explica: “A metafísica responde à primeira pergunta; a moral, à segunda; a religião, à terceira e a antropologia, à quarta. No fundo, todas poderão ser respondidas pela antropologia, pois as três primeiras questões se reduzem à última”⁷.

Isto, porém, não se aprende estudando o que os outros pesquisaram ou ensinaram, mas tentando repetir sua façanha, perseguindo suas metas, refazendo seu caminhar, “com mente clara”, interrogando as coisas e indo além delas. Insistamos, antes de tudo, na “mente clara”, pois – já o notava Xavier Zubiri –

(5) DUNHAM, Barrows. O Homem contra o Mito, trad. de F. Guimarães, Rio, Civilização Brasileira, 1966, cap. I, p. 3-11.

(6) IDEM, *ibidem*, p. 5 – 8.

(7) KANT, Manuel. *Tratado de Lógica – Introducción ai estudio de la Fflosofia*, Buenos Aires, Editorial Araujo, 1938, p. 19.

“importa sublinhar, diante de todo irracionalismo, que o objeto da filosofia é, estritamente, objeto de conhecimento”, não de sentimento, de vitalismos, de desejos etc. A filosofia é um “conhecer”, e um conhecer com mente clara e não misteriosa, iniciática, religiosa, ou coisa semelhante.

O que conhecemos ou procuramos conhecer em filosofia, com a filosofia, é diferente de todos os outros objetos de conhecimento, sustenta Zubiri, que foi um animal radicalmente filosófico. E Zubiri assim se explica: “Enquanto qualquer ciência e qualquer atividade humana considera as coisas como são e tais como são (hôs éstin), a filosofia considera as coisas enquanto são (bê éstin). (...) Por isso, dizia Hegel que a filosofia é o mundo pelo avesso⁸.” Já não se busca ver o mundo do lado de fora, por mais bonito e importante que ele seja desse lado, mas procura-se descobrir a outra dimensão, o lado de dentro do mundo, o mundo pelo avesso; não mais o como é das coisas; não mais o que as coisas fazem no mundo do empírico; mas o que realmente, e em profundidade, são essas coisas que agem deste ou daquele modo. O que explica o como é das coisas, do mundo, do homem. A filosofia quer ir ao sentido íntimo de tudo. Isto acaba dando ao homem uma segurança transcendental, ou como diz Julián Marias e a Escola de Ortega em geral, isto dá ao homem um a qué atenerse, um em que apoiar-se, um solo metafísico. Ir atrás disso, entrar nessa caçada ontológica, isto é, nessa caçada do ser e sua essência, é filosofia. Isto, malgrado Kant, se pode aprender. Prefiro a frase de Zubiri: “ainda que não seja exato o que dizia Kant, que ‘não se aprende filosofia, só se aprende a filosofar’, permanece absolutamente certo que só se aprende filosofia se nos pomos a filosofar⁹”.

VI

Começando a filosofar

Sendo a filosofia coisa tão fascinante, o risco que todos corremos ao aproximar-nos dela, é de querer ser filósofo de improviso, por empatia, “sem perder tempo”. Ora, filosofia não se faz assim, ela não se entrega assim, mesmo quando há um amor à primeira vista. A gente precisa conhecer as vias de acesso, o ritual da aproximação. Ela é uma dama difícil. Um de seus maiores

(8) ZUBIRI, Xavier. “Prólogo a la Primera Edición” da *Historia de la Filosofía* Julián MARIAS, *Revista de Occidente*, 20 edición, 1967, p. XXXI.

(9) ZUBIRI, X. *ibidem*, p. XXXI.

amantes – quiçá o maior – o “divino” Platão, escreveu na famosíssima *Carta VII*, dirigida aos parentes e amigos de Dion, que não se deixassem seduzir por uma beleza inacessível e não se atrevessem a mergulhar findo demais nas alturas da filosofia. Do contrário, poderiam afogar-se. Ouçamos isto nas próprias palavras dele, quando censura a Dionísio, o tirano de Siracusa, a vaidade de escrever um tratado de filosofia, sem ter passado pela indispensável “ginástica” (*gymnasia*) da Lógica, os exercícios do entendimento, a ascese espiritual: as questões sublimes da filosofia não cabem em fórmulas, como acontece com outras ciências, diz Platão. “Só quando a gente freqüentou esses problemas durante muito tempo, só quando a gente viveu com eles é que a verdade jorra de repente na alma, como a luz jorra da fagulha, e depois, cresce por si mesma¹⁰.”

Em seguida, na “digressão filosófica” que ele insere na *Cana*, mostra Platão que para chegar ao conhecimento profundo do ser e dos seres, é necessário distinguir três elementos: o *nome*, a *definição*, a *imagem*, para assim alcançar a *ciência*, que vem a ser um quarto elemento. A esses elementos, Platão ajunta, na hora de “filosofar”, um quinto, essencial, que é a *alma* daquele que quer chegar ao conhecimento profundo das coisas. A alma tem de estar preparada para conhecer, senão não conhecerá nada de verdade. “Se não houver alguma afinidade da alma com o objeto, não se obterá a visão dele...”¹¹

Para chegar ao conhecimento filosófico, com perdão da palavra, será preciso “ralar”: além da afinidade com o objeto, de que acabamos de falar, é necessário o “estudo”, no sentido inclusive de “interesse” e “esforço”. Só se alcança o conhecimento “a preço de muito trabalho e tempo. Só mesmo depois que friccionamos penosamente uns nos outros, nomes, definições, percepções da vista e impressões dos sentidos; só depois que se discutiu, em circunstâncias favoráveis, sem que a inveja influa nas questões ou nas respostas, é que, sobre o objeto estudado, vem brilhar a luz da sabedoria e da inteligência com toda a intensidade que possam suportar as forças humanas¹².”

Não é de admirar que Platão retome essas idéias e as desenvolva na *República*¹³. “Depois de ter definido a filosofia como uma conversão da alma para as regiões da luz”, diz um comentador (*Rep.* 521 c), “Platão prega, a fim

(10) Carta VII, in *PLATON. Lettres* (apud *PLATON. Oeuvres complètes*, Tome XIII –1 Partie). Paris: Les Belles Lettres, 1949, 341 c-d.

(11) IDEM, *ibidem*, 344a.

(12) IDEM, *ibidem*, 344b.

(13) IDEM, *República*, 531d.

(14) IDEM, *Lettres/ibidem*, O.c. Nota nº 1 ao nº 340 d. O comentário é de Joseph SOUILHÉ.

de alcançar a meta desejada, uma rota difícil e penosa, um método que consiste em formar o discípulo em sérias disciplinas científicas: aritmética, geometria, astronomia, harmonia. Esse caminho desembaraçado de todo empirismo habituará o espírito a elevar-se até os princípios rigorosamente necessários.”

VII

Filosofar: disciplina e amor

Já ouvimos Xavier Zubiri dizendo: ainda que não seja exato o que dizia Kant: ‘Não se aprende filosofia, só se aprende a filosofar’, permanece absolutamente certo que *só se aprende filosofia, se nos pomos anteriormente a filosofar*¹⁵. Por outro lado, lemos em Platão, tanto na *Carta VII*, quanto na *República*, que não se filosofa verdadeiramente sem disciplina. O mesmo Platão, que falava por experiência e longa sabedoria, ensinava no diálogo *Parmênides* que ninguém se deixasse fascinar, fora de tempo, pela beleza da filosofia: há um *timing* que não deve ser desrespeitado, do contrário nos daremos mal. “É formoso e divino o ímpeto ardente que te lança às razões das coisas; mas, enquanto és jovem, exercita-te e adestra-te nesses exercícios que, aparentemente, não servem para nada, e que o vulgo chama de palavrorio sutil. Caso contrário, a verdade te escapará de entre as mãos¹⁶.”

O grande Zubiri, que lembra esse texto, cita em seguida um pensamento de Pascal, em que se diz que a verdade anda tão maltratada, tão esquiva, tão escondida nesses tempos (ele falava do tempo dele) e a mentira tão à vontade, tão em seu lugar, que “a menos que amemos a verdade, não é mais possível conhecê-la¹⁷.” Não basta mais ser disciplinado e estudioso. É preciso amar a verdade para chegar até ela. Talvez não seja uma questão de época histórica. Sempre foi assim. A verdade só se entrega ao amor. A própria filosofia inclui em seu nome a palavra “amar” (*filo*, de *philêin*). E aí está, no fim das contas, sua grandeza e sua miséria. Porque, como já mostrava Platão num dos mais instigantes de seus “mitos” (contos mitológicos com intenções didáticas), Eros, o Amor, é filho de Poros e Penia, isto é, da Superabundância e da Pobreza, de um deus e uma mísera mendiga. Esfomeada, Penia procurava comida, no fim do banquete que comemorava o nascimento de Afrodite (Vênus). Poros, embriagado, sai da sala

(15) “Prólogo a la Primera Edición” da *Historia de la Filosofía*, de Julián MARIAS, op. cit., p. XXXI.

(16) *PARMÊNIDES*, 135d.

(17) *Pensées*, 864.

para o jardim dos deuses e adormece. Penia se aproxima, deita-se ao lado dele e, durante a noite, se aproveita para conceber de Poros. Eros foi gerado, assim, no mesmo dia em que nascera Afrodite e se tornaram companheiros para sempre. Só que ele nunca deixou de carregar o peso de ser filho da Pobreza: longe de ser delicado e belo, Amor é, por vezes, duro e seco, sempre andarilho e meio infeliz. Mas, filho de Poros, ama a beleza, e busca a deusa, de quem é naturalmente apaixonado e servo. Eros quer amar as coisas belas, às vezes até o alcança, mas não sabe manter o que obtém. Ele não é um sábio, embora também não seja um ignorante. É alguém que “ama a Sabedoria”, isto é, um “filósofo”, já que a filosofia é um saber “que se procura”, como dizia Aristóteles: *dzethouméne epistéme*, a procurada ciência. Procurada e nunca inteiramente encontrada. Por isso, filosofia é algo que se está sempre buscando. Não obstante poder-se falar numa “filosofia perene”, em algumas verdades definitivamente adquiridas, o mais dela se vai fazendo sem cessar. E antes um filosofar do que uma filosofia¹⁸.

Glossário

AUFKLÄRUNG, palavra alemã, que significa “esclarecimento” “iluminação” e que os filósofos alemães do século XVIII e começos do XIX empregaram para designar o tipo de filosofia racionalista que, na França, se começou a chamar “*Philosophie des Lumières*” (ou seja, “Filosofia das Luzes”); na Inglaterra, “Ilustração”; na Alemanha, “*Aufklärung*”; entre nós, “Iluminismo”. O Iluminismo é de tendência racionalista, enquanto crê que a razão explica todo o real, e o que a razão não pode explicar, não é real; o Iluminismo é naturalista (não admite o sobrenatural); é deísta (acredita em Deus, mas no Deus que a natureza revela; por isso, rejeita toda revelação sobrenatural). Representantes principais desse Iluminismo foram Locke e Hume na Inglaterra; Voltaire, D’Alembert, Helvetius, La Mettrie e Condorcet na França.

KANT, Immanuel (1724 – 1804), filósofo alemão, um dos mais importantes filósofos de todos os tempos. Dedicou-se integralmente ao mister de filosofar. Isto não quer dizer que suas idéias sejam sempre acertadas, mas que era, de fato, um pensador por vocação. Escreveu uma trilogia clássica e inesquecível: *Crítica da Razão Pura* (1781); *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica da Faculdade de Julgar* (1790), que mudou o rumo da História do pensamento filosófico. Mas é preciso lê-lo criticamente.

(18) Cf. PLATÃO. *O Banquete*, 201 a – 204 c.

MAX SCHELER – filósofo alemão, que viveu entre 1874 e 1928. Seu pensamento esteve muito próximo do cristianismo; ele chegou a se tornar católico, mas depois recuou, aproximou-se de um tipo de pensamento mais ou menos panteísta. Karol Wojtyła – o Papa João Paulo II – defendeu sua tese de doutorado em filosofia sobre o valor do pensamento de Scheler para a ética cristã enquanto é uma ética da pessoa humana. Mostrou suas falhas e carências, assim como a contribuição que ele pode dar, preciosa e mesmo imprescindível, nos diz Wojtyła. Ver Karol WOJTYLA. *Max Scheler e a Ética Cristã*. Não há tradução para o português, mas há uma tradução espanhola: *Max Scheler y la Ética Cristiana*, Madrid, BAC Minor, 1982.

ORTEGA Y GASSET, Don José (1883–1955), “o maior filósofo espanhol”, na opinião de seu discípulo e amigo, Julián Marías, deixou certamente uma volumosa e charmosíssima obra escrita, em que a filosofia estava sempre presente e, muitas vezes, era o assunto. Com uma particularidade incomum entre grandes pensadores: é um prazer ler Ortega, como é um prazer ler Nietzsche ou Heine, Bergson e poucos outros. Ele gostava de dizer, por sinal, que “a clareza é a cortesia do filósofo”. Sua influência era grande e, como consequência, juntaram-se – mais ou menos – em torno dele um grupo notável de professores, pensadores, escritores e filósofos que constituíram uma escola Nas filosófica em sentido lato, como observa J. Marías, a que se tem chamado Escola de Madri. Sua filosofia é conhecida como “Filosofia da Razão Vital”. Uma explicação bonita e competente se encontra em Julián MARIAS, *Historia de la Filosofía*, que existe em tradução portuguesa de Alexandre Pinheiro Torres, Edições Sousa & Almeida, Porto, Portugal.

ZUBIRI, Xavier (1898 – 1983), filósofo espanhol de altíssimo nível, pensador nato e cristão, que deixou uma obra vasta e profundíssima. Além da coletânea de estudos que constitui seu primeiro livro – o *Naturaleza, Historia, Dios* (Madrid, 1942) e apesar de seu horror ao ato de escrever, ele publicou, fora os artigos em revistas, cinco obras substanciais: *Sobre la Esencia* (1962), *Cinco lecciones de filosofía* (1963) e a trilogia fundamental: *Inteligencia sentiente* (1980), *Inteligencia y Logos* (1982) e *Inteligencia y Razón* (1982). De cultura humanística e científica invulgar, ele se sentia à vontade assim entre especialistas em línguas orientais, teólogos e filósofos, como no meio de matemáticos, físicos e biólogos. Mas era, principalmente, “um animal filosófico”.



A sensibilidade criativa de Amílcar de Castro traça, na linha reta, a pureza da simplicidade. Ou, na curva, o caminho que induz à circunferência, símbolo da perfeição e retrato da concepção – a criação.

Reta e curva: a escultura integral, compacta. Na singeleza da forma, a complexa profundidade criadora. Linha e traço, superfície e volume. O corte abrupto, por onde a luz se transluz, refletindo na sóbria aridez do vazio a ampla realidade do espaço.

Dimensão e forma, idéia e matéria: a concreta visão do abstrato. Dimensão profunda e etérea no peso do aço talhado de forma singela e simples, no traço leve da linha. Superfície cortada para a dimensão do volume e da forma: a escultura.

Assim é a produção artística de Amílcar de Castro.

A ALCA E A CULTURA NACIONAL

*Aluísio Pimenta**

A MUNDIALIZAÇÃO E A ALCA

A Segunda Guerra Mundial representou um dos grandes infortúnios do século 20. O extermínio de milhões de pessoas, os prejuízos econômicos e culturais, o sofrimento humano, os efeitos das bombas de Nagasaki e Hiroshima são fatos que perduram em nossas mentes até hoje. O fim do conflito, no entanto, trouxe uma nova forma de guerra – a Guerra Fria –, dividindo as nações em dois blocos: de um lado, os Estados Unidos e seus aliados ocidentais; do outro, a União Soviética e seus partidários orientais. Ergueu-se o Muro de Berlim, dividindo a Alemanha em duas e separando famílias e amigos. No Brasil, fomos mobilizados em defesa da nação.

Neste período, enquanto a situação na área política era crítica, observava-se um fantástico progresso científico e tecnológico, especialmente no campo das comunicações. O crescimento humano, ao contrário, permanecia estático. A colaboração entre as nações e, sobretudo, a vontade política de transformar o mundo, fazendo-o mais tolerante e justo, pareciam haver desaparecido. Novas guerras, como a do Vietnã, afloraram. Um década depois, o Império Soviético foi desmantelado e o Muro de Berlim derrubado. Infelizmente, se no plano físico as coisas mudavam, no plano social a desigualdade continuava da mesma forma.

O século 20 colocou-nos, também, frente a frente com um novo fenômeno, a mundialização. Favorecida pelas novas tecnologias, ela encurtou distâncias e estabeleceu a rápida comunicação entre povos de diferentes línguas, comportamentos e culturas. Teoricamente saudável, a mundialização levou-nos à globalização. Com características mais comerciais, este processo deveria

*Acadêmico, professor, ex-Ministro da Cultura, ex-reitor da UFMG e da UEMG.

representar importante passo na atividade econômica internacional. Porém, com a globalização a mundialização adquiriu uma nova característica – a meu ver deplorável –, a planetarização. Este novo processo mantém, de modo perverso, os países em desenvolvimento como satélites das nações ricas, criando várias formas de dependência – militar, política, econômica, social e, especialmente, cultural.

A globalização acelerou a criação de blocos, em que as negociações são realizadas em conjunto entre ou pelos seus membros. Na Europa, destaca-se

Mercado Comum Europeu, que dispõe inclusive de uma moeda de livre circulação entre os países participantes, o euro. Na América, os Estados Unidos, o Canadá e o México lançaram o Nafta. Enquanto o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai criaram o Mercosul que, apesar das dificuldades, vai adquirindo força. Seguindo essa linha, os Estados Unidos propuseram a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), cujo objetivo básico é a eliminação progressiva das barreiras ao comércio e ao investimento entre mais de 30 países americanos, com a exceção de Cuba. Este tratado atingiria 783 milhões de pessoas e um PIB (produto interno bruto) de U\$11,485 trilhões.

Os países da América Latina e do Caribe estão preocupados com o que venha a representar a Alca e quais suas repercussões em todos os setores, pois a política internacional norte-americana nunca foi de mútua colaboração, mas de domínio. E, hoje, a grande desproporção de forças e recursos nas áreas empresariais, na ciência e na tecnologia, entre os Estados Unidos e o Canadá e os demais países americanos é significativa. A colocação de Woodrow Wilson, em 1919, ilustra bem os atuais acontecimentos: “Ouve-se falar de concessões feitas pela América Latina ao capital estrangeiro, mas não de concessões feitas pelos Estados Unidos ao capital de outros países. Um país é possuído e dominado pelo capital que nele se tenha investido”.

Não podemos ignorar a proposta dos Estados Unidos para a criação da ALCA (em inglês, Free Trade Area of the Americas). No entanto, devemos estar atentos para não embarcarmos nesta proposição sem que a sociedade – o povo de maneira geral – saiba se está ganhando ou não um Cavalo de Tróia. Como disse, o objetivo do governo norte-americano é, através da Alca, eliminar progressivamente as barreiras ao comércio e aos investimentos de mais de 30 países latino-americanos. O acordo entraria em vigor em janeiro de 2006, sendo que o prazo final para as negociações se encerraria um ano antes.

A assinatura do projeto de constituição da Alca ocorreu em 1994, na Cúpula das Américas, em Miami (EUA), quando 34 presidentes americanos aprovaram a Declaração de princípios e o Plano de ação. Desde então, foram

realizadas inúmeras reuniões de ministros dos 34 países interessados. Em maio de 1997, por exemplo, reuniu-se em Belo Horizonte o III Fórum Empresarial das Américas e o III Ministerial. Na ocasião, foi estabelecido o *single undertaking*, isto é, um consenso entre os participantes de que o acordo da Alca somente seria assinado “quando todos os pontos estivessem acordados”.

É bom que os países da América Latina e do Caribe estabeleçam com muita clareza seus interesses para não serem totalmente dominados nesta disputa da raposa e das galinhas – a raposa se impõe e devora as galinhas, que somente têm o direito de gritar. A atenção deve ser redobrada, pois os Estados Unidos, especialmente agora sob a presidência de George W. Bush, têm pressionado para que a implementação da Alca ocorra em 2005. Os norte-americanos continuam agressivos econômica e comercialmente. A discriminação contra os produtos latino-americanos, como acontece com o aço e a laranja do Brasil, que sofrem fortes taxas para entrar nos Estados Unidos, comprova este fato.

Em abril deste ano, realizou-se em Buenos Aires, na Argentina, a 6ª Reunião Ministerial, definindo para janeiro de 2005 o fim das negociações sobre a Alca e sua vigência a partir de janeiro de 2006. Também em abril, foi realizada a III Cúpula das Américas em Quebec, no Canadá, quando os presidentes, exceto o da Venezuela, referendaram os compromissos assumidos durante a reunião em Buenos Aires. Eles se comprometeram, ainda, a apoiar a implementação completa de facilitação dos negócios e definiram as presidências dos Grupos de Trabalho e Comitês Negociadores para os próximos 18 meses. Alguns pontos ficaram bem claros como: o “processo decisório seria por consenso”, seguindo a linha do *single undertaking*; a compatibilidade da Alca com os acordos da Organização Mundial do Comércio (OMC); e a possibilidade de coexistência com acordos bilaterais e sub-regionais de integração e de livre comércio.

A Alca não pode ser usada pelos Estados Unidos e pelo Canadá como um instrumento para devorar os países da América Latina. O Brasil tem que preparar-se corretamente para essa integração. Neste processo, o fortalecimento e a consolidação do Mercosul são essenciais. Além disso, esse assunto não deve ser restrito às cúpulas governamentais. É urgente que toda a sociedade brasileira tome parte, de forma organizada e consciente, das discussões.

A CULTURA NACIONAL

Quando examinamos o panorama internacional, não encontramos razões que expliquem o desenvolvimento econômico e social de alguns países, enquanto outros, apesar de contarem com reservas naturais e circunstâncias

aparentemente favoráveis, continuam estagnados. Em certos casos, um mesmo país pode abrigar, de um lado, regiões desenvolvidas e, do outro, áreas bem atrasadas, embora disponham de boas condições naturais e de administradores competentes. Por isso, os estudiosos começam a observar, de maneira mais cuidadosa, o papel desempenhado pela cultura, em seu sentido antropológico, no progresso dos países e de suas respectivas regiões.

No livro *Culture Matters: how value shapes human progress*, editado pelos professores Laurence E. Harrison e Samuel P. Huntington, duas perguntas sobressaem: “Por que as nações se desenvolvem de forma diferente?” e “Os valores culturais podem impedir ou acelerar o progresso humano?” O conceito de desenvolvimento é uma questão complexa, que não pode ser confundida com o simples progresso econômico. Por esta razão, a professora Lane Jennings, ao tecer comentários sobre o citado livro, leva-nos a considerar importantes fatores culturais que influenciam no processo de desenvolvimento de determinados países e regiões.

No final da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a Europa Ocidental e o Japão estavam em completa ruína. Utilizaram satisfatoriamente os benefícios do Plano Marshall e, hoje, representam regiões ricas e poderosas. Um grande volume destes recursos também foi proporcionado à África e à América Latina. Entretanto, os resultados alcançados foram mínimos.

Quanto ao desenvolvimento diferenciado dentro de um mesmo país, podemos citar o caso da Itália, onde o norte é extremamente desenvolvido e industrializado e o sul mostra sinais de pobreza. As regiões do Brasil também apresentam uma ampla disparidade: a Sul e a Sudeste são avançadas; a Centro-Oeste cresce rapidamente; a Norte e a Nordeste permanecem subdesenvolvidas. Nos Estados Unidos, podemos verificar que o norte é bem mais desenvolvido do que o Sul.

A realidade mundial levou os estudiosos a examinar com mais cuidado outros fatores responsáveis pelo progresso de uma nação, além dos recursos naturais, da geografia e da própria história. Com isso, os valores culturais passaram a ser considerados predominantes no que se refere às atitudes e crenças, aos fatos relativos à vida e ao comportamento de grupos sociais majoritários e minoritários.

De acordo com o professor Laurence E. Harrison, no final do século 20, herdamos uma situação mais pobre, mais injusta e mais autoritária do que esperávamos. Os pesquisadores e estudiosos estão começando a explorar o modo pelo qual as ações políticas e sociais podem tornar as culturas mais favo-

ráveis ao desenvolvimento. Assim, Huntington indica dez pontos ou atitudes culturais que aparentam colaborar ativamente para o progresso:

- 1 - orientação, ao longo do tempo – as culturas progressistas dão ênfase a um futuro próximo, enquanto as culturas conservadoras têm como foco o passado ou o futuro longínquo;
- 2 - trabalho – nas culturas progressistas é valorizado por ele mesmo; nas culturas conservadoras ou estáticas é considerado uma pesada carga;
- 3 - frugalidade – é respeitada nas culturas progressistas como uma coisa prudente e vista com suspeição e de maneira egoísta nas culturas estáticas;
- 4 - educação – as culturas progressistas a oferecem de forma idealista e obrigatória, mas é um privilégio da elite nas culturas conservadoras;
- 5 - mérito e competência das pessoas – são importantes e julgados como a única base para o crescimento nas culturas progressistas. O parentesco e o protecionismo prevalecem nas culturas estáticas;
- 6 - comunidade – nas culturas progressistas é definida de maneira mais ampla e tende a se identificar com vários grupos. Na cultura conservadora, ao contrário, as ligações são fechadas, pessoais e entre elementos da própria família;
- 7 - códigos de ética – são mais rigorosos nas culturas progressistas ou abertas do que nas conservadoras;
- 8 - justiça e equidade – são consideradas universais nas culturas abertas e dependentes da riqueza e influência das pessoas ou grupos nas culturas estáticas;
- 9 - autoridade – é mais aberta e dispersa entre os participantes nas culturas progressistas e mais concentrada e despótica nas culturas estáticas;
- 10 - influências religiosas na vida cívica – tendem a ser pequenas nas culturas progressistas, mas nas culturas estáticas podem predominar nas questões públicas.

No Brasil, as dez atitudes culturais, anteriormente indicadas, são importantes na luta pela justiça social e na ampla participação dos brasileiros nos recursos gerados por nossa economia. Nossos estudiosos também devem levar em conta os fatores culturais no progresso do País, pois precisamos criar uma cultura do desenvolvimento participativo. Nossa cultura é riquíssima, mas muitas vezes não lhe damos o devido valor.

Quando exerci o cargo de Ministro da Cultura procurei, sem xenofobismo, atuar no sentido de evitar que o colonialismo cultural atingisse tão tragicamente nossa sociedade. Por isso, enfatizamos a defesa da cultura brasileira em sua dimensão antropológica: os hábitos alimentares, a música, as artes em geral. Nossa poesia, por exemplo, é reconhecida internacionalmente. Entre os escritores de destaque podemos citar, para nosso orgulho, Carlos Drummond de Andrade. As artes plásticas são altamente representativas, o mesmo acontecendo com a música. Temos um riquíssimo patrimônio artístico, cultural e, não menos importante, o patrimônio natural.

Nos 17 anos que vivi no exterior, atingido pela Ditadura de 1964, pude abrir meus olhos para o Brasil e suas grandes possibilidades. Ironicamente, vivendo em outras terras, tomei conhecimento do enorme patrimônio brasileiro, escondido e distorcido por uma elite que somente valoriza o que vem de fora. Quando retornei ao meu País, senti a violenta colonização cultural de nossa pátria. Os *fast food* dominavam a alimentação dos brasileiros, especialmente a dos jovens. Os rádios somente apresentavam os *hits* norte-americanos. Havia um total desprezo pelas coisas brasileiras, herdadas da união das raças indígena, negra e européia.

Stephen Bertman, no interessante artigo “Amnésia cultural: uma ameaça para o nosso futuro” (revista *The Futurist*, jan/fev 2001), nos chama atenção para o esquecimento cultural que atinge a sociedade moderna. Segundo ele: “Como a moléstia de Alzheimer, a amnésia cultural é uma doença progressiva e debilitante. Ela pode ameaçar a capacidade de estender as tradições democráticas no futuro.” No início do trabalho, Bertman transcreve uma citação de Thomas Jefferson (1816), que resume bem o tema: “Se uma nação espera ser ignorante e ao mesmo tempo livre, em um determinado período de sua civilização, ela espera aquilo que nunca foi e nunca será”.

Outra forma de cultura – pouco divulgada – é a institucional. Quando nos referimos à cultura, vêm logo à mente – o que é natural – as artes, as letras, o nosso patrimônio histórico e cultural. No entanto, a cultura institucional, ou seja, a cultura das instituições públicas e privadas, especialmente das empresas,

é cada vez mais importante e muitas vezes ignorada. Por isso, devemos conhecer o modo como elas atuam e se relacionam com a coletividade.

De maneira geral, não avaliamos a importância da cultura institucional de empresas como a Petrobras ou os Correios, de um partido político ou de um jornal. Todas estas instituições desenvolvem ou não um modo de ser, de trabalhar e de comportar-se com base em seus recursos humanos, buscando parâmetros que devem ser avaliados em termos de valores, de finalidades e dos problemas a enfrentar. As dificuldades devem ser resolvidas de forma criativa e harmoniosa, entre chefes e chefiados. O bom atendimento fortalece o interesse mútuo entre as partes.

Entre os parâmetros que as instituições devem considerar para uma avaliação interna e externa satisfatória devemos destacar:

1 - os valores expressos na crença de que:

a - o trabalho realizado pode repercutir em mudanças, no sentido de termos um mundo melhor, mais humano e menos discriminatório; b – as atividades realizadas pela organização promovem uma melhor qualidade de vida para a comunidade; c – o pessoal da instituição não seja somente um produtor de lucros, mas parte vital dos serviços voltados à comunidade; d – todas as pessoas que atuem nas atividades institucionais sejam conscientes, estudem e possam questionar a natureza dos trabalhos executados e das tecnologias utilizadas e, ao mesmo tempo, se sintam realizadas e contribuam para o bem comum;

2 - na parte de pessoal, uma clara visão das atividades realizadas, da missão desempenhada, gerando produtos e serviços para o bem comum, a fim de que:

a - sejam observados os princípios de justiça e compaixão, influenciando de modo direto e significativo a estratégia adotada, o *design* e desenvolvimento dos produtos ou serviços; b – os colaboradores explorem as práticas fundamentais e os princípios a serem desenvolvidos nas atividades industriais, comerciais ou correlatas, como uma fonte de criatividade; c – as pessoas que cometam falhas involuntárias não tenham medo de perder o emprego; d – a organização, através de seu pessoal, tenha uma visão de longo alcance; e – os empregados tenham sua própria maneira de ver como a atividade é exercida.

3 - o trabalho como fonte de aprendizado para que:

a - as pessoas, individualmente ou em conjunto, sejam vistas como aprendizes contínuos, em benefício de seus trabalhos e de suas carreiras;
b - ele seja, portanto, um processo de aprender a aprender;

- c - a atitude de apenas cumprir normas e atividades seja desafiada;
- d - as empresas ou instituições invistam na participação de seus funcionários em eventos culturais, não somente comparecendo mas participando e aprendendo;
- e - os grupos se integrem em esforços conscientes e produtivos e, além disso, considerem a qualidade como fator primordial.

Na minha opinião, estes parâmetros são importantes para que possamos conhecer estas e outras características que fazem do trabalho um fator de realização pessoal e coletiva e de afirmação da própria nacionalidade.

Creio que todos nós devemos nos opor à aceitação da vigência da Alca sem que ocorra uma prévia manifestação da sociedade, através de debates, seminários e outras formas organizadas de participação social. A aceitação dessa proposta sem a participação da sociedade poderá representar a alienação de nossa independência política, econômica, social e, especialmente, cultural.

Como vimos anteriormente, as raízes culturais têm importância básica no processo de desenvolvimento nacional. O funcionamento da Alca, sem um preparo anterior, pode nos levar à planetarização, tornando o Brasil cada vez mais dependente das imposições dos Estados Unidos e do Canadá. Afinal, os norte-americanos pregam o livre comércio, mas continuam mantendo vários artifícios, como as barreiras comerciais, para evitar nossa emancipação econômica.

Devemos desenvolver uma sólida cultura institucional e fortalecer, em particular, o Mercosul, que é um acordo entre parceiros com raízes culturais latinas. Poderemos, assim, mais facilmente e com menores riscos, enfrentar nossos irmãos do norte que pregam o livre comércio desde que a liberdade somente os favoreça.

Queremos o livre comércio, desde que ele seja realmente livre e permita o crescimento e o desenvolvimento do Brasil e dos países irmãos da América Latina e do Caribe.



A "CONTRIBUIÇÃO" DO MESTRE EDGAR

Márcio Garcia Vilela*

Tocou o telefone. Atendi. Era José Bento Teixeira de Salles. Bom amigo, faz-me uma revelação e um convite: volta a ser editada a revista da Academia Mineira de Letras, e conta com a minha colaboração nessa reestréia.

Vejo que o presidente Murilo Badaró, por esta e por outras, está em brasas com o mandato que lhe conferimos. É duro manter uma revista, principalmente literária. Problemas de toda ordem, a começar pelo maior deles, o de ordem financeira. Mas Murilo, formado na veneranda escola pessedista, sabe onde mexe e não mete a mão na cumbuca. Daí, é de acreditar no sucesso do relançamento. Terminada a chamada, fiquei a pensar. A notícia não podia ser mais auspiciosa. Quanto o nosso velho casarão tem a oferecer à cultura mineira com tal veículo! A avaliação entusiasmo, enquanto nos impõe maiores responsabilidades para com o sodalício. E comecei a sentir mais peso com o cumprimento da própria missão, aceita com certo aqodamento. Um artigo, bem; mas, sobre o quê? Foi então que lembrou-me um presente que recebera dias antes. Sempre gostei de ser presenteado, desde que com livros. É uma obsessão: compro-os ou recebo-os com a mesma alegria juvenil de tantos anos atrás, mesmo sabendo que muitos nem sequer terei tempo de ler, senão folhear e às vezes nem tanto. Não importa: o que conta é possuí-los. O certo é que o amável correio trouxera-me, sem que jamais o esperasse, por enorme distinção do Instituto Jacques Maritain, da PUC-MG, a reedição de *Contribuição ao Personalismo Jurídico*. Que de melhor poderia tentar fazer senão, lembrando o homem e o confrade de dons tão multiplicados, honrar a memória do professor Edgar de Godói da Mata-Machado, um gigante de sua época, já meio distanciado no tempo sem perder, antes robustecendo, a atualidade de seu pensamento, cuja

*Acadêmico e Consultor.

constância na coerência é um momento para ser reverenciado sempre. *Contribuição*, que na realidade é muito mais que simples contribuição, tal a fecunda riqueza da temática desenvolvida, é sua tese de livre docência, apresentada em 1953, na Faculdade de Direito da UFMG. Conheci o prof. Edgar lá, na Casa de Afonso Pena. Desgraçadamente, entrei quando as mãos ímpias do homem já haviam derrubado o antigo prédio, que não pude freqüentar por um dia que fosse. Corria o ano de 1959, primeiro ano do curso, e através da Introdução à Ciência do Direito travei relações com o titular, ou, como então se chamava, o catedrático. Ou porque gostasse da disciplina, ou atraído pelo carisma humilde e cândido do mestre Edgar, ou pelos dois motivos e outros mais advindos de sua fascinante personalidade, nos tornamos amigos. Um pouco mais tarde, no governo Magalhães Pinto, Edgar Mata-Machado foi escolhido para coordenar os assuntos ligados às relações de trabalho e à cultura popular. Magalhães queria criar a pasta; a oposição, porém, não o deixava. Mestre Edgar instituiu um voluntariado e me convidou para ajudá-lo. Institucionalizada a secretaria de Estado, fui ser seu oficial-de-gabinete e, depois, chefe do Departamento de Trabalho. Tempos difíceis, ânimos políticos exaltadíssimos, o país estava visivelmente dividido.

O Secretário fazia o que podia para harmonizar e compor, empenhando sua confiança no diálogo e na negociação, sem nunca esmorecer. Debalde. A radicalização acabou na ruptura da ordem constitucional – e tudo o mais é hoje História.

Nunca havia admirado tanto uma pessoa quanto o Prof. Edgar. Era um santo, abraçado a uma fé no destino dos homens que não conhecia limites. Era assim que, nos momentos mais tensos e duros, ainda mais se animava: “Sou um otimista. Acredito que, ao cabo, a História sempre avança à procura do aperfeiçoamento do homem-pessoa-concreta”. Esta espécie de profissão de fé provinha sobretudo de sua formação cultural e religiosa. Profundamente devotado aos deveres de cristão, mestre Edgar hauriu nas melhores fontes as inspirações e as razões de suas convicções: tomístico-maritainiano, aderiu e desenvolveu, no campo jurídico, a dupla dimensão do homem, seja enquanto indivíduo-abstrato, seja enquanto pessoa-concreta. Aqui residiu a essência de seu pensamento, ao qual ofereceu, no curso de uma vida fecunda e evangélica como poucos tiveram, a pureza de seu apostolado. Ao seu lado, a esposa e alma gêmea, companheira dos bons momentos e também mestra na adversidade e nos sofrimentos. “Souffrir passe, avoir souffert ne passe jamais”, proclamou, repetindo Léon Bloy, por si e por dona Iedda, num dos mais belos pronunciamentos de sua inteligência refinada.

Muitos anos transcorreram desde a *Contribuição*. Nesse longo espaço de tempo, o mundo passou por transformações quase ou mesmo inimagináveis. Muitas questões foram revistas, remontadas ou recriadas, tanto para melhor quanto para pior. Os sistemas políticos e econômicos confrontantes oscilaram

entre mudanças estupendas propiciadas pela evolução tecnológica, vertiginosa e arrasadora, e o colapso, acompanhado de aparente aniquilação do esquema socialista totalitário. Contudo, um ponto vital, do qual decorrem tantos outros, continuou em aberto: como impregnar e tornar operativa uma sociedade baseada no “humanismo personalista e comunitário”, como iluminadamente pregou Edgar Mata-Machado, da qual depende o ideal jeffersoniano consubstanciado no direito de ser feliz, que Deus prodigalizou a todos os homens? Homem de esquerda? Sim, embebido de impulso e genuína devoção cristã. Deslocado, hoje, no tempo? Muito ao contrário. Como observa Eric Hobsbawn, “a esquerda continua a existir, pois ainda persiste uma diferença entre esquerda e direita... e esta divisão é inevitável”. Um punhado de anos atrás, Edgar Mata-Machado o pressentiu e o absorveu. A mais eloqüente prova está documentada nas páginas da *Contribuição*. O antagonismo está precisamente onde Edgar pôs o dedo: a dicotomia entre “o universo da pessoa, que é o universo do homem”, como queria Mounier, e a esfera do indivíduo, onde não fecunda a convivência coletiva e solidária, que cede o terreno aos egoísmos que sufocam o ser humano e esterilizam o homem. Fui discípulo, auxiliar e amigo desta extraordinária figura de intelectual, na mais completa acepção da palavra, despida, principalmente, daquela vaidade consentida pelos críticos, como tributo devido aos talentos mais raros. Poderia ter sido, também, seu confrade, na nossa Academia Mineira de Letras. Mas a morte o levou antes disso. Se, entretanto, lhe arrastou o corpo humano, tão adornado de formosura espiritual, não lhe ceifou a alma, nem tampouco abateu a memória, suave e terna, que dele guardamos. Contudo, às pessoas como mestre Edgar não basta a imortalidade que, em todos os sentidos, sua passagem laboriosa pelo mundo conquistou. A esse tipo de homem, Deus poderia conceder o dom de ser “imorrível”. Em artigo recente da revista *The Economist*, procedeu-se a um comentário crítico do livro, publicado há pouco, de autoria do biógrafo David McCullough, sobre a vida do *founding father* John Adams. O autor do texto teve a feliz idéia de, em suas considerações, traçar um paralelo entre dois gigantes da História americana, por sinal adversários políticos: o biografado e Thomas Jefferson. Refere-se a ambos: *Jefferson was snow on the hills; Adams was the salt of the earth*. Sal da terra também o foi Edgar Mata-Machado, oferecendo, aos que se juntaram ao sabor de seu espírito justo e reto, o alimento suculento de sua alma limpa.



GONZAGA EM RUSSO

*Pedro Sérgio Lozar**

Em 1855, Pável Ánnenkov, crítico literário e memorialista russo, descobriu entre os papéis de Púshkin uma poesia, que aparece nas edições de obras do poeta como “[tradução] Do Português”, e que trazia a nota: “Gonzago” (sic).

Aleksánder Serguéievitch Púshkin (1799-1837) é o poeta nacional da Rússia, considerado como o fundador da sua moderna literatura.

С ПОРТУГАЛЬСКОГО

VERSÃO LITERAL

Там звезда зари взошла,
Пышно роза процвела.
Это время нас, бывало,
Друг ко другу призывало.

Lá ergueu-se a estrela da manhã;
Esplêndida, a roseira floresceu.
Esse momento, outrora,
Chamava-nos um para o outro.

На постеле пуховой,
Дева сонною рукой
Отирала сонны очи,
Удаляя грезы ночи.

No leito de penugem
A donzela, com sonolenta mão,
Esfregava os olhos sonolentos,
Afastando os sonhos da noite.

И являлася она
У дверей иль у окна
Ранней звездочки светлее,
Розы утренней свежее.

E ela aparecia
À porta ou à janela
Mais clara do que a primeira estrela,
Mais fresca que a rosa da manhã.

*Articulista, revisor e tradutor

Лишь ее завижу я,
Мнилось, легче вокруг меня
Воздух утренний струился;
Я вольнее становился.

Меж овец деревни всей
Я красавицы моей
Знал любимую овечку ---
Я водил ее на речку,

На тенистые берега,
На зеленые луга;
Я поил ее, лелеял,
Перед ней цветы я сеял.

Дева издали ко мне
Приближалась в тишине,
Я, прекрасную встречая,
Пел, гитарю бряцая:

“Девы, радости моей,
Нет! на свете нет милей!
Кто посмеет под луною
Спорить в счастья со мною?”

Не завидую царям,
Не завидую богам,
Как увижу очи томны,
Тонкий стан и косы темны”.

Так певал бывало ей,
И красавицы моей
Сердце песнью любовалось;
Но блаженство миновалось.

Mal eu a avistava,
Parecia que em volta de mim
Mais leve fluía o ar matinal;
Eu ficava mais livre.

Entre as ovelhas de toda a aldeia,
Eu, da minha bela,
Conhecia a ovelhinha predileta --
Conduzia-a ao regato,

Às margens umbrosas,
Aos verdes campos;
Dava-lhe de beber, afagava-a,
Espalhava flores à sua frente.

A donzela, de longe,
Avizinhava-se em silêncio;
Eu, encontrando a bela,
Cantava, tangendo a guitarra:

“Do que a donzela, minha alegria,
Não! no mundo não há mais encantadora!
Quem ousará, sob a lua,
Rivalizar comigo em felicidade?”

“Não invejo os reis,
Não invejo os deuses,
Quando fito os olhos lânguidos,
O fino talhe e as tranças escuras”.

Assim cantava-lhe eu, outrora,
E da minha bela
O coração deleitava-se com a cantiga;
Mas a bem-aventurança passou.

Где ж красавица моя!
Одинокий плачу я ---
Заменили песни нежны
Стон и слезы безнадежны.

Onde está a minha bela!
Solitário eu choro --
Trocaram-se as canções ternas
Em gemidos e lágrimas sem esperança.

As circunstâncias do aparecimento desta poesia não são claras. Trata-se, indubitavelmente, de versão, ou mais exatamente recriação da Lira IX, da 2ª Parte do livro *Marília de Dirceu*, que a seguir reproduzimos.

A estas horas
Eu procurava
Os meus amores;
Tinham-me inveja
Os mais pastores.

Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Água mais clara,
Mais branda relva.

A porta abria
Inda esfregando
Os olhos belos,
Sem flor nem fita
Nos seus cabelos.

No colo a punha;
Então, brincando,
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
É mais formosa
Que a estrela d'alva,
Que a fresca rosa!

Marília, vendo
Que eu só com ela
É que falava,
Ria-se a furto
E disfarçava.

Mal eu a via,
Um ar mais leve
-- Que doce efeito! --
Já respirava
Meu terno peito.

Desta maneira,
Nos castos peitos
De dia em dia
A nossa chama
Mais se acendia.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquela ovelha
Que mais amava.

Ah! Quantas vezes,
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rocas
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que à sua amada
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho,

Na quente sesta,
Dela defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ela, por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então, vaidoso,
Assim cantava:

Não há Pastora
Que chegar possa
À minha bela,
Nem quem me iguale
Também na estrela.

Não se sabe por qual meio chegou a lira de Gonzaga às mãos do poeta russo. Uma das hipóteses é que Púshkin a conheceu através de uma *Collection des chefs-d'oeuvre classiques* (de que não pudemos obter notícia), sendo o francês, à época, difundido como língua literária e coloquial das classes cultas da Rússia. Outra suposição: Púshkin esteve, em 1823 e 1824, em Odessa, movimentado porto do Mar Negro, um dos lugares onde andou, banido de Peterburgo por ordem do tsar Alexandre I mercê das suas idéias e atitudes de liberdade; teria, nessa estada, conhecido viajantes portugueses ou de língua portuguesa, e por intermédio deles a peça de Tomás Antônio Gonzaga. Aventa-se, ainda, que Sobolévski, filólogo das relações de Púshkin, conhecedor da língua e literatura portuguesa, lhe pudesse ter apresentado a lira e mesmo ajudado na tradução.

Mais provável é todavia – e o autor do artigo é desse parecer – que o vate eslavo tivesse lido o livro *Marilie, chants élégiaques de Gonzaga* / Traduits du portugais par E. de Monglave et P. Chalas (C. L. F. Panckoucke, éditeur; Paris,

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito.

Assim vivia;
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marília,
Se acaba tudo!

Ornam seu peito
As sãs virtudes
Que nos namoram;
No seu semblante
As graças moram.

1825), primeira versão da obra de Tomás Antônio em idioma estrangeiro. Outras que se lhe seguiram, como a espanhola de Vedia e a italiana de Vegezzi-Ruscalla, são muito posteriores.

Eis o texto francês, como está na edição citada, pág. 124:

Voici l'heure où naguère je cherchais mes amours; les autres bergers enviaient mon sort.

En entr'ouvrant sa porte, elle frottait encore ses beaux yeux. Pas de fleurs, pas de rubans à sa noire chevelure.

Sans art, sans apprêt, elle était plus brillante que l'étoile du matin, plus fraîche que la rose qui vient d'éclorre.

A peine je la voyais, qu'un air plus léger se repandait autour de moi, et mon coeur respirait plus librement.

Quand le troupeau sortait du bercail, je couvrais de caresses la brebis qu'elle aimait le plus.

Je conduisais cette brebis favorite au ruisseau, à la fontaine, à la prairie, au bocage. Je lui donnais l'eau la plus claire, le gazon le plus épais.

Puis folâtrant avec elle, enlaçant mes bras à son cou plus blanc que la neige, je lui prodiguais mille tendres noms.

Et Marilie, me voyant ainsi parler seul, souriait à la dérobée.

La flamme dévorant s'augmentait chaque jour dans mon coeur et dans celui de ma bergère chérie.

Que de fois assis auprès d'elle je façonnais la quenouille légère que je lui destinais!

J'étais comme l'amoureux passereau qui chante près du nid de son amante.

Dans les chaleurs de l'été, m'entretenant avec elle, je frappais négligemment les cordes de ma guitare.

Marilie s'avançait vers moi; j'entendais le son de sa voix divine. Joyeux alors je chantais:

"Non, il n'est pas de bergère aussi tendre que Marilie, il n'est pas d'étoile aussi heureuse que la mienne.

"Lorsque je m'incline sur son coeur brûlant d'amour, je ne porte pas envie à la couche divine où repose le maître de l'Olympe.

*"Dans son âme sont toutes les vertus; sur son visage toutes les grâces."
Ainsi coulaient mes jours. Les tristes soupirs ont maintenant remplacé les chants de bonheur et d'ivresse. Tout passe, Marilie!*

O trabalho trazia ainda um estudo biográfico do bardo luso-brasileiro.

François Eugène Garay de Monglave, que usava também o pseudônimo de Maurice Dufresne, publicou uma série de obras sobre o Brasil, as quais atraíram interesse também na Rússia; denota isso o artigo do jornal peterburguense *Sin Otétchestva* (O Filho da Pátria), com o título *Literatura Brasileira*, onde se lê: “Graças aos esforços do sr. Monglave, os escritores brasileiros e portugueses constituem agora um novo elo na grande cadeia da literatura universal”.

O interesse, de resto, havia já sido despertado independentemente de publicações estrangeiras. Entre outros fatos, em 1812 foi designado cônsul russo no Brasil Grigóri Ivánovitch Langsdorf (1774-1852), zoólogo, botânico, etnógrafo e lingüista, que comandou diversas expedições científicas no nosso país por conta do seu governo, com importantes resultados.

O primeiro embaixador da Rússia no Brasil, após a elevação da colônia à categoria de Reino Unido, P. F. Balk-Pólev, pertencia ao círculo de relações de Púshkin.

I. I. Kozlów, igualmente amigo do poeta, escreveu uma epístola dedicada a Balk-Pólev, de que, por curioso, transcrevemos isto:

*Gosto, ainda, de imaginar como, findo o penoso caminho,
Tu ficaste cativo da beleza do Brasil de esmeralda,
Onde, em eterno arco-íris, brinca a abóbada dos céus,
E a floresta sombria se enche do brilho de aves maravilhosas,
O ananás de fogo vermelheja em campo aberto,
E a palmeira sobre a onda é verde como a alegria:
Do seu tronco é feita a canoa,
Das folhas, as velas, e para a viagem é carregada
Com os próprios doces, perfumados frutos...*

Com esta imagem edênica aparecia o exótico país aos olhos dos coevos.

Mencione-se ainda, entre outros, N. Zavalíshin, *Permanência no Rio de Janeiro. Notas de viagem de um oficial de marinha nos anos de 1826 e 1827*.

Lembremo-nos, outrossim, de que a independência do Brasil ecoou na longínqua Rússia, onde se seguia atentamente o processo de emancipação das colônias sul-americanas.

No que toca a Portugal, havia intercâmbio.

Sobolévski, que publicou em 1827, no “Mensageiro Moscovita” (*Moskóvski Véstnik*), matéria intitulada “Sumário da Literatura Portuguesa,” escreveu mais tarde um artigo com a singular epígrafe *Sobre a Influência do Bulevar Smolénski (em Moscou) no Parlamento Português (em Lisboa)*. Denominando-se antigo aficiona-

do da língua portuguesa, narra Sobolévski que em 1858 Inocêncio Francisco da Silva começara a publicar em Lisboa um “completo e pormenorizado dicionário bio-bibliográfico – trabalho notável pelas pesquisas do autor e pelo critério e escrúpulo”. Quando em 1861 interrompeu-se a edição desse *Diccionario Bibliographico Portuguez* por insuficiência de recursos, Sobolévski expressou acerca disso o seu pesar em carta ao autor: “Tendo exposto em termos gerais a minha opinião quanto à importância do seu trabalho para portugueses e brasileiros, manifestei surpresa pela frialdade tanto dos governos quanto das câmaras desses dois países de língua idêntica com respeito ao empreendimento”. Inocêncio Francisco da Silva mostrou a carta ao escritor Antônio Augusto Teixeira de Vasconcelos, que dela publicou trechos no jornal lisbonense *Revolução de Setembro*, exprimindo a esperança de que o governo reuniria a soma indispensável para continuar a publicação do *Diccionario* e assim poupar-se à vergonha provocada pelas justas exprobrações do ilustrado russo. Com efeito, dentro de alguns meses a Câmara Baixa do Parlamento de Lisboa debateu a questão por proposta do político e literato Joaquim Januário de Sousa Torres e Almeida e em poucos anos a edição foi concluída, e isto aconteceu, frisa Sobolévski, “graças ao impulso dado ao assunto desde o Bulevar Smolénski! Nos ocidentais, há tanto orgulhosos da sua cultura, atuou a repreensão feita pelo bárbaro moscovita”.

E que teria motivado o interesse de Alexandre Púshkin por Dirceu e pela sua poesia? São manifestas as afinidades entre os dois: contemporâneos, ambos poetas, ambos sofreram conseqüências da participação menos ou mais atuante em movimentos libertadores, ambos foram exilados e desunidos das amadas.

É natural que essas coincidências atraíssem para Tomás Gonzaga a simpatia do romancista de *Eugênio Onéguin*.

Resta conjecturar o motivo pelo qual Aleksánder Serguéievitch se deteve na Lira IX. Unicamente esta teria chegado até ele ou, entre outras, escolheu-a por alguma razão particular? O pesar da ventura perdida é característico da segunda parte de Marília de Dirceu; teria sido a que o tocou de maneira especial. Agora, quanto a ser a Nona Lira a merecedora da preferência (tratando-se, ao que parece, da única vertida por Púshkin), temos esta opinião: de todas as peças da Parte II é a que mais lhe corresponde ao gosto pelas cenas da natureza. Em vez da sombria descrição do seu estado depois de preso, evoca o cantor de Marília lembranças risonhas e de puro bucolismo, e isso teria seduzido Púshkin.

São estas as hipóteses que procuram explicar a existência da lira de Dirceu entre as obras do poeta russo. Contudo, inclina-se a maioria dos estudiosos a admitir que serviu de fonte a Púshkin o texto francês de Chalas e Monglave. É de notar que os tradutores franceses substituem a *sanfona*, que Dirceu toca na 12ª estrofe, pela *guitarra*, e Púshkin os segue.

A respeito desta tradução ouçamos N. O. Lerner, um dos comentaristas de Púshkin: "... aparece aqui com os traços habituais de inspirado recriador, submetendo-se às imagens e ao temperamento alheios apenas no grau em que correspondem ao seu gosto estético e refinado senso de medida..."

Tal critério, adotado por Alexandre Púshkin nas traduções, explica as digressões do seu texto, seja qual for a fonte de que se utilizou.

Interessante é notar que, nos trabalhos publicados na Rússia, em que se menciona esta lira, figura ela com o título *Recordações*.

Por ocasião do 220º aniversário de nascimento de Tomás Antônio Gonzaga (considerado "poeta brasileiro" pelos críticos russos), publicou a literata e tradutora I. A. Tiniánova o artigo "O meu coração é mais vasto que o mundo!" (do célebre verso "*Eu tenho um coração maior que o mundo*", da Lira II, 2ª Parte), e a seguir, na série Biblioteca de Poesia Latino-Americana, o livro *T. A. Gonzaga – Liras; Cartas Chilenas* / Tradução do português por I. A. Tiniánova.

Parte do material que serve de base a este artigo foi recebida da Universidade Estatal M. V. Lomonóssov, de Moscou.

BIBLIOGRAFIA

Alekseiev, M. P. *Pushkin i mirovaia literatura*. Leningrad

Pushkin, A. S. *Sobranie sotchinenii*. Leningrad, 1936

Bolshaia Sovietskaia Entsiklopedia. Moskva, 1978

Entsiklopedicheski slovar. Moskva, 1963

Monglave, E. de et Chalas, P. *Marilie, chants élégiaques de Gonzaga*. Traduits du portugais. Paris: C. L. F. Panckoucke, éditeur, 1825

Gonzaga, T. A. *Marília de Dirceu*. São Paulo: Martins, 1975



METEMPSICOSE

Soares da Cunha*

Talvez, em outros dias, outra Idade,
numa vida passada que tivemos,
envolta no mistério da saudade
e cujos episódios esquecemos,

Talvez – quem sabe se não é verdade? –
habitando outro corpo que perdemos,
nalgum belo país da antigüidade,
foi que outrora nós dois nos conhecemos.

Por isso, meu amor, por tal razão,
é que ao te ver, pelo primeiro dia,
nas vestes da presente encarnação,

tive a impressão de que me recordava
que, não sei de onde, já te conhecia,
e, desde não sei quando, já te amava!



*Acadêmico

CRÔNICA TAMBÉM É SERVIÇO

Eduardo Almeida Reis*

Foi muito bom que o professor Wilson Martins, com as credenciais de mais respeitado crítico literário do Brasil, cuidasse do gênero crônica num dos seus artigos semanais para o jornal *O Globo*. O autor da monumental *História da Inteligência Brasileira* diz que a crônica é a literatura do jornalismo. E que é, também, o que se pode ter como a poesia da prosa.

Wilson Martins esclarece que se refere aos cronistas que se destacam da mediania intelectual e literária, porque a crônica é, antes de mais nada, um exercício de estilo e interpretação: "Todos vêem, mas o cronista deve saber ver. As facilidades aparentes da espécie podem iludir muitos aspirantes bem intencionados, que escrevem crônicas como os parnasianos de carregação escreviam sonetos, e os contistas incontáveis (sem trocadilho) escrevem contos. É, de resto, na leitura dos maus contistas e cronistas que podemos perceber o que os bons têm de bom, ao contrário do que geralmente se pensa".

Já se disse que a crônica é um gênero menor, mas é aquela conversa: vai fazer... É claro que todo texto com jeito e tamanho de crônica é uma crônica. Resta saber se tem sustância, se instiga, comove, irrita, diverte e ensina. Gosto muito da última palavra da frase anterior: ensina. É claro que ninguém lê crônicas para aprender, mas se encontrar um dado instigante, uma informação interessante, melhor ainda; nada impede que a crônica possa "informar".

Numa vista d'olhos sobre as crônicas que faço há mais de 30 anos, sem interrupções, para diversos jornais e revistas, há muito de prestação de serviços. Não raras vezes abordei assuntos polêmicos, que me renderam cartas furiosas de alguns leitores e a simpatia de muitos outros.

O que importa, quando se diz qualquer coisa em matéria assinada, é que o autor acredite honestamente naquilo que escreve. Devo ter errado, ou ter sido

*Acadêmico.

injusto e exagerado uma porção de vezes, mas tenho a certeza de que procurei ser honesto. Quanto ao fato de fazer inimigos, ouçamos o padre Vieira, respeitada a ortografia do livro *Syntaxe Historica Portuguesa*, de Augusto Epiphanio da Silva Dias: "Ter inimigos parece um genero de desgraça; mas não os ter, é indício certo de outra muito maior".

De uns tempos a esta parte, os jornalões do Rio e de São Paulo, com respingos nas Minas Gerais, cismaram de transformar cineastas, teatrólogos, romancistas, poetas, cantores, compositores, carapinas e magarefes em cronistas semanais. Ainda quando, eventualmente, alguns possam acertar no tempero do texto, os resultados são catastróficos. Há poetas, e romancistas, e teatrólogos que também são cronistas, assim como há cronistas que podem, eventualmente, acertar a mão e o passo num poema, numa peça de teatro ou num romance.

Por outro lado, nada impede que um cronista saiba destrinçar alcatras e patinhos, ou cantar durante o banho matinal. De modo geral, contudo, é conveniente que cada um lavre sua seara, para evitar os textos deprimentes que se lêem por aí.



CADEIRA - PATRONO - ACADÊMICO

- 1 Visconde de Araxá - Danilo Gomes
- 2 Arthur França - Oswaldo Soares da Cunha
- 3 Aureliano José Lessa - Oscar Dias Corrêa
- 4 Frei José Marianno da Conceição Velloso - Alphonsus de Guimaraens Filho
- 5 José Maria Teixeira de Azevedo Júnior - Miguel Augusto Gonçalves de Souza
- 6 Bernardo Pereira de Vasconcellos - Alaíde Lisboa
- 7 Luís Cassiano Martins Pereira - João Bosco Murta Lages
- 8 João Batista Martins - Milton Reis
- 9 Josaphat Bello - Márcio Garcia Vilela
- 10 Claudio Manuel da Costa - Fábio Doyle
- 11 Frei José de Santa Rita Durão - Dom João Resende Costa
- 12 Ignacio José de Alvarenga Peixoto - Olavo Drummond
- 13 José Pedro Xavier da Veiga - Paulo Tarso Flecha de Lima
- 14 José Candido da Costa Senna - Antenor Pimenta
- 15 Bernardo Joaquim da Silva Guimarães - Bonifácio José Tamm de Andrada
- 16 Francisco de Paula Cândido - José Afranio Moreira Duarte
- 17 Conde de Prados - Aluísio Pimenta
- 18 Manoel Ignacio da Silva Alvarenga - José Henrique Santos
- 19 Padre-Mestre José Joaquim Corrêa de Almeida - Padre José Carlos Brandi Aleixo
- 20 Arthur Lobo - Ariosvaldo de Campos Pires
- 21 Fernando de Alencar - Caio Mário da Silva Pereira
- 22 Júlio César Ribeiro - Fábio Lucas
- 23 Joaquim Felício - Raul Machado Horta
- 24 Barbara Eliodora - Eduardo Almeida Reis
- 25 Augusto Franco - Antônio Aureliano Chaves de Mendonça
- 26 Evaristo Ferreira da Veiga - Lacyr Schettino
- 27 Eduardo Corrêa de Azevedo - Padre Paschoal Rangel
- 28 Américo Lobo - José Bento Teixeira de Salles
- 29 Aureliano Pereira Corrêa Pimentel - Murilo Paulino Badaró
- 30 Oscar Nogueira da Gama - Oiliam José
- 31 Lucindo Pereira dos Passos Filho - Luís Carlos de Portilho
- 32 Marquês de Sapucaí - Almir de Oliveira
- 33 Edgar Matta Machado - José Crux Rodrigues Vieira
- 34 Thomaz Antonio Gonzaga - (vaga)
- 35 João Pinheiro da Silva - Carlos Mário da Silva Velloso
- 36 José Eloy Ottoni - Aloísio Texeira Garcia
- 37 Manoel Basílio Furtado - Edgard Vasconcellos Barros
- 38 Beatriz Francisca de Assis Brandão - (vaga)
- 39 José Basílio da Gama - Patrus Ananias de Souza
- 40 Visconde de Caeté - Maria José de Queiroz

Prêmio Belgo de Meio Ambiente desperta consciência ecológica

O Grupo Belgo, com atividades nos setores de Siderurgia e Trefilarias, mantém uma forte atuação ambiental nas comunidades onde está presente. Um dos principais programas na área de educação ambiental é o Prêmio Belgo de Meio Ambiente, um concurso de redações e desenhos que envolve filhos de empregados e alunos de escolas dos municípios de sua influência.

O Prêmio é coordenado pela Fundação Belgo-Mineira, braço social do Grupo, e tem como principal objetivo conscientizar as novas gerações para a importância do desenvolvimento sustentável.

A cada ano, um tema é apresentado para o desenvolvimento das redações e desenhos, que concorrem a premiação em dinheiro. Em 2001, por exemplo, o tema apresentado aos estudantes foi "Todos os seres vivos são importantes". Participaram 226.886 estudantes de 739 escolas públicas e particulares de 34 municípios de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Bahia.

Desde seu início, quando ainda estava restrito à Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, o Prêmio já acumula mais de 1,8 milhão de trabalhos produzidos sobre temas ambientais que, sem dúvida, fizeram com que jovens estudantes de 1º grau refletissem sobre a importância de temas como preservação dos recursos naturais, futuro da terra e a importância da ecologia na vida das pessoas.

Fundação Belgo-Mineira

O foco do trabalho da Fundação Belgo-Mineira é a Educação, através do Programa Ensino de Qualidade que hoje contempla cerca de 20 mil alunos e cerca de mil técnicos da área de ensino de escolas públicas municipais e estaduais nas comunidades onde o grupo atua.

A Fundação conta ainda com o Programa Cidadão do Amanhã que consiste na destinação de parte do Imposto de Renda de empregados e empresas a entidades assistidas pelos Fundos de Criança e Adolescência. Na área cultural, a Fundação Belgo-Mineira desenvolve várias ações, sempre com o objetivo de assegurar que os programas culturais sejam complementares às atividades educacionais.